

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

KATIA ACKERMANN

**Mercado de trabalho invisível: a articulação entre o trabalho no
mercado informal, o emprego e o desemprego na trajetória de
trabalhadores**

São Paulo
2007

KATIA ACKERMANN

**MERCADO DE TRABALHO INVISÍVEL: A ARTICULAÇÃO ENTRE O
TRABALHO NO MERCADO INFORMAL, O EMPREGO E O DESEMPREGO
NA TRAJETÓRIA DE TRABALHADORES**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social e do Trabalho.

Orientadora: Profa. Dra. Leny Sato

São Paulo

2007

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Ackermann, Katia.

Mercado de trabalho invisível: a articulação entre o trabalho no mercado informal, o emprego e o desemprego na trajetória de trabalhadores/ Katia Ackermann; orientadora Leny Sato. -- São Paulo, 2007.

174 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicologia organizacional 2. Trabalho informal 3. Trabalho 4. Redes sociais 5. Psicologia social I. Título.

HF5548.8

Katia Ackermann

Mercado de trabalho invisível: a articulação entre o trabalho no mercado informal,
o emprego e o desemprego na trajetória de trabalhadores

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo como parte
dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em
Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social e do
Trabalho.

Orientadora: Profa. Dra. Leny Sato

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Dissertação apresentada e aprovada em: ___/___/___

Para meus queridos pais, Valika e Helgo.

Para Gui, meu companheiro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Leny pela impecável orientação. Ela soube bem dosar os momentos de orientação, de empurrão e de espera, respeitando o meu tempo para que eu pudesse descobrir as minhas motivações e trilhar meus próprios caminhos de pesquisa. Sua leitura atenciosa de meus textos, seus comentários e sugestões, nossas reuniões sempre inspiradoras e seu entusiasmo incentivaram-me e impulsionaram-me a pesquisar e estudar.

Ao Henrique Caetano Nardi e à Sylvia Leser de Mello, pelos comentários e sugestões por ocasião do exame de qualificação. Também pela gentileza e pela disponibilidade com que sugeriram e emprestaram materiais de leitura. Suas contribuições tornaram minha caminhada mais focada e tranqüila.

À Rose Scopinho, pela disponibilidade para ler meu trabalho e participar da banca examinadora.

Aos entrevistados, que com boa vontade responderam minhas perguntas e contaram suas vidas de trabalho. Foi ouvindo suas narrativas que pude compreender o que era realmente importante pesquisar. Sem eles, este estudo simplesmente não seria possível.

Ao grupo de orientação (Carolina, Juliana, Renata, Ana Maria, Márcia, Egeu e Paulo), pelo espaço acolhedor de discussão e pelas contribuições ao meu trabalho.

À Juliana Braz e ao Wilson (Ceará), por gentilmente indicarem os entrevistados.

À Sidinéia, por toda a disponibilidade e a atenção. O trabalho de campo seria bem mais difícil sem a sua ajuda.

À Valika e ao Helgo, meus queridos pais, por tudo. Pelo apoio incondicional, pelo carinho e incentivo em todos os momentos. A segurança de tê-los em minha vida me impulsiona para o mundo e para novas conquistas. Este trabalho não seria possível sem a existência deles.

Ao Gui, presença essencial em minha vida, agradeço por cuidar tão bem de mim e também por seu amor, seu carinho, sua compreensão e sua paciência. Em todos os momentos em que as dificuldades pareciam grandes demais, ele esteve ali para me acolher, incentivar e encorajar. Sua disponibilidade e entusiasmo ao ler meus escritos, ouvir minhas dúvidas e descobertas e dar sugestões foram motores indispensáveis na realização deste trabalho. Sem a tranqüilidade e a segurança que ele me transmite este percurso seria certamente mais penoso.

Ao Marko, meu querido irmão mais velho, presença especial em minha vida. Sempre estive por perto apesar de hoje estar tão longe. Agradeço a ele e também à Priscila pelo apoio e incentivo que me mandaram do outro lado do oceano.

À Clau, grande amiga, presente em todas as etapas do mestrado. Deu-me muitos conselhos de mestre, ajudou-me a me organizar, elaborando seus famosos cronogramas, tranquilizou-me e incentivou-me. Também nossas conversas, “programinhas”, viagens e lanchinhos gostosos foram momentos de cumplicidade e diversão que me ajudaram a relaxar e “recarregar as baterias” para continuar trabalhando. Agradeço também por todo o carinho de seus pais, Lourdes e Jair.

À Jana, companheira de todos os momentos. Desde os primeiros anos da faculdade, nossos caminhos e escolhas sempre tão próximos fizeram com que compartilhássemos muitas das descobertas, alegrias e angústias de crescer. Também juntas no mestrado, pudemos dividir todas as alegrias e dificuldades do trabalho de pesquisa. Agradeço também a seu marido Max e a seus pais, Marta e Zé Beti, pela agradável convivência.

À Suely e ao Alexander, pela carinhosa acolhida, por toda a ajuda e pelos gostosos almoços e lanches com direito aos pratos especiais da Kate.

À Ju e à Mi, queridas amigas de adolescência com quem percebi que boas amizades ultrapassam as barreiras espaciais e perduram por muitos anos. Nossas conversas mostram que, apesar da distância, continuamos muito próximas.

Aos queridos amigos Naty, Lub, Patty, Chlis, Danilo, Lela, Alê e Bruno, companheiros de conversas, cervejas, jogatinas e viagens (Juquehy, Ilha Bela, Guarujá). A companhia deles foi fundamental para arejar, recarregar as energias e voltar com ânimo renovado para o trabalho de pesquisa.

Aos meus familiares, em especial à tia Thereza, à Karen e ao Klaus, pelo carinho e pela torcida.

À Zete, à Ju, à Marília, ao Jorge e ao João Pedro, pela calorosa acolhida e pelos agradáveis momentos de descontração.

À Cláudia, por me ajudar a compreender as dificuldades e angústias na realização deste trabalho, tornando mais fácil o meu percurso.

À Mari Amaral, pela cuidadosa revisão do texto da dissertação.

À Cecília e à Nalva, pelo apoio e pelos esclarecimentos prestados de forma tão clara e competente. Também pela simpatia e pelo contagiante bom humor.

Ao CNPq, pelo financiamento desta pesquisa.

RESUMO

ACKERMANN, K. *Mercado de trabalho invisível: a articulação entre o trabalho no mercado informal, o emprego e o desemprego na trajetória de trabalhadores*. 2007. 174 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Esta pesquisa teve como ponto de partida o reconhecimento da existência de parcelas da população que sempre tiveram que recorrer ao mercado informal de trabalho para garantir sua sobrevivência. No Brasil, o emprego nunca foi pleno, diferentemente da Europa, onde houve, de fato, a construção de um Estado de bem-estar social.

A partir da década de 1980, a reestruturação produtiva e a intensificação liberal provocaram não somente a diminuição de postos de trabalho formais, mas também crescente flexibilização das relações de trabalho e degradação das condições de trabalho. Desde então, um número cada vez maior de trabalhadores não consegue encontrar uma vaga no mercado formal de trabalho e, assim, acessar os direitos do trabalho.

Este estudo teve como objetivo compreender como os trabalhadores articulam o trabalho, o emprego e o desemprego nas suas trajetórias de trabalho. As questões que se pretendeu responder foram: como as pessoas “se viram” diante da impossibilidade de ter acesso à proteção social garantida pelo vínculo empregatício? Que valores orientam essas trajetórias? Que lugar o emprego, enquanto símbolo e garantia de acesso aos direitos sociais, e o trabalho no mercado informal assumem na vida desses trabalhadores? Quais vantagens e desvantagens são atribuídas ao emprego e ao trabalho no mercado informal? Qual é o papel desempenhado pela rede de sociabilidade nas trajetórias de trabalho dos entrevistados?

Para tanto, foram analisadas individualmente as trajetórias de sete trabalhadores de classes pobres que realizam atividades no mercado informal.

As trajetórias de trabalho analisadas nesta pesquisa demonstram a complexidade e a diversidade da questão do trabalho no mercado informal. São muitas as articulações possíveis entre o emprego e o trabalho no mercado informal nos percursos dos trabalhadores. Também são muitos os arranjos encontrados para gerar renda e garantir a própria sobrevivência e a de suas famílias. Pudemos, neste trabalho, testemunhar a grande flexibilidade e inventividade com que as pessoas de classes pobres conseguem transformar as mais diversas situações em oportunidade de geração de renda, o que revela que os trabalhadores encontram formas de superar as situações de dificuldade que experimentam.

As redes de sociabilidade, a dádiva e os valores da ética do trabalho e/ ou da ética do provedor constituíram-se em elementos fundamentais em nossas análises. Esses elementos aparecem de diferentes maneiras nas trajetórias de trabalho e as combinações entre eles produzem não apenas diversificadas articulações entre o trabalho no mercado informal e o emprego, mas também distintas compreensões a respeito desses conceitos por parte dos entrevistados.

As narrativas dos trabalhadores mostraram que o trabalho inicialmente denominado precário e o emprego possuem outras dimensões além daquelas que usualmente os

acompanham. As vantagens e desvantagens percebidas em cada uma dessas modalidades de inserção no mercado de trabalho denotaram que o trabalho no mercado informal não é percebido e vivido apenas como precariedade (trabalho precário) e também o emprego não apareceu apenas como vínculo seguro e desejável.

Palavras-chave: psicologia do trabalho; psicologia social; trabalho; trabalho informal; emprego; redes sociais.

ABSTRACT

ACKERMANN, K. *Invisible work market: the articulation between work in informal market, employment and unemployment in workers' trajectories*. 2007. 174 p. Thesis (Master). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

This research was started by recognizing the existence of parts of the population who always had to turn to the informal work market in order to survive. In Brazil, employment never reached the whole population, unlike Europe, where there was in fact the constitution of welfare states.

Since the 1980s, the productive restructuring, along with the intensification of the liberal economy, resulted not only in the reduction of the number of formal jobs available, but also in the increasing of the flexibility of work relations and the debasing of working conditions. Since then, a greater amount of workers cannot find jobs in the formal work market, becoming obstructed to access work rights.

This study's goal was to understand how workers articulate work, employment and unemployment in their work trajectories. The questions intended to answer were: how do workers "make do" with the impossibility of having access to social protections that are guaranteed by the employment? Which values guide these work trajectories? How does employment, as a symbol and guarantee of the access to social rights, take place in these workers lives? And how does the work in the informal market take place in their lives? Which advantages and disadvantages are attributed to formal employment and to informal work market? What is the importance of the social networks in these work trajectories?

In order to answer these questions, the trajectories of seven working class people, somehow involved in the informal work market, were analyzed.

The work trajectories analyzed in this research show the complexity and the diversity present in the informal work market issue. There are many possible articulations between employment and informal work market in these trajectories. There are also many possible life sets to earn any income and guarantee their own surviving, as well as their families'. It was possible, in this research, to witness the great inventivity and flexibility these workers have to transform several and different situations in opportunities to earn income. This fact reveals that workers find their ways to overcome the difficulties experienced.

The social networks, the gift, the values related to the (protestant) work ethic and to the provider ethic were extremely important elements in our analysis. These elements appear in different ways in their work trajectories. The combinations between them result not only in diverse articulations between the informal work market and employment, but also in different comprehensions of the workers about these concepts.

The narratives of the workers showed that the work incially called precarious and employment have other dimensions beyond those that usually go along with them. The advantages and disadvantages perceived in each of these types of insertion in the work market showed that work in the informal market is not experienced as precarious exclusively; furthermore, employment did not appear only as a wished and safe situation.

Key-words: work psychology; social psychology; work; informal work; employment; social networks.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	12
1.1 Mudanças recentes na configuração do mercado de trabalho.....	12
1.2 Importância simbólica do trabalho e do emprego.....	17
2 O percurso das indagações.....	23
2.1 Preocupação inicial.....	23
2.2 Multiplicidade de situações e de denominações no mercado de trabalho.....	26
2.3 Incursão ao campo: a plasticidade e a vivacidade das formas de sobrevivência criadas pelos trabalhadores.....	27
3 Objetivos.....	30
4 Método.....	31
4.1 O trabalho de campo.....	32
4.1.1 A aproximação inicial.....	32
4.1.2 As entrevistas.....	33
4.2 Análise das entrevistas.....	35
5 A diversidade do mercado informal.....	37
6 A importância das relações pessoais no mercado invisível.....	41

6.1 Integração, vulnerabilidade e desfiliação: as relações pessoais, o trabalho e a segurança.....	41
6.2 A dádiva.....	46
7 Trajetórias de trabalho.....	55
7.1 Ari.....	55
7.2 Sônia.....	71
7.3 Eliza.....	89
7.4 Cristiane.....	103
7.5 Chico.....	120
7.6 João.....	145
7.7 Evaldo.....	151
8 Considerações finais.....	156
9 Referências bibliográficas.....	171

1 Introdução

1.1 Mudanças recentes na configuração do mercado de trabalho

Castel (1998), em seu livro *Metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*, faz um histórico do desenvolvimento da condição de assalariado na Europa. Relata que, na sociedade pré-industrial, essa condição existiu de forma fragmentada e era considerada uma situação indigna e miserável. Só se sujeitava ao assalariamento aquele que “não era nada e nada tinha para trocar” (CASTEL, 1998, p. 21) além da sua força de trabalho. A condição de assalariado estava fortemente associada à dependência, à impossibilidade de garantir por si só os meios para sua própria sobrevivência, o que era considerado vergonhoso. Encontram-se nessa situação, por exemplo, o artesão arruinado, o agricultor que a terra não alimentava, o aprendiz que não conseguia chegar a mestre, etc.

Com a revolução industrial e o avanço do capitalismo, o assalariamento passa a ser a forma dominante de garantir a sobrevivência para grande parcela da população. Essa condição se transforma até que, a partir de 1960, supera as desvantagens por meio da imposição de poderosos sistemas de proteção ao trabalhador assalariado garantidos por um Estado social. Dessa maneira, o assalariamento passa a se constituir na modalidade de relação de trabalho que garantia renda e proteções sociais e acaba por superar

a oposição secular entre trabalho e patrimônio. Bons salários, posições de poder e de prestígio, liderança em matéria de modos de vida e de modos culturais, segurança contra os acasos da existência não estão mais necessariamente ligados à posse de um grande patrimônio. Em último caso, as posições socialmente dominadas poderiam até mesmo ser asseguradas por ‘puros’ assalariados, isto é, por pessoas cujos salários e

cuja posição na estrutura social dependeriam exclusivamente de seu emprego. (CASTEL, 1998, p.468.)

Ou seja, muda o significado social da condição de assalariado, a qual passa, do absoluto descrédito, ao *status* de organizadora da sociedade e de garantidora de proteção social e de reconhecimento público.

Segundo Nardi (2006), a construção da sociedade salarial nos países capitalistas centrais permitiu a organização de uma ordem social baseada na regulação das relações de trabalho. Foi, então, criada uma série de mecanismos para garantir as condições necessárias para uma sobrevivência digna, em contraposição à vivência da constante necessidade.

Esse sistema foi denominado de “propriedade social” por Castel (1998), em referência a uma propriedade disponibilizada pelo Estado e capaz de prover segurança ao trabalhador diante de imprevistos que inviabilizam a atividade produtiva, como doenças, acidentes ou a velhice.

No mercado de trabalho do Brasil não houve, como destaca Guimarães (2002), a generalização da relação salarial estável; tampouco constituiu-se um Estado de bem-estar social que, como na Europa, garantisse de fato proteção social. O emprego nunca foi pleno no Brasil, sempre houve uma parcela considerável da população fora do vínculo formal de trabalho, buscando remuneração por meio da realização de atividades de trabalho à margem das regulamentações e proteções trabalhistas.

Neste país, mesmo não havendo a construção, de fato, de uma sociedade salarial, houve, como ressalta Cacciamali, um movimento, dos anos 1930 aos 1980, no sentido de conquistar uma “ampliação da proteção da mão-de-obra assalariada com contrato registrado por tempo indeterminado e sindicalizada” (CACCIAMALI, 2000c, p.16). A

autora também cita a Constituição Cidadã de 1988 como importante instrumento para ampliar os direitos sociais desse segmento da sociedade.

Apesar de a condição salarial não ter se estendido, em nenhum momento, a toda a população, foi também a forma em torno da qual os significados do trabalho se organizaram, motivando a constituição de movimentos reivindicatórios por melhores condições de trabalho.

Como aponta Nardi, mesmo sendo mínimos no Brasil, esses suportes sociais, que se restringem à legislação trabalhista e ao acesso à previdência social àqueles que tem carteira assinada, “permitiram um relativo controle dos projetos de vida” (NARDI, 2006, p. 40). Permitiram inclusive, como aponta Jardim (2004), a construção de uma cultura do emprego muito ligada aos direitos sociais associados ao vínculo formal de trabalho, que será abordada adiante. Portanto, o emprego também possui, no país, uma importância para o reconhecimento do indivíduo na sociedade.

De tal modo, mesmo no Brasil a condição de assalariado parecia ter se instalado de forma definitiva, com movimentos de ampliação de proteções e direitos dos trabalhadores assalariados, emprego como critério de classificação e reconhecimento do indivíduo na sociedade. No entanto, a partir das transformações no mundo do trabalho e na dinâmica do mercado de trabalho, que tiveram início na década de 1980 (MATTOSO, 1994), e das políticas sociais neoliberais que se sucederam a partir de 1989 (NARDI, 2003), esse arranjo político e institucional se torna insuficiente.

A respeito das transformações que ocorreram na década de 1980, Mattoso (1994) aponta para a chamada Terceira Revolução Industrial, com seus avanços em informática, robótica, automação, comunicação e inovações tecnológicas nos locais de trabalho; em nome da racionalidade da produção e do trabalho e da competitividade, enxuga-se o

trabalho humano e amplia-se o técnico-científico (ANTUNES, 2005); também teve início, nesse período, a introdução de novas formas de organização do trabalho e da produção.

O fordismo e o taylorismo já não são únicos e mesclam-se com outros processos produtivos (neo-fordismo, neo-taylorismo, pós-fordismo). Novos processos de trabalho emergem, onde o cronômetro e a produção em série e de massa são “substituídos” pela flexibilização da produção, pela “especialização flexível”, por novas formas de adequação da produção à lógica de mercado. (ANTUNES, 1997, p. 32.)

Com relação à década de 1990, com a intensificação liberal e a recessão produtiva, a insegurança do trabalho cresce. A partir de então, o problema do desemprego agrava-se; não é mais simples sintoma de estagnação, e a solução não mais corresponde a crescimento econômico e geração de novos postos de trabalho, nem a maior flexibilização e redução de custos (salários), como recomendado antes da década de 1980. Chaui aponta que “com o Neoliberalismo, do lado da economia, há uma acumulação de capital que não necessita incorporar mais pessoas ao mercado de trabalho e de consumo, operando com o desemprego estrutural” (CHAUI, 2001, p. 94).

As conseqüências dessas transformações, segundo Mattoso (1994), foram crescimento da competitividade, enfraquecimento do trabalho organizado, questionamentos sobre direitos ou conquistas dos trabalhadores e das sociedades democráticas, fragmentação e heterogeneidade do mercado de trabalho e rompimento das seguranças do trabalho.

Nesse contexto, além do desemprego estrutural, observa-se, especialmente no Brasil, em nome do aumento da eficiência em um ambiente mais competitivo, uma mudança nas regras da relação de assalariamento: alteração de formas de inserção, contratos de trabalho, direitos sociais e conteúdo de ocupações (CACCIAMALI, 2000c) e

flexibilização da remuneração, função e jornada de trabalho (CACCIAMALI, 2000b). Também é cada vez maior o número de assalariamentos fora do emprego formal, ou seja, sem carteira registrada; trabalhos assalariados de curta duração, esporádicos, irregulares e em domicílio, com pequena ou nenhuma proteção social (CACCIAMALI, 2000b).

“A classe trabalhadora vivencia um processo de fragmentação, complexificação, heterogeneização e intensificação do trabalho.” (ANTUNES, 1997, p. 35.) Como aponta Castel (1998), fica claro que a precarização do emprego e do trabalho e o desemprego fazem parte da dinâmica atual do mercado de trabalho e não são mais situações ocasionais, visto que essas condições são o resultado de um déficit estrutural de lugares ocupáveis no mercado de trabalho.

Tais transformações levam a uma crescente dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Para conseguir emprego, muitas são as exigências com relação à idade, aos estudos, à aparência, etc. As condições de trabalho em empregos são também cada vez mais precárias: a remuneração é insuficiente e há aumento da insegurança devido à crescente flexibilização das relações de trabalho. Nesse contexto, o resultado não é apenas o desemprego para aquela parcela da população anteriormente empregada, mas também uma maior dificuldade de inserção no mercado formal para aquela população que já se encontrava no informal.

No entanto, Antunes (2005) analisa que todas essas transformações não resultam na perda da centralidade do trabalho¹. Ele continua sendo fundamental para a sobrevivência material e provedor da identidade social, uma vez que, para os que têm capacidade de

¹ Há um intenso debate a respeito da centralidade do trabalho na atualidade. Alguns autores que discutem essa questão são Gorz (1987), Offe (1989), Antunes (1995; 2000), Lessa (2002) e Meda (2004).

trabalhar, o direito à vida depende fortemente do fruto de seu trabalho. Segundo ele, ocorre redução do emprego estável e aumento da informalidade.

No Brasil, onde não houve a constituição de um Estado de bem-estar social e onde a institucionalização do desemprego é bastante precária (como no caso do seguro-desemprego), a maneira mais adotada para lidar com o desemprego, como aponta Guimarães², tem sido a inserção na informalidade.

Portanto, o setor informal, entendido como aquele cujas atividades se encontram à margem de qualquer regulamentação ou controle por parte do poder público (JAKOBSEN, 2000; CACCIAMALI, 2000b), vem crescendo de maneira intensa. Jakobsen (2000) chega a afirmar que quase metade da população ocupada da cidade de São Paulo é composta por trabalhadores que realizam atividades no mercado informal.

Ao considerar essas transformações no mercado de trabalho, é importante, principalmente para um estudo em psicologia social, levar em conta a esfera simbólica desses processos sociais.

1.2 Importância simbólica do trabalho e do emprego

O trabalho é tido como natural e estruturante na vida das pessoas, uma vez que na sociedade contemporânea é por meio dele que nos inserimos no mundo, seja pela remuneração que permite a sobrevivência, já que se constitui na forma socialmente reconhecida e valorizada de obtenção de recursos financeiros, seja pelo sentimento de pertinência a um mundo baseado no trabalho. Numa sociedade pautada no trabalho, é este

² Comunicação oral feita no seminário *Desemprego: contextos institucionais, trajetórias ocupacionais e representações – comparação internacional Brasil, França, Japão*, realizado em agosto de 2005 na Fundacentro.

que deveria, supostamente, promover a inserção social, a organização do tempo, da identidade pessoal e da vida social (JAHODA, 1987).

Jardim salienta que, em muitos casos, “é a possibilidade ou não de trabalhar que determina as condições de enraizamento na cidade. É por meio do trabalho que, na cidade, constrói-se um lugar” (JARDIM, 2004, p. 102). Também nesse sentido, Bosi revela que “o que há de mais íntimo na vida de cada homem só pode encontrar respostas na estrutura social” (BOSI, 2003, p. 19). Ou seja, é por intermédio do trabalho que as pessoas são inseridas na estrutura social³ e ele é um importante provedor de significado para a existência.

Mesmo com o crescente dismantelamento dos direitos trabalhistas e da degradação das condições de trabalho, a centralidade deste em nossa sociedade e na vida das pessoas persiste, e ele continua sendo uma referência não só no sentido econômico, mas no psicológico, no cultural e no simbólico (CASTEL, 1998), tendo o emprego importância significativa.

Castel (1998) mostra que a condição de assalariado se difundiu e acabou se impondo como provedora de identidade e reconhecimento social e significado para a vida, apesar de não contemplar todos os trabalhadores e de haver desigualdade em função de gênero, sexo, etnia, etc. mesmo entre os que são assalariados. A figura do emprego continua forte e contém muitos significados, além de estar associada a uma série de benefícios sociais: é pelo emprego que se tem acesso aos direitos do trabalho e do seguro social (FGTS, seguro-desemprego, aposentadoria, Instituto Nacional do Seguro Social, etc.).

³ Segundo Castel (1998), a estratificação social nas sociedades modernas é fundada sobre a divisão do trabalho, portanto, essencialmente, o lugar ocupado nesta define as posições sociais.

Não se trata aqui de tentar carregar a legislação trabalhista que temos apenas de absoluta positividade, deixando de se reconhecer seus efeitos de distinção, suas insuficiências para a criação de relações assalariadas estáveis ou seus aspectos que reforçam o autoritarismo patronal, mas se trata de reconhecer que, sua existência, aliada à experiência de períodos de crescimento econômico e geração de empregos industriais, disseminou um certo horizonte simbólico de integração que opera na organização do mundo do trabalho que hoje se encontra em crise. (JARDIM, 2004, p. 259.)

O momento atual é marcado pelo dismantelamento das certezas dos anos de crescimento econômico e dos direitos trabalhistas conquistados no auge da “sociedade salarial”⁴ brasileira há apenas vinte anos.

No entanto, os mesmos valores veiculados naquele período – a saber, a cultura do emprego (JARDIM, 2004) e a ética do trabalho – ainda fazem eco e continuam importantes para a compreensão do presente. Neste estudo, tais valores são essenciais para compreender a orientação das trajetórias de trabalhadores do mercado informal.

Fundamental para compreender a adesão das pessoas ao trabalho e a importância que ele assume em suas vidas é a ética do trabalho. Como aponta Nardi (2006), o termo “ética do trabalho” refere-se, na verdade, à abreviação do termo “ética protestante do trabalho”, criado por Weber para descrever a maneira como foi possível valorizar o trabalho e a acumulação, elementos imprescindíveis para o desenvolvimento do capitalismo. Nardi (2006) recorda que, de acordo com Weber, o trabalho, na doutrina protestante, é entendido como uma obrigação moral e seria a principal maneira de “assegurar o estado de graça na doutrina protestante” (NARDI, 2006, p. 44).

No Brasil, a ética do trabalho foi introduzida por meio da associação dos valores da família aos valores do trabalho (NARDI, 2006; ZALUAR, 2000) e, portanto, como aponta

⁴ Como versado anteriormente, não houve a construção, de fato, de uma sociedade salarial no Brasil, portanto a utilização do referido termo neste estudo alude aos suportes sociais existentes aqui – a saber, o sistema de proteções ligadas à carteira de trabalho assinada.

Nardi (2006), aparece como a ética do provedor da família, ligada ao sustento familiar e dissociada da sua base religiosa.

Também privados do orgulho que os membros da corporação de ofícios tinham pelo conhecimento das técnicas necessárias para realizar seu trabalho, próprio do período pré-capitalista, e da satisfação moral que a concepção religiosa do trabalho como um valor em si, própria do capitalismo em sua versão puritana, aos trabalhadores pobres do Brasil resta a satisfação material que seus ganhos salariais poderiam lhes fornecer. (ZALUAR, 2000, p. 120)

Segundo Zaluvar, o que determina o respeito pela figura do trabalhador é o esforço deste para aumentar a renda familiar e sustentar sua família. É o cumprimento dessa obrigação para com os membros de sua família que o faz aceitar o trabalho como positivo, e não “a idéia do trabalho como um valor em si, garantia de alcançar a aprovação divina e a própria dignidade interior” (ZALUAR, 2000, p. 120), presente na ética protestante do trabalho.

Portanto, podemos afirmar que é a ética do provedor, ou seja, a necessidade de sustento do trabalhador e de sua família que o leva a aderir à disciplina do trabalho. “É assim que o trabalhador pobre alcança a redenção moral e, portanto, a dignidade pessoal.” (ZALUAR, 2000, p. 121.)

Para Zaluvar (2000), é por meio da ética do provedor que se opera uma distinção entre os trabalhadores honestos, respeitáveis, e aqueles que rejeitam o trabalho, como os “vagabundos” e os bandidos. É essa ética que permite aos trabalhadores brasileiros orgulharem-se de si mesmos e aparecerem como moralmente superiores àqueles que “escolheram” os “caminhos errados”, dissociados da disciplina do trabalho.

A construção da sociedade salarial no Brasil não abrangeu a todos, nem representou igualdade, como vimos. No entanto, ela propiciou a formulação de uma cultura do emprego.

A cultura do emprego, como aponta Jardim (2004), está fortemente associada aos direitos/ benefícios acessados por meio do emprego. Diz respeito a uma certa segurança e à possibilidade de planejamento do futuro em oposição à vivência da constante necessidade, das preocupações com o presente e com o futuro. Os salários indiretos, os benefícios sociais e o fundo de garantia por tempo de serviço incutem uma noção, mesmo que talvez imaginária, de segurança contra os percalços da vida. Tornam possível utilizar o salário não apenas para suprir as necessidades mais prementes, mas também para construção de um patrimônio (casa), para reforma da casa, para ajudar à família, para planejar a vida; enfim, transforma-o “em produtos visíveis dotados de alguma permanência, construindo-se elos de ligação entre passado, presente e futuro” (JARDIM, 2004, p. 259).

Apesar da crescente dificuldade de encontrar um lugar no mercado formal de trabalho, os valores da cultura do emprego continuam presentes, disseminando uma sensação de segurança diante dos acasos da existência, liberando os trabalhadores da necessidade imediata e permitindo o planejamento do futuro. O emprego aparece ainda como o modelo de adesão ao mercado de trabalho, a despeito da diminuição desses postos de trabalho. Dessa maneira, é importante entender como esses valores sobrevivem e orientam as trajetórias de trabalho daqueles trabalhadores que dependem do mercado informal para garantir sua sobrevivência, seja por não encontrarem um emprego, seja porque os rendimentos de seus empregos são insuficientes e os obrigam a recorrer a outras atividades para aumentar a renda.

A ética do provedor também aparece fortemente nas trajetórias dos trabalhadores entrevistados. É interessante considerar a contribuição desse conceito para o incremento da adesão dos trabalhadores ao mercado informal, uma vez que a necessidade de sobrevivência do trabalhador e de sua família leva à criação dos mais diversos arranjos para geração de renda e à aceitação de trabalhos no mercado informal na impossibilidade de conseguir um emprego ou na impossibilidade de garantir o sustento da família por meio do emprego que têm proporcionado salários cada vez mais baixos.

2 O percurso das indagações

2.1 Preocupação inicial

Constatadas a relevância do trabalho – principalmente sob a forma do emprego, em nossa sociedade – e a persistência dos valores de uma cultura do emprego na configuração atual do mercado de trabalho, a proposta inicial desta pesquisa era focar o desemprego e as questões suscitadas pela ausência desse vínculo de trabalho, abrangendo o tema da sobrevivência material e o sofrimento gerado por essa condição.

Com relação à sobrevivência das pessoas que se encontram fora de relações formais de trabalho, os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)⁵ indicam a “dificuldade de permanência em situação de desemprego aberto⁶ e a transformação do trabalho precário em forma ‘normal’ de geração de renda” (JARDIM, 2004, p. 47). Com a crescente dificuldade de conseguir empregos, é cada vez mais freqüente a inserção em trabalhos precários (“bicos”) pela necessidade de uma remuneração que possibilite a sobrevivência cotidiana. Na ausência do emprego, a necessidade de “se virar”⁷ leva trabalhadores a exercer atividades no mercado informal, e isso muitas vezes dificulta a procura mais ativa por emprego devido à diminuição da disponibilidade de tempo para se empenhar nessa tarefa, apesar de o desejo de encontrá-lo continuar presente.

⁵ Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) desenvolvida em parceria pela Fundação Seade e pelo Dieese.

⁶ Para a PED, o desemprego aberto compreende pessoas que procuraram trabalho de maneira efetiva nos trinta dias anteriores ao da entrevista e não exerceram nenhum tipo de atividade nos sete dias anteriores ao da referida entrevista.

⁷ Essa expressão, muito usada pelos trabalhadores para descrever suas situações de trabalho, é utilizada nesse estudo porque ela se refere, de forma sintética, a importantes aspectos da situação de trabalho no mercado informal, tais como, a situação de incerteza e instabilidade, a iniciativa e a inventividade (o improvisado) dos trabalhadores para gerar renda nestas condições.

Dessa forma, nossa atenção se dirigia para essa parcela da população, composta pelas camadas mais pobres da sociedade brasileira, que deseja conseguir emprego mas que, ante as dificuldades para consegui-lo e as necessidades materiais, precisam realizar atividades no mercado informal de trabalho para conseguir uma remuneração que garanta sua sobrevivência e de sua família.

Assim, nossa proposta inicial enfocava a população inserida no que a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) denomina de “desemprego oculto por trabalho precário”.

Na tentativa de apreender a heterogeneidade da nova realidade do mercado de trabalho no Brasil, a PED procura identificar e mensurar o “desemprego oculto” e utiliza-se de duas subcategorias: o desemprego oculto por desalento⁸ e o desemprego oculto por trabalho precário⁹. O emprego da noção de desemprego oculto marca uma distinção metodológica com relação à Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁰, a qual trabalha apenas com a noção de desemprego aberto, não considerando como desemprego as duas situações mencionadas.

O desemprego oculto por trabalho precário, categoria com a qual pretendíamos trabalhar, engloba pessoas que realizaram algum trabalho remunerado ocasional e pessoas que realizam trabalhos não remunerados de ajuda a parentes e que procuraram mudar de trabalho nos trinta dias anteriores ao da entrevista da pesquisa, ou que, não tendo procurado nesse período, o fizeram, sem êxito, até doze meses atrás. Ou seja, a categoria desemprego oculto por trabalho precário contempla simultaneamente a realização de

⁸ O desemprego oculto pelo desalento engloba as pessoas que não têm trabalho e nem o procuraram nos últimos trinta dias anteriores ao da entrevista da pesquisa, por desestímulo do mercado de trabalho ou por circunstâncias fortuitas, mas apresentaram procura efetiva de trabalho nos últimos doze meses. (Acreditam não haver possibilidade de trabalho para eles.)

⁹ Dessa forma, a PED coloca no centro da discussão a questão do direito ao trabalho, procurando abranger aqueles que estão privados deste, seja por não encontrarem reiteradamente trabalho, seja por conseguirem se inserir apenas em trabalhos precários.

¹⁰ A PED e a PME são as duas principais pesquisas brasileiras sobre o mercado de trabalho.

alguma atividade eventual, irregular e descontínua, sem perspectiva de duração (sem registro em carteira de trabalho), e a procura ativa por emprego.

O desemprego aberto, bem como os ocultos, mostra a persistente relevância do emprego. Englobam pessoas que, apesar das transformações no mundo do trabalho e das dificuldades de encontrar um emprego formal, persistem na busca por ele (no caso do desemprego aberto e oculto por trabalho precário) ou ao menos, se a busca não é tão sistemática, têm o desejo de obtê-lo e a disponibilidade para ele (caso do desemprego oculto por desalento). Evidenciam a vontade dessas pessoas de mudar sua situação no mercado de trabalho e de buscar uma maior estabilidade, associada ao acesso ao seguro social.

Nossa proposta inicial de pesquisa colocava em evidência essa população devido ao desejo desta de manter uma relação formal de trabalho apesar das dificuldades encontradas, ao mesmo tempo em que era submetida a trabalhos precários para garantir sua sobrevivência. Considerávamos a hipótese de que, dada a cultura do emprego, emergiriam depoimentos sustentados pela forte presença simbólica da carteira de trabalho¹¹ e também dos direitos sociais ligados ao emprego.

¹¹ Com relação à importância do registro na carteira assinada, Seligmann-Silva (1997) ressalta que ele está fortemente enraizado na cultura dos trabalhadores, o que não se refere apenas à garantia de acesso aos direitos trabalhistas, mas, mais especificamente, ao fato de a figura contratual do “emprego” ter grande importância simbólica, ou seja, “profundo valor para a identidade social; constituindo uma espécie de prova do reconhecimento social conquistado; e papel importante na preservação da esperança de sair da situação de desemprego” (SELIGMANN-SILVA, 1997, p. 56).

2.2 Multiplicidade de situações e de denominações no mercado de trabalho

Durante nosso percurso de estudos sobre o tema desemprego, evidenciaram-se a multiplicidade de formas de inserção no mercado de trabalho (muitas maneiras de estar dentro e de estar fora do mercado formal de trabalho), a variedade de maneiras de compreender as situações encontradas e também as múltiplas denominações para estas, procurando contemplar a ampla gama de situações e significações encontradas no mercado de trabalho.

Assim, durante o estudo teórico, foi possível encontrar diferentes adjetivações para qualificar as situações de trabalho, emprego e desemprego, tais como: emprego típico e atípico (CACCIAMALI, 2000b), formas precárias de inserção produtiva (ANTUNES, 1997), trabalho precário (PED, 2005; JARDIM, 2004; MORTADA et al., 1999; DIAS, 2002), trabalho assalariado (CACCIAMALI, 2000c), trabalho assalariado de curta duração, esporádicos, irregulares e em domicílio (CACCIAMALI, 2000b), “bico” (JARDIM, 2004; DIAS, 1999; ACKERMANN et al., 2005), desemprego aberto (PED, 2005; PMD, 2005; JARDIM, 2004; GUIMARÃES, 2002), desemprego oculto por trabalho precário (PED, 2005; JARDIM, 2004), desemprego oculto pelo desalento (PED, 2005; JARDIM, 2004), dentre outras.

As diversas compreensões das situações no mercado de trabalho, assim como a ampla gama de modalidades de participação ou não no mercado de trabalho, apontam que a dicotomia emprego/ desemprego não é suficiente para descrever o mercado de trabalho. Como ressalta Guimarães, “o outro do emprego estabilizado não pode ser apenas o desemprego institucionalizado” (GUIMARÃES, 2002, p. 116).

Em meio a tanta diversidade e complexidade, sentimos dificuldade de concretizar a categoria “desemprego oculto por trabalho precário”, e isso revela a importância de ouvir o que os próprios trabalhadores têm a dizer a respeito das situações de trabalho que vivenciam e de focar as suas formas de compreender e lidar com o desemprego e com o trabalho precário.

2.3 Incursão pelo campo: a plasticidade e a vivacidade das formas de sobrevivência criadas pelos trabalhadores

A dificuldade de concretização da categoria desemprego oculto por trabalho precário indicou a aproximação com o campo como um recurso indispensável para dar continuidade aos estudos sobre o tema.

Dessa forma, iniciamos uma procura por locais em que seria provável encontrar trabalhadores pobres que vivenciam a situação de desemprego e realizam atividades de trabalho no mercado informal para garantir sua sobrevivência.

Wilson, que mora em um bairro popular em Osasco, possibilitou a efetivação de um encontro com João e Evaldo, dois colegas seus que fazem diversas atividades de trabalho no mercado informal, com os quais realizamos uma entrevista piloto¹².

Também Juliana, que trabalha em um mutirão¹³ de construção de casas populares em um bairro pobre na Zona Leste da cidade de São Paulo, tornou possível o desenrolar de conversas com mutirantes desse empreendimento popular que trabalham no mercado

¹² Wilson trabalha como segurança no Cursinho Pré-Universitário Psico-USP. A entrevista com João e Evaldo foi feita em um sábado. Ambos trabalhavam em um terreno de um parente do Wilson no bairro onde moram, na Zona Norte de Osasco. A entrevista foi feita durante uma pausa no trabalho, durou cerca de uma hora e foi gravada.

¹³ Trata-se de um mutirão autogerido de construção de casas populares financiado pela Companhia do Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU).

informal. A duração de cada conversa variava de acordo com a disponibilidade das pessoas, algumas eram mais longas, outras mais breves. Ao longo de algumas visitas realizamos, ao todo, quinze conversas com mutirantes¹⁴.

A incursão pelo campo revelou a complexidade e a diversidade do universo do trabalho informal; os percursos e situações ocupadas no mercado de trabalho e os trabalhos realizados eram os mais diversos.

Com relação à presença do emprego em suas vidas, havia aqueles que tiveram muitos, outros que tiveram muito poucos e outros que não tiveram nenhum. Quanto ao trabalho, havia aqueles que realizavam muitas e constantes atividades no mercado informal e aqueles que as realizavam de forma mais esporádica. Também havia pessoas empregadas. Algumas delas não realizavam “bicos” atualmente, mas relataram já ter recorrido a eles em outros momentos, na falta de um emprego; outras, mesmo empregadas, continuavam realizando atividades no mercado informal pela insuficiência dos rendimentos obtidos no mercado formal de trabalho.

Além da variedade de trajetórias, o campo evidenciou de forma marcante os diversos tipos de trabalho que essa população pobre realiza para obter renda, indicando que as pessoas acabam encontrando maneiras de sobreviver diante das dificuldades que encontram no mercado de trabalho. Nesse percurso, o desemprego, como categoria-chave, esmaece, e ganham mais expressão a plasticidade e a vivacidade das formas de

¹⁴ Juliana trabalha em uma equipe de assessoria técnica e social que presta serviços para mutirões de construção de casas populares. Em uma conversa, ela contou que trabalha em um mutirão em São Mateus, na Zona Leste da cidade de São Paulo, e que lá havia muitas pessoas desempregadas realizando atividades no mercado informal que certamente aceitariam falar sobre suas experiências de trabalho. A partir de então, o mutirão passou a ser visitado aos finais de semana. A presidente da associação, sempre muito disponível, caminhava pela obra com a pesquisadora e apresentava a ela aquelas pessoas que sabia que faziam “bicos”. Nesse contexto, desenrolavam-se conversas sobre o trabalho que realizam, os trabalhos que já tiveram e como costumam consegui-los.

sobrevivência que essa camada da população cria e que ocorrem à margem de qualquer regulamentação legal. Nossa preocupação passou a contemplar não somente as pessoas que vivem o desemprego oculto por trabalho precário (que almejam emprego), mas também as pessoas ocupadas que realizam atividades no mercado informal e não manifestam o desejo de encontrar emprego.

Essa incursão também revelou que as categorias propostas para descrever o mercado de trabalho não são estanques e que as pessoas podem transitar por elas nas suas trajetórias de trabalho. Os trabalhadores podem, em certos momentos, encontrar-se, por exemplo, em situação de desemprego (desejando e/ ou buscando emprego), em outros podem estar empregados, em outros ainda podem deixar de procurar emprego e se organizar em torno das atividades no mercado informal (caracterizando-se como ocupados).

O percurso das nossas indagações teve como ponto de partida uma preocupação com o desemprego e com a percepção de que as camadas mais pobres da população têm a necessidade de se inserir em atividades informais de trabalho para garantir sua sobrevivência, o que direcionou inicialmente os estudos para a categoria desemprego oculto por trabalho precário. No entanto, ao adentrar o universo no qual esse fenômeno se apresenta – o chamado mercado informal – e estabelecer contato com a maneira como essas pessoas “se viram” diante das dificuldades vividas no mercado de trabalho, tornou-se evidente, para nós, que a precariedade se apresenta de forma plural e que o mercado informal não é homogêneo nem, tampouco, desorganizado, como se costuma pensar.

3 Objetivos

As reflexões suscitadas pela incursão pelo campo levaram, finalmente, à delimitação dos objetivos desta pesquisa da seguinte maneira:

Compreender como os trabalhadores constroem suas trajetórias de trabalho articulando o trabalho, o emprego e o desemprego. As questões que se pretende responder são: como as pessoas “se viram” diante da impossibilidade de acesso à proteção social garantida pelo vínculo empregatício? Que valores orientam essas trajetórias? Que lugar o emprego, enquanto símbolo e garantia de acesso aos direitos sociais, e o trabalho no mercado informal assumem na vida desses trabalhadores? Quais vantagens e desvantagens são atribuídas ao emprego e ao trabalho no mercado informal? Qual é o papel desempenhado pela rede de sociabilidade nas trajetórias de trabalho dos entrevistados?

4 Método

Nossa pesquisa foi realizada com base na abordagem biográfica, porque esta permite a descrição das trajetórias de trabalho dos entrevistados e nos ajuda a identificar os elementos que estruturam os caminhos percorridos por cada um ante o contexto social.

As biografias de trabalho localizam-se, como lembra Cipriane (1988), no mesmo contexto social, mas são muito diversas. Isso ocorre porque os caminhos percorridos pelos indivíduos constroem-se com base em uma conjunção de fatores conjunturais e de distintas formas de apropriação das contingências. Como destaca Cipriane, ao citar Thomas e Znaniecki, “a causa de um fenômeno social ou individual é sempre uma combinação de um fenômeno social e de um fenômeno individual” (CIPRIANE, 1988, p. 119).

Também Nardi (2006) ressalta que o coletivo atravessa o individual na análise do relato biográfico. Dessa forma, os relatos de nossos entrevistados, analisados mais adiante, estão impregnados pelo contexto social e expressam elementos conjunturais, como valores sociais, condições sociais concretas vividas pelos entrevistados e recursos que estes encontram no meio social para enfrentá-las.

Mas os variados percursos dos depoentes também evidenciam as peculiaridades individuais na maneira de se apropriar do contexto sócio-histórico. Assim, os valores aparecem de diferentes formas e em diferentes intensidades na vida de cada um, do mesmo modo como são diferentes os instrumentos empregados para lidar com as condições sociais que experimentam.

Desta maneira, podemos entender cada vida humana como síntese vertical de uma história social. Mas, não se trata simplesmente de refletir o social; o individual se apropria do social, e, através de um processo de mediação, o filtra e o retraduz ao projetá-lo em uma outra dimensão, qual seja, aquela que conseqüentemente, vai compor o conjunto de significante que compõem a subjetividade. (NARDI, 2006, p. 76.)

E é exatamente devido a essa intrínseca imbricação entre o social e o individual que um relato biográfico só pode ser interpretado de modo adequado com base no quadro sócio-histórico em que se desenvolve (NARDI, 2006; MACIOTI, 1988).

Não se pode compreender uma trajetória sem que se tenha estabelecido as etapas sucessivas do campo no qual esta trajetória teve lugar, ou seja, o conjunto de relações objetivas que marcam o contexto. (NARDI, 2006, p. 76.)

A unicidade sem igual da *life history*¹⁵ permanece, entretanto, para testemunhar o caráter peculiar de cada pessoa em si, que, porém, volta a unir-se, ao mesmo tempo às dimensões sociológicas da sua presença, da sua ação e do seu pensamento, o que faz com que se chegue a um conhecimento embora indireto, dos dados gerais sobre uma comunidade ou sociedade. (CIPRIANE, 1988, p. 118.)

4.1 O trabalho de campo

4.1.1 A aproximação inicial

¹⁵ O autor utiliza o termo *life history* referindo-se à abordagem biográfica. Ele considera que as distinções entre história oral, história de vida e abordagem biográfica são desnecessárias. Já Queiroz (1988) propõe a clara distinção entre elas, já que abarcam peculiaridades de coleta e de finalidade. Segundo a autora, história oral é um termo amplo que diz respeito a uma série de formas específicas de relatos, dentre eles o relato oral, a história de vida, as entrevistas, os depoimentos pessoais, as autobiografias, as biografias. Todos eles com distintas características.

Realizamos, inicialmente, uma entrevista piloto com dois homens na Zona Norte de Osasco e quinze conversas com trabalhadores de um mutirão de construção de casas populares na Zona Leste da cidade de São Paulo. O contato com os trabalhadores foi realizado, como mencionado anteriormente, por intermédio de redes de relações da pesquisadora, que permitiram transmissão de confiança e de certa familiaridade. Nesse sentido, Bourdieu (1993/1999) afirma ser muito positivo o fato de os pesquisadores escolherem pesquisados conhecidos ou que possam ser apresentados por pessoas conhecidas, já que isso propicia proximidade social e alguma familiaridade, que confortam o entrevistado em relação ao medo da objetivação.

O contato inicial com o campo, somado ao aprofundamento teórico realizado, resultou não somente em um redimensionamento dos objetivos do trabalho, como revelado no item 2 (*O percurso das indagações*), mas também em uma preciosa aproximação com o campo que permitiu a identificação de temas promissores. A partir de então, o roteiro das entrevistas foi reescrito, a fim de abranger perguntas que orientassem as entrevistas e facilitassem o acesso aos objetivos estabelecidos.

4.1.2 As entrevistas

Por volta de sete meses após as conversas com os mutirantes, voltamos ao mutirão para realizar cinco entrevistas individuais com pessoas com as quais já havíamos conversado durante o estudo exploratório.

A escolha dos entrevistados foi feita com base nos relatos colhidos anteriormente e procurou abarcar homens e mulheres, diferentes faixas etárias, diferentes experiências de trabalho no mercado informal e distintas avaliações a respeito do emprego e do trabalho

no mercado informal. Outros importantes fatores para a seleção dos cinco entrevistados foram a disponibilidade e a abertura demonstradas, durante as conversas que tivemos, para falar sobre suas experiências de trabalho.

Tendo como base a abordagem biográfica, as entrevistas tiveram como objetivo reconstruir as trajetórias de trabalho dos entrevistados, de maneira a tornar possível compreender como “se viram” diante das condições sociais vividas nos diferentes momentos de suas trajetórias, assim como acessar os valores que orientam seus percursos de trabalho.

As entrevistas foram semidirigidas, porque essa modalidade de coleta de dados procura criar condições para uma narrativa pessoal da experiência vivida, ao mesmo tempo em que estimula a comunicação do entrevistado com o conteúdo que se quer pesquisar (GONÇALVES FILHO, s.d.). Nesse sentido, procuramos cuidar para que as questões propostas propiciassem narrativas e não respostas simples a perguntas fechadas (GONÇALVES FILHO, 2003).

As entrevistas foram gravadas, com autorização dos participantes, e transcritas.

O roteiro das entrevistas, apresentado a seguir, é um indicativo das principais temáticas abordadas. Ao longo das entrevistas, as diferentes trajetórias, apresentadas na sua singularidade, incentivaram-nos a elaborar novas perguntas para evidenciar e esclarecer as questões suscitadas.

Roteiro da entrevista:

1. Lembrar-se dos trabalhos anteriores (já teve carteira de trabalho assinada? Se sim, como foi? Se não, queria ter?).

2. Como costuma procurar trabalho ou emprego?
3. Como é(são) o(s) trabalho(s) que realiza?
4. Procura emprego atualmente?
5. Como conseguiu arranjar o trabalho atual?
6. Quais as vantagens e desvantagens do emprego (carteira de trabalho assinada)?
7. Quais as vantagens e desvantagens dos trabalhos no mercado informal?
8. Como seria o trabalho ideal, o trabalho dos seus sonhos?

4.2 Análise das entrevistas

Diante da complexidade e diversidade encontrada no relato dos trabalhadores, o acesso aos elementos norteadores dos percursos de trabalho e às articulações entre o emprego, desemprego e trabalho no mercado informal nas trajetórias de trabalho só pôde acontecer com base na análise individual das entrevistas e dos caminhos percorridos por cada entrevistado.

Assim, as entrevistas foram analisadas em sua singularidade, buscando a racionalidade das trajetórias individuais e a percepção da maneira peculiar como alguns elementos gerais (manifestos, de uma maneira ou de outra, em todas as narrativas) aparecem nestas. Dessa forma, foi possível preservar a complexidade e a riqueza dos nossos dados.

As trajetórias foram examinadas em suas singularidades, permitindo a coexistência de diferenças, ao mesmo tempo em que buscamos categorias conceituais ou características particulares que permitissem uma interpretação dos dados.

Na interpretação de depoimentos, o investimento de teorias e conceitos deve evitar preceder e menos ainda excluir a interpretação espontânea dos próprios depoentes. É preciso pôr em diálogo autores e depoentes, o diálogo convergente, complementar e divergente. É preciso reservar à palavra de todos o mesmo grau de dignidade comunicativa: dão-nos todos o que pensar. (GONÇALVES FILHO, 2003, p. 212-213.)

5 A diversidade do mercado informal

Nas nossas conversas com trabalhadores de classes pobres que recorrem a atividades no mercado informal foi surpreendente a diversidade de formas encontradas para conseguir renda, desvelando um universo complexo e norteado por uma racionalidade. Ficou evidente que a visão geral e corriqueira do que é o mercado informal não é capaz de traduzir as múltiplas formas que este assume.

Spink (1989) discute o quanto certas denominações ou conceitos produzem achatamentos na compreensão de fenômenos organizativos. Nesse artigo ele chama a atenção para os conceitos de rede e grupo e revela a variedade de maneiras de compreendê-los. Assim como os conceitos de rede e de grupo, o de mercado informal é genérico e suas significações ninguém mais questiona. Definições feitas com base nessas palavras impossibilitam um olhar mais ativo e investigador e leva o observador a cair nas categorias gerais conhecidas, sem uma aproximação de fato com a realidade por trás das denominações.

Uma parte do mercado de trabalho informal é visível para a sociedade em geral, seja pelo fato de ocuparem o espaço público (caso dos vendedores de bala nos semáforos), seja por terem relevância em termos econômicos e concorrerem com o mercado formal, tornando-se alvo de ação fiscalizatória por parte do Estado e de conflito por parte da iniciativa privada (caso do ambulante e da feira livre), ou simplesmente por serem atividades de trabalho das quais dependem as classes média e média alta e que fazem parte do cotidiano destas, como é o caso do trabalho de diarista.

Quando se pensa no mercado informal são essas algumas das atividades a que a noção nos remete de imediato. No entanto, um olhar mais atento revelará uma

multiplicidade de trabalhos realizados no mercado informal que não são percebidos. Pode-se dizer que há um “mundo invisível”, que não costuma ser considerado, onde são realizadas diversas atividades que visam a garantir a satisfação das necessidades de sobrevivência desses trabalhadores.

Foi com base em nossas conversas com esses trabalhadores pobres que se desvelou uma infinidade de atividades realizadas no mercado informal com o intuito de obter renda, as quais constituem o que chamarei aqui de mercado invisível de trabalho.

Foram relatados trabalhos mais usuais e visíveis, como faxina, serviços da construção civil, costura, entrega de panfletos e venda de doces e comidas de produção caseira, de planos de saúde e de plano funerário, de cartão pessoal e vendas em feira livre.

Também foram encontrados arranjos mais inesperados, como os seguintes casos:

- Os bicos de substituição de faltas no próprio mutirão: Nos finais de semana, todas as famílias do mutirão precisam apresentar um representante para trabalhar na obra. Quando não podem destacar alguém da própria família, eles “contratam” outra pessoa, geralmente do próprio mutirão, para trabalhar por eles. Algumas pessoas revelaram que substituir a falta dessas famílias transformou-se em um bom meio de gerar renda.

- Fazer faxina e passar roupa para amigas: Regina¹⁶ revelou que, em um certo momento de sua vida, precisou juntar dinheiro para visitar seu pai, que estava doente na Bahia. Para tanto, pediu a algumas amigas para que a deixassem passar um pouco de roupa ou fazer uma faxina nas suas casas. Assim, conseguiu juntar o dinheiro de que precisava para a viagem.

- Revenda de produtos de uma grande indústria de laticínios: Ari tem dois amigos que trabalham em uma grande indústria de laticínios e, como funcionários, têm acesso aos

¹⁶ Os nomes dos trabalhadores citados neste estudo foram alterados.

produtos daquela marca a baixo custo. Ari compra os produtos de seus amigos e os revende.

- Carimbar panfletos: De vez em quando, Cristiane carimba panfletos para seu amigo e recebe vinte reais para fazer esse serviço.

- Indicação de cliente: Em outro momento, Cristiane encaminhou para esse mesmo amigo, que trabalha com venda de planos de saúde, uma cliente. Ela recebeu 30% do valor da venda do plano por ter feito a indicação.

Esses exemplos evidenciam a flexibilidade e a inventividade com que as classes pobres conseguem explorar as situações que surgem em suas vidas e transformá-las em oportunidade de geração de recursos; é muito comum as pessoas dizerem que aceitam qualquer trabalho que aparece. Fica claro que, à margem da regulamentação e proteção do Estado, as pessoas encontram maneiras de suprir suas necessidades de sobrevivência realizando as mais diversas atividades de trabalho.

Esses exemplos também revelam a adoção de táticas de sobrevivência por parte de muitos trabalhadores. Certeau (1994) faz uma distinção entre táticas e estratégias. Segundo o autor, para que um indivíduo use estratégias é necessário que ele se situe em um lugar próprio (lugar do querer e do poder próprios), de onde pode gerir as relações com exterioridade. Isso “permite capitalizar vantagens conquistadas, preparar expansões futuras e obter assim para si uma independência em relação à variabilidade das circunstâncias. É um domínio do tempo pela fundação de um lugar autônomo” (CERTEAU, 1994, p. 99). A localização em um lugar próprio também possibilita aos indivíduos distanciarem-se das situações (possibilidade de se destacar do lugar comum), de forma que eles conseguem dimensioná-las melhor e planejar as ações. Ou seja, o

indivíduo consegue “prever e antecipar-se ao tempo pela leitura de um espaço” (CERTEAU, 1994, p. 100).

As táticas, segundo o autor, dizem respeito a ações calculadas em que há ausência de um lugar próprio. Os indivíduos não conseguem manter-se a distância, numa posição de previsão. A tática “opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva” (CERTEAU, 1994, p. 100). A tática aponta uma hábil utilização do tempo e das situações. No entanto, ela é comandada pelos acasos do tempo.

Alguns trabalhadores seguem recorrendo às táticas, e outros conseguem utilizar-se de estratégias de sobrevivência. Apesar desses diferentes modos de responder às situações vividas no mercado de trabalho, nossas conversas e entrevistas mostraram que tanto os trabalhadores que adotam táticas como os que recorrem às estratégias conseguem, de uma forma ou de outra, sobreviver. Para tanto, as relações pessoais que eles estabelecem têm importância fundamental.

6 A importância das relações pessoais no mercado invisível

Nosso contato com os trabalhadores do mercado informal demonstrou que as trajetórias mesclam desemprego, trabalho no mercado formal e no informal e que há diferentes modos de articular essas posições. Há presença mais ou menos expressiva da cultura do emprego, da ética do trabalho e/ ou da ética do provedor. Há também diferentes percepções das vantagens e desvantagens do emprego e do trabalho no mercado informal.

As relações interpessoais estabelecidas em diferentes espaços – no bairro, no mutirão, com colegas, amigos, familiares e “contratantes” de serviços – apareceram de forma marcante em todas as conversas e entrevistas como um recurso fundamental para a obtenção de renda por meio do trabalho.

Dessa forma, tais trajetórias de trabalho são desenhadas também pelas redes de sociabilidade e de solidariedade, importantes não somente para a sobrevivência, mas também por oferecerem certa sensação de segurança e pertencimento social às pessoas que não têm acesso às proteções sociais ligadas ao emprego.

6.1 Integração, vulnerabilidade e desfiliação: as relações pessoais, o trabalho e a segurança

Ao perceber a importância das relações pessoais para a garantia da sobrevivência desses trabalhadores, a perspectiva teórica desenvolvida por Castel (1998) para avaliar a

coesão social¹⁷ de uma sociedade trouxe importantes elementos para nossa reflexão¹⁸. Segundo essa perspectiva, a integração à sociedade é determinada pela inscrição em situações de trabalho que garantam o acesso aos direitos do trabalho e o pertencimento a um lugar socialmente reconhecido e pela participação em redes de sociabilidade.

Para Castel (1998) a correlação entre o grau de integração viabilizada pelo trabalho (emprego estável, emprego precário, expulsão do emprego, desemprego, trabalho no mercado informal, etc.) e a densidade da inserção relacional em redes familiares e de sociabilidade (forte inserção relacional, fragilidade relacional, isolamento social) conjugam diferentes zonas de coesão social, a saber, a zona de integração, a zona de vulnerabilidade e a desfiliação.

Essas associações, no entanto, não são determinadas de forma mecânica. A precariedade no trabalho pode ser compensada pela força das relações pessoais, pelas redes de proteção próxima propiciadas pela vizinhança. O indivíduo pode não ter um trabalho que lhe garanta o acesso aos direitos do trabalho e o reconhecimento como alguém útil para a sociedade devido à sua atividade produtiva, mas ainda ocupa um lugar na sociedade pela forte inserção relacional que o ampara nas situações de dificuldade, impedindo a vivência de uma situação de “flutuação social”¹⁹. Da mesma forma, um indivíduo pode ter acesso a um trabalho estável e faltar-lhe adesão a redes de sociabilidade; isso também não determina uma situação de completa integração e proteção sociais.

¹⁷ De acordo com Nardi (2006), a coesão social é fator determinante para manter a estabilidade social e, na sociedade moderna, foi o trabalho que garantiu essa condição. As transformações no mercado de trabalho têm desestabilizado os vínculos de trabalho, colocando em cheque o asseguramento dessa condição.

¹⁸ Neste estudo, a perspectiva teórica desenvolvida por Castel não será utilizada para avaliar a coesão da sociedade brasileira, mas para evidenciar os elementos capazes de garantir integração e proteção sociais, afastando os indivíduos da vivência de situações marcadas pela instabilidade e pela incerteza.

¹⁹ A expressão “flutuação social” é empregado por Castel (1998) para referir-se a situações em que os indivíduos permanecem “vagando” pela estrutura social sem encontrar um lugar designado.

A área de integração é caracterizada pela associação entre trabalho estável e uma inserção relacional sólida. Assim, além de ocupar um lugar socialmente reconhecido e “útil” por meio do trabalho e de ter acesso às proteções trabalhistas vinculadas ao emprego, o indivíduo também recebe proteção das redes de sociabilidade primária²⁰ (vínculos familiares e de vizinhança e participação em grupos, associações, partidos, sindicatos, etc). A desfiliação²¹, ao contrário da integração, conjuga ausência de participação em qualquer atividade produtiva e isolamento relacional. Portanto, um indivíduo desfiliado, além de não ter utilidade social decorrente da participação em qualquer atividade produtiva, não possui uma base sólida, pois perde as proteções ligadas à inserção em redes de sociabilidade primária e tem os vínculos familiares, de vizinhança e comunitários enfraquecidos. Enfim, a questão que se coloca para o indivíduo desfiliado é não encontrar, reiteradamente, um lugar na sociedade.

Há risco de desfiliação quando o conjunto das relações de proximidade que um indivíduo mantém a partir de sua inscrição territorial, que é também sua inscrição familiar e social, é insuficiente para reproduzir sua existência e assegurar sua proteção. (CASTEL, 1998, p. 51.)

A vulnerabilidade social é uma zona intermediária, em que há fragilidade dos suportes de proximidade (vínculos sociais) e certa instabilidade no trabalho. Não há uma clara linha divisória entre a desfiliação e a vulnerabilidade. Os vulneráveis encontram-se em uma situação um pouco mais confortável que os desfiliaados, mas são marcados pelo

²⁰ Segundo Castel, a sociabilidade primária diz respeito às relações construídas no seio familiar, na vizinhança, com colegas de trabalho que “tecem redes de interdependência sem a mediação de instituições específicas” (CASTEL, 1998, p. 48).

²¹ Castel prefere o termo desfiliação ao termo exclusão. Considera que não se trata de exclusão uma vez que os indivíduos não estão, de fato, fora da sociedade. Continuam inseridos nela, mas em uma condição de flutuação social, de supranumerários, ou seja, de “inúteis” para a sociedade por não participarem de nenhuma atividade produtiva, por não ocuparem um lugar socialmente reconhecido. Além disso, o termo exclusão vem sendo utilizado de forma indiscriminada, perdendo seu valor explicativo.

selo da instabilidade. Podem facilmente perder aquilo que de maneira muito frágil os sustenta na zona de vulnerabilidade. Por exemplo, trabalham, mas não há garantias de estabilidade e podem perder o emprego ou não encontrar um trabalho num futuro próximo. Na mesma situação está o indivíduo que tem um emprego mas não tem uma inserção relacional que lhe proporcione proteção próxima.

As pessoas localizadas na zona de vulnerabilidade não se encontram em situação de flutuação social, mas vivem circunstâncias marcadas pela incerteza e pela instabilidade. Como aponta Castel (1998), os desfiliaados são, muitas vezes, vulneráveis que “caíam”.

Essas configurações, como aponta Castel (1998), não são dadas de forma estanque. Assim, um indivíduo pode transitar pelas diferentes zonas de coesão e o fluxo pode ser ascendente ou descendente. Em momentos de crise econômica ou de agravamento do desemprego, a zona de vulnerabilidade aumenta, absorve a integração (desestabilização dos estáveis) e alimenta a desfiliação (CASTEL, 1998).

O autor também salienta que esse modelo não faz o corte da estratificação social. A dimensão econômica não é, nesse caso, o principal diferencial, mesmo que os riscos de desestabilização sejam maiores para a população com menos recursos financeiros.

É importante considerar, como nos lembra Nardi (2006), que os termos “integração”, “vulnerabilidade” e “desfiliação” devem ser utilizados no Brasil de forma adaptada, já que Castel (1998) os elaborou com base em estudos sobre degradação da condição salarial na França, onde houve a construção, de fato, de um Estado de bem-estar social e onde

Aproximadamente 80% da população economicamente ativa ainda se encontra empregada nos moldes tradicionais de contrato com duração indeterminada percebendo salário e 99% da população tem cobertura da seguridade social. As transformações da legislação social e trabalhista na França que, a partir dos anos 80 sofre o impacto da liberalização, não são

comparáveis à violência da desregulamentação brasileira, já amplamente flexível antes da onda liberal. (Nardi, 2006, p.19.)

No Brasil, as proteções trabalhistas do Estado, implementadas na era Vargas, nunca atingiram toda a população, como analisado anteriormente. Dessa forma, a utilização desses termos em diferentes realidades delimita distintas situações. Acreditamos que, apesar das diferenças entre o Brasil e o local de referência para criação do referido modelo, este nos orienta, de forma adaptada, na avaliação dos elementos capazes de promover uma integração social afastando os indivíduos da vivência de situações marcadas pela instabilidade e pela incerteza diante dos acasos da existência.

Esse modelo evidencia que o trabalho não é o único responsável pela promoção da proteção social e pela segurança diante dos acasos da existência; a inserção relacional também tem um importante papel nesse sentido.

Quanto aos nossos entrevistados, é possível afirmar que se encontravam, no momento das entrevistas, na zona de vulnerabilidade. Todos relataram inserção em trabalhos instáveis; a maioria realizava atividades no mercado informal, sem acesso, portanto, aos direitos trabalhistas, caracterizando uma situação de incerteza; só conseguem renda se estiverem em condições de trabalhar, ficando totalmente desamparados em casos de doença ou acidente e na velhice improdutiva. Mesmo aqueles empregados no momento da entrevista revelaram a precariedade e a instabilidade desses postos de trabalho. Evaldo, por exemplo, está empregado em uma firma de construção civil que terceiriza seus serviços. Seu salário é muito baixo, não recebe em dia e não há segurança de que permanecerá nesse trabalho por muito tempo. No entanto, todos os entrevistados estavam inseridos em redes de sociabilidade que os amparavam nos momentos difíceis, oferecendo

apoio emocional, prestando favores, emprestando dinheiro, ajudando-os a conseguir trabalhos.

Graças a essas relações, nossos entrevistados podem experimentar certa sensação de segurança diante das incertezas e imprevistos, afastando-se das áreas de desfiliação.

Até aqui, analisamos a influência exercida pela inscrição em redes de sociabilidade sobre a proteção social e a sensação de segurança dos trabalhadores na ausência de inscrição em situações de trabalho que proporcionem proteção e reconhecimento sociais. A seguir, deter-nos-emos no que acreditamos sustentar, em certos casos, tais relações pessoais no cotidiano desses trabalhadores.

Quando o Estado já não consegue se organizar e prover uma segurança mínima e uma vida digna para sua população,

ainda permanece, como último baluarte, a rede de relações interpessoais cimentada pela dádiva e o auxílio mútuo, a qual, sozinha, permite a sobrevivência num mundo de loucura. (GODBOUT, 1999, p. 24.)

6.2 A dádiva

As redes de sociabilidade e de solidariedade, tão presentes nos relatos de nossos trabalhadores do mercado informal ou invisível (como poderá ser observado na análise das trajetórias de trabalho, no capítulo 7), são, muitas vezes, fundadas na dádiva. As trocas baseadas na dádiva sustentam as relações interpessoais, as quais, assim, podem se estender ao longo do tempo por meio de uma longa troca de presentes, favores e serviços.

Segundo Caillé (2002), a dádiva diz respeito a

qualquer prestação de bens ou serviços efetuados sem garantia de retorno, tendo em vista a criação, manutenção ou regeneração do vínculo social. Na relação de dádiva, o vínculo é mais importante do que o bem. (CAILLÉ, 2002, p. 192.)

O primeiro teórico a se debruçar sobre o tema da dádiva e a dar a ele visibilidade foi o antropólogo Marcel Mauss. No livro intitulado *Ensaio sobre a dádiva*, Mauss estuda, principalmente, as trocas nas sociedades antigas. Ele descobriu, segundo Godbout (1999), a universalidade da dádiva nessas sociedades – nas quais repousa a grande riqueza de seus estudos, apesar de admitir a sobrevivência da dádiva também nas sociedades modernas (GODBOUT, 1999; CAILLÉ, 2002; NICOLAS, 2002).

Os teóricos modernos afirmam que podemos encontrar o sistema da dádiva em grande medida nas sociedades modernas. Grande quantidade de relações pessoais, familiares, “de amizade, camaradagem, ou de vizinhança, que, também elas não se compram nem se impõem pela força ou se decretam, mas que pressupõem reciprocidade e confiança” (GODBOUT, 1999, p. 20), são permeadas pela dádiva. As relações de dádiva, como afirmam alguns autores, estão presentes até mesmo nas empresas – entre os trabalhadores –, nas relações entre estranhos – como a doação de sangue e os grupos de ajuda mútua como os Alcoólicos Anônimos (GODBOUT, 1999) – e nas relações de comércio entre consumidores e fornecedores (BEVILAQUA, 2001), como falaremos mais adiante, na análise das entrevistas.

Apesar de o indivíduo moderno estar constantemente envolvido em relações de dádiva e de ela estar presente no cotidiano de todos nós, há hoje dificuldade de reconhecer sua existência e de compreendê-la. Essa nebulosidade em torno da dádiva pode ser explicada pela preponderância do paradigma utilitarista nas sociedades modernas (GODBOUT, 1999; CAILLÉ, 2002; NICOLAS, 2002).

As ciências sociais nos acostumaram a interpretar a história e o jogo social como produtos das estratégias de agentes racionais que procuram maximizar a satisfação de seus interesses materiais. Essa é a visão ‘utilitarista’ e otimista dominante. (GODBOUT, 1999, p. 23.)

O paradigma utilitarista postula que a ação é resultado de cálculos mais ou menos conscientes e racionais com a intenção de atingir um interesse individual (CAILLÉ, 2002; GOUBOUT, 1999). Esse modelo elege a racionalidade como fator determinante para a classificação de uma decisão como “humana” ou civilizada (GODBOUT, 1999). Assim, a ação humana, segundo esse paradigma, seria caracterizada por um cálculo racional interessado, programado com antecedência. A dádiva, ao contrário, se opõe radicalmente ao cálculo e não pressupõe antecipação e previsibilidade da ação, o que não quer dizer que seja irracional (GODBOUT, 1999).

Para o utilitarismo, a dádiva autêntica seria aquela completamente desinteressada (GODBOUT, 1999). No entanto, isso não é possível e a dádiva não é, de forma alguma, desinteressada. Ela serve, em primeiro lugar, à vinculação entre as pessoas e a uma relação de mão única, em que não há qualquer esperança de retorno por parte daquele para quem se deu; não seria, de fato, uma relação (GODBOUT, 1999; CAILLÉ, 2002). A dádiva, segundo Caillé, não deve ser pensada sem o interesse; ocorre que ela privilegia os “interesses de amizade (aliança, sentimento de amor, solidariedade, etc.) e de prazer e/ ou criatividade sobre os interesses instrumentais e sobre a obrigação ou compulsão” (CAILLÉ, 2002, p. 194).

Mauss (1988), com base em seus estudos, formula a dádiva como um circuito completo de dar, receber e retribuir. Nesse sistema, há não somente a obrigação de retribuir uma dádiva recebida, mas também outros dois momentos igualmente importantes:

a obrigação de dar e a obrigação de receber. O autor mostra que trocas e contratos aparentemente voluntários são, na verdade, obrigatoriamente dados e recebidos. Segundo ele, “recusar-se a dar, negligenciar o convite, como recusar receber, equivale a declarar a guerra; e recusar a aliança e a comunhão” (MAUSS, 1988, p. 69).

 Ou a obrigação de retribuir é assumida, e então estabelece-se um circuito de relações de pessoa a pessoa, no seio do qual os bens alimentam o laço. Ou então ela é recusada graças a uma contradádiva monetária imediata, e volta-se à casa de partida. (GODBOUT, 1999, p. 18.)

Assim, no sistema da dádiva, as prestações de serviços são encaradas como dívidas livremente aceitas, a partir do ato inaugurador de um doador. Elas tendem a se expandir no tempo em uma troca contínua em que doador e receptor alternam consecutivamente as posições (oferecendo presentes e contrapresentes), alimentando o vínculo entre eles (GODBOUT, 1999; NICOLAS, 2002). Dessa forma, os três processos do sistema da dádiva (dar, receber e retribuir) desenham um movimento contínuo no tempo, reversível e cíclico (NICOLAS, 2002).

Segundo Godbout (1999), como a dádiva não é um ato isolado e pontual, mas sim um ciclo localizado no interior da história da relação de duas pessoas, esses três momentos (dar, receber e retribuir) muitas vezes se confundem e há sempre a impressão de dar e retribuir simultaneamente, salvo no momento da inauguração de um ciclo ou no seu fim.

Com relação à obrigação de retribuir – a reciprocidade –, Godbout (1999) afirma que na dádiva sempre há retorno, mesmo que este não seja desejado. Para ele, a única coisa não livre na dádiva é o retorno. No entanto, este nem sempre tem sentido mercantil (retorno de objetos ou serviços); às vezes ultrapassa a circulação material e atrela-se à

gratuidade que suscita, ao reconhecimento, etc. Se não houver retorno de qualquer espécie, é sinal de que a dádiva falhou.

É exatamente por esse risco de a dádiva falhar que a confiança é particularmente importante nesse sistema (GODBOUT, 1999; CAILLÉ, 2002; LANIANO, 2001). Segundo Godbout, “‘confiar’ é o ato fundador permanente de toda a sociedade que opera pelo gesto da dádiva” (GODBOUT, 1999, p. 218), e a falta de garantia da continuidade de um ciclo de dádiva, o risco de que a dádiva seja interrompida não havendo retorno, exige que, para poder trocar bens e serviços, seja preciso instaurar com o outro uma confiança mínima.

Ainda sobre a reciprocidade, Mauss (1988) aponta que, na dádiva, há a necessidade de retribuir sempre mais do que se recebeu e que há certo prazer na manutenção do estado de dívida, que perpetua a relação. No entanto, Godbout alerta que o desequilíbrio não pode ser tão grande que surja a sensação de ter sido enganado, nem a equivalência pode ser tão exata que haja a constatação de que a dívida foi paga, pois ambas as situações podem interromper o ciclo da dádiva. “O equilíbrio da dádiva está na tensão da dívida recíproca. Tal é o motor do movimento da dádiva. A dádiva é o movimento perpétuo.” (GODBOUT, 1999, p. 245.)

De acordo com Godbout (1999), o dever de reciprocidade permanece implícito no sistema da dádiva. Há necessidade de encobrir a obrigação de reciprocidade para introduzir na relação um risco no surgimento da contradádiva e, assim, sentir que o outro está livre para retribuir ou não e para fazê-lo quando quiser e da maneira que desejar. É por meio desse código que o que circula (objetos trocados, serviços, favores, ajudas) pode significar o vínculo propriamente dito e não uma obrigação independente dos sentimentos e do vínculo entre os envolvidos.

Godbout (1999) adverte que, apesar de na dádiva haver retorno, ele não deve ser um fim, sob o risco de sair desse sistema. Quando as relações com as pessoas são consideradas um meio para atingir um fim (retorno, lucro, enriquecimento), uma mercadoria, é sinal de que a troca não está mais circunscrita ao sistema da dádiva, pois, de acordo com este, o retorno só é possível se o interesse pelas pessoas for sincero e genuíno, não utilitarista.

Os trabalhadores com quem conversamos relataram que os amigos, o mutirão (uma rede estruturada com a finalidade de construir casas), a família, a vizinhança, o bar, as relações estabelecidas em torno da igreja que freqüentam e as relações cimentadas pela dádiva, de maneira geral, acabam ajudando-os na luta diária pela sobrevivência, ao indicá-los para trabalhos, por exemplo, mesmo que o interesse inicial da relação não tenha sido esse. Todos esses “benefícios” conquistados por intermédio de seus conhecidos se inscrevem na história de suas relações, no interior do ciclo da dádiva (dádiva ou contradádiva), e têm, acima de tudo, a intenção de alimentar o vínculo entre eles.

Busca-se freqüentemente a incorporação da dádiva às relações de mercado ou de comércio como meio de aumentar os lucros. É comum escutar receitas a respeito da importância das relações pessoais para fazer bons negócios. Para refletir sobre essa questão, Godbout (1999) nos lembra do paradoxo de Dale Carnegie. Carnegie escreve o livro *Como fazer amigos e vencer na vida* com o intento de transmitir o segredo para a transformação das relações pessoais em um meio para “vencer na vida”, ilustrando sua teoria com uma série de casos de pessoas que assim enriqueceram. No entanto, ao final de seu livro, como aponta Godbout (1999), o autor não encontra outra saída senão aconselhar seus leitores a se interessar pelos outros de forma verdadeira para que consiga o retorno esperado, ou seja, interessar-se pelo outro como um fim, não como um meio. Eis o paradoxo de Dale Carnegie que mostra, segundo Godbout (1999), que, mesmo no âmbito

do mercado, a utilização instrumental dos vínculos sociais não é tão simples como tentam mostrar os utilitaristas.

A dádiva se refere a relações de pessoa a pessoa, numa relação de dádiva a pessoa está envolvida como tal. Ela não é um meio. O que circula transporta esse elemento pessoal. O que circula contém uma parte de si. Toda dádiva é uma dádiva de si e dificilmente pode ser tratada como objeto. (GODBOUT, 1999, p. 246.)

Mauss (1988) reconhece a existência de um mecanismo espiritual que obriga a retribuir o presente recebido, como se houvesse, na dádiva, troca constante de matéria espiritual. Acrescenta que as coisas trocadas apresentam, além do seu valor venal, valor de sentimento. O importante não é o valor em si do presente, mas a intenção, o ritual, o sentimento (NICOLAS, 2002; GODBOUT, 1999; MAUSS, 1988). Disso resulta que, em uma troca efetuada dentro do espírito da dádiva, em primeiro plano estão as pessoas envolvidas na relação, seus valores, suas intenções, e não os objetos trocados. Os indivíduos se vêem, se reconhecem, se relacionam enquanto pessoas e nunca como objetos, ou meios pra atingir um fim, como comumente se passa nas trocas reguladas pelo mercado.

Para garantir o vínculo que conecta os indivíduos no circuito da dádiva, os bens que circulam representam muito mais do que eles são *stricto sensu*. O que se dá sempre representa algo do doador, o seu espírito, o seu *status*, que é transmitido através do objeto; é este espírito que estabelece um vínculo com o outro: um compromisso, uma lealdade, um crédito futuro para a retribuição, que atravessa tempos e gerações. [...] Receber o presente também é parte da obrigação de mútuo reconhecimento e aceitação. É isto que permite a cada um perceber no outro o que ele é, de quais honras e valores ele é portador; permite, também, aceitar o sentido das normas sociais que estão subjacentes à própria dádiva, através de um senso de pertencimento. (LANIANO, 2001, p. 231.)

Como vimos, as redes de relações interpessoais e de solidariedade permitem, na ausência de proteção estatal via emprego, uma proteção próxima que aumenta a sensação de segurança dos trabalhadores que precisam se “virar” em um mercado de trabalho invisível. Também propiciam, se essas relações forem pautadas no espírito da dádiva, um intercâmbio marcado pela revelação das pessoas envolvidas, por um reconhecimento mútuo e pela solidariedade. Dessa maneira, as trocas são muito mais gratificantes, perpassadas por um sentimento de pertencimento, diferentemente das trocas mercantis, que experimentamos constantemente, marcadas pela fugacidade e objetivação das relações.

O circuito da dádiva permite internalizar, em cada membro da comunidade, os valores expressos, formalmente ou não, do que a sociedade considera relevante para o seu funcionamento, garantindo a adesão de todos às normas compartilhadas. Em última instância, a dádiva produz a identidade e o reconhecimento de cada um em relação ao grupo, confirmando um sentimento de pertencimento reafirmado, constantemente, nas obrigações que compartilham. (LANIANO, 2001, p. 232.)

Assim, as pessoas conseguem suprir suas necessidades de sobrevivência, e os vínculos sociais que possuem parecem exercer importante papel nesse sentido, por facilitar a realização de atividades remuneradas que aparecem, por vezes, como uma dádiva (ou retorno a uma dádiva) dentre os inúmeros serviços e presentes trocados na história da relação das pessoas envolvidas, mesmo que não houvesse essa intenção *a priori*. Graças às redes de sociabilidade criadas, os indivíduos não ficam à deriva e encontram formas de organização capazes de ampará-los na luta cotidiana pela sobrevivência.

Portanto, à margem das proteções do Estado e das políticas públicas, o que parece “substituir”²², esse papel, no sentido de proporcionar certa segurança e sentimento de pertencimento à sociedade, são as redes de sociabilidade e a dádiva.

²² O termo “substituir” deve ser relativizado porque as proteções proporcionadas pelas redes de sociabilidade são diferentes das garantidas pela lei trabalhista, que prevê auxílio-doença, férias remuneradas, licença maternidade, dentre outras.

7 Trajetórias de trabalho

Os relatos de nossos entrevistados²³ evidenciaram alguns importantes elementos que compõem e orientam suas trajetórias de trabalho, como a cultura do emprego, a ética do trabalho e/ ou a ética do provedor, as relações pessoais e a dádiva.

Os desenhos traçados são, contudo, bastante peculiares. Apesar de esses elementos poderem ser destacados em todos os relatos, apresentam-se de maneira muito particular em cada trajetória, compondo os mais diversos arranjos entre o emprego e o trabalho no mercado informal.

Poderemos perceber, na análise a seguir, não apenas os diversos arranjos entre as modalidades de inserção no mercado de trabalho, mas também diferentes avaliações e justificativas para os caminhos percorridos. Dessa forma, podemos afirmar que os trajetos não são aleatórios, mas traçados de acordo com a adesão a determinados valores e com a avaliação das dificuldades e das possibilidades percebidas no mercado de trabalho.

7.1 Ari

Ari tem vinte e nove anos, é solteiro, não tem filhos e nasceu em São Paulo.

Entrou no mercado de trabalho por volta de 1996, quando o mercado de trabalho já estava marcado pelas políticas neoliberais e pela intensificação do desemprego, como abordado na introdução deste estudo. Dessa forma, diferentemente dos trabalhadores mais velhos, que viveram um período em que as taxas de desemprego eram menores que as atuais, Ari faz parte do grupo de trabalhadores jovens que já entraram em um mercado de

²³ Os nomes de todos os trabalhadores, cujas trajetórias analisamos a seguir, foram alterados.

trabalho saturado. Enfrenta dificuldades para conseguir uma vaga no mercado formal e experimenta situações precárias de trabalho nos empregos. A vivência de uma diferente configuração econômica e social também determina diferentes avaliações a respeito do trabalho e do emprego.

Inicialmente, Ari fez alguns “bicos” na área de segurança patrimonial. Aos vinte e um anos foi efetivado em uma empresa desse ramo que terceirizava seus serviços.

Hoje observamos aumento do número de empresas prestadoras de serviços, e essa terceirização de serviços é indício da precarização das condições de trabalho ocasionada pelas recentes transformações do mercado de trabalho. Nardi nos fala sobre o tipo ideal das empresas a partir dos anos 1990:

O ideal tipo de empresa seria o de um núcleo central rodeado por uma nebulosa de fornecedores, ou seja, empresas terceirizadas e prestadoras de serviços. O quadro funcional se estrutura em torno de um núcleo de trabalhadores fixos separado de um contingente de trabalhadores temporários. (NARDI, 2006, p. 112.)

Assim, muitas das vagas disponíveis no mercado formal referem-se a essas empresas terceirizadas, nas quais as condições de trabalho costumam ser bastante precárias (baixos salários, exploração, atrasos nos pagamentos, humilhação, etc.).

Foi nesse universo que Ari exerceu todos os seus trabalhos com registro em carteira. Na primeira empresa de segurança em que trabalhou, prestou serviços para uma loja de produtos para bebê durante um ano e meio; para um condomínio durante seis meses (foi porteiro e vigilante); para uma loja de roupas de alto padrão por mais seis meses; e, por fim, para uma empresa de telecomunicações durante sete meses.

Essa empresa de segurança faliu e Ari entrou, então, em outra, na qual prestou serviço para uma fábrica de pneus durante um ano e meio e para uma grande indústria de laticínios por dois anos.

Esse período de trabalho como segurança terceirizado foi marcado pela humilhação. Primeiramente, humilhação por ser negro. Num país marcado pelo preconceito racial velado (CHAUI, 2001), Ari, indignado, denuncia que ao homem negro só resta o serviço de segurança e às mulheres negras o de faxina.

Também sofreu, nas empresas para as quais prestou serviço, muito preconceito por ser terceirizado. Como pudemos perceber pela descrição que Ari faz das empresas para as quais prestou serviço, esse período foi caracterizado por alta rotatividade. A permanência nas empresas é curta e Ari nos dá uma pista das razões de tal acontecimento:

Você presta serviço para uma loja, aí a cliente olha para você e não vai com a sua cara, como já aconteceu comigo. Ela não vai com a sua cara, aí você vai para outro lugar. Quando você está se adaptando, ela pega: “Ah, não quero esse aqui, me traz outro.” Você vai para outro lugar. E assim você vai, que nem um cachorrinho. É uma humilhação. (Ari)

Essa afirmação evidencia que os trabalhadores terceirizados não são respeitados e que a relação com eles é impregnada pela hierarquia e pelo preconceito. Nesse ambiente de trabalho não é possível que esses trabalhadores se revelem como pessoas; parecem ser tratados mais como objetos descartáveis que podem facilmente ser substituídos assim que se desejar.

As humilhações também advêm dos próprios funcionários da empresa, que costumam receber salário maior que o dos terceirizados. Na fábrica de pneus, o

encarregado contratado pela fábrica para gerenciar esses trabalhadores ganhava entre três e quatro vezes mais que eles e costumava humilhá-los também.

As câmeras espalhadas por toda a parte também vigiavam, espalhando um clima persecutório. Os seguranças precisavam vigiar não só o ambiente de trabalho, mas também as próprias atitudes, já que um mínimo deslize poderia resultar no recolhimento²⁴ do trabalhador. Na avaliação de Ari, essa fábrica de pneus foi a pior empresa em que trabalhou.

Na loja de produtos para bebês, as condições de trabalho também eram péssimas para os seguranças terceirizados. A loja localiza-se em uma região de comércio rodeada por prédios. A escassez de árvores e a grande quantidade de cimento tornam o local especialmente quente nos dias ensolarados. No seu posto de trabalho, Ari tinha que ficar sob o sol, de terno e gravata e em postura de segurança²⁵ por aproximadamente doze horas por dia. O intervalo para almoço era de apenas dez minutos. Além disso, ao final do dia sofria, mais uma vez, preconceito por parte dos funcionários do estabelecimento. Ari conta, espantado, que as próprias faxineiras trancavam as portas dos banheiros para que os seguranças não tomassem banho.

Nossa, era cada coisa. Olha, eu não desejo para ninguém o que eu passei. Nem mesmo àqueles que me têm como inimigo eu desejo. Cada coisa, nossa! Meu Deus do céu! Você chegava em casa revoltado. Mas você precisava, o que você ia fazer? Você tinha que ir trabalhar. Nossa, meu Deus do céu. E pegava trem, metrô todo suado. Você sabe que se você fica o dia inteiro no sol, chega no final do dia e você cheira mal. Você cheira mal. Infelizmente, eu não podia fazer nada. Por quê? Porque eu passava humilhação. Mas, ao mesmo tempo, eu precisava trabalhar. Eu tinha que ir trabalhar. Então foi um tempo difícil. (Ari)

²⁴ Ser recolhido quer dizer que a empresa contratante requisita a substituição do trabalhador. O segurança recolhido vai, pela mesma firma de segurança, para um posto de trabalho em outra empresa.

²⁵ Ficar em pé com as mãos unidas na frente ou atrás do corpo.

O trabalho como segurança foi muito penoso e Ari só aceitava trabalhar nessas condições porque precisava se sustentar e não via outra possibilidade de trabalho naquela época. Essa afirmação revela a presença da ética do provedor, é em nome dessa necessidade de sobrevivência que o trabalhador se submete às condições desumanas de trabalho que lhe são apresentadas, e não em nome do valor edificante do trabalho em si.

No período em que trabalhava na indústria de laticínios, Ari realizava também a revenda de laticínios dessa marca para complementar a renda obtida no emprego.

Em diversas empresas, durante a fabricação dos produtos, ocorrem, por vezes, algumas falhas. Quando apenas as embalagens não seguem os padrões de qualidade, não sendo aceitas pelos mercados, os produtos são oferecidos a todos os funcionários da empresa, inclusive para os terceirizados, a preços abaixo do custo. Dessa maneira, Ari comprava os produtos na indústria onde trabalhava e os revendia. Há, assim, a inserção concomitante no mercado formal e no informal, o que mostra que essas duas categorias não são mutuamente excludentes, como é possível observar em muitas trajetórias de trabalho.

A saída do ramo de segurança ocorreu após um incidente nessa indústria de laticínios. Alguns funcionários começaram a roubar dinheiro da empresa. Sempre chamavam Ari para entrar no esquema fraudulento, mas ele nunca aceitou, afirmando não precisar disso.

Aqui Ari revela a busca de identificação com a imagem de trabalhador, em oposição à de bandido ou malandro. Como aponta Zaluar, “enquanto se opõe a ‘vagabundos’, ‘bêbados’, ‘malandros’ ou ‘bandidos’, a categoria [trabalhador] é usada para indicar o valor moral superior da pessoa assim referida” (ZALUAR, 2000, p. 88). A autora ainda

afirma que é a ética do provedor²⁶ que permite ao trabalhador se sentir moralmente superior aos bandidos e aparecer assim publicamente, rejeitando o dinheiro fácil e sustentando a si próprio e a sua família com o dinheiro oriundo de seu trabalho.

Apesar de nunca ter aceitado participar de tal atividade, Ari também não denunciou seus colegas e foi essa atitude que determinou seu desligamento da empresa quando o esquema de roubo foi descoberto pela diretoria. Ao tomarem conhecimento do desaparecimento de grandes quantias de dinheiro, a diretoria decidiu demitir todos os seguranças terceirizados. Um dos colegas que participou dos roubos afirmou que Ari nunca havia aceitado participar. No entanto, a presidência entendeu que Ari havia sido cúmplice ao não denunciá-los e também o demitiu.

Ari saiu dessa empresa, mas o tempo que lá permaneceu foi suficiente para que desenvolvesse muitos vínculos.

É que, na verdade, eu fiquei lá um ano e meio. Eu conheço do maior ao menor funcionário. Porque segurança, queira ou não queira, você é a par de tudo. Tem que estar a par de tudo. E eu tinha muito vínculo com as pessoas lá, eu peguei bastante amizade com eles. (Ari)

Foram esses vínculos que possibilitaram que Ari continuasse, após sair do ramo de segurança, a realizar uma atividade de trabalho iniciada durante a sua permanência na empresa de laticínios: a venda de produtos dessa empresa.

Enquanto trabalhava na empresa de laticínios, comprava os produtos oferecidos aos funcionários e os revendia. Quando foi dispensado, pediu aos amigos que continuavam trabalhando na firma que lhe fornecessem os produtos.

²⁶ No caso de Ari, solteiro e sem filho, a ética do provedor não se refere à necessidade de prover sua família, mas sua própria sobrevivência.

Dessa forma, Ari passou a comprar de seus amigos os iogurtes, montar alguns *kits* e vendê-los pela vizinhança a preços bem abaixo do mercado. Apesar de ganhar uma boa porcentagem sobre o preço de compra do produto, estes ainda são comercializados por valor inferior ao encontrado em qualquer mercado ou loja.

Há cerca de cinco anos, Ari vêm desenvolvendo essa atividade, que viabilizou, paulatinamente, a construção de uma fiel clientela. Foi para essa mesma freguesia que ele passou também a vender roupas.

O fornecimento das roupas obedece a um processo semelhante ao dos laticínios. Certo dia, um vizinho, já freguês dos iogurtes vendidos por Ari, propôs a este revender roupas a que aquele, como funcionário de uma fábrica, tem acesso a preços bem abaixo do mercado. Ari aceitou e passou a comprar desse rapaz roupas a preço de atacado e a revendê-las para a mesma clientela dos iogurtes.

Atualmente, além das vendas (iogurtes e roupas), Ari trabalha no mutirão substituindo as faltas de famílias que não podem ir trabalhar nos dias programados²⁷. Assim, além de ir ao mutirão para fazer seu próprio trabalho, ele vai “pagar as faltas” de alguma família, sendo remunerado para isso.

Também fazia, para a presidente da associação, alguns serviços de banco, de cartório, de burocracia (para a prestação de contas para a CDHU) de reprodução e autenticação de documentos.

Eu cheguei a fazer muitos serviços desses pra ela. Inúmeras vezes. Muitas vezes eu estava em casa e ela me ligava. Falava: “Olha, eu

²⁷ Essa é uma regra estabelecida no mutirão: todas as famílias têm que destacar alguém para trabalhar na obra nos dias determinados. Se não puderem fazer isso, precisam contratar alguém para trabalhar em seu lugar, para evitar ficar com faltas. Esse mutirão adota uma pontuação: ao final das obras, aqueles que obtiverem maior pontuação serão os primeiros a escolher suas casas e a recebê-las. A presença na obra nos dias determinados para o trabalho de cada família é um dos fatores considerados para atribuir os pontos.

preciso de você pra isso e isso. Dá para você fazer?”, “Dá, dá, dá.” Eu ganhava, mas não ganhava da associação, eu ganhava dos mutirantes. Ainda ganho. Só que hoje, como está quase no final da obra, a gente fazia isso aí. A gente quase não está fazendo esse serviço. (Ari)

Nos trabalhos que Ari realiza atualmente fica evidente a importância das relações pessoais. Os vínculos familiares e de amizade e os construídos no trabalho e na vizinhança são fundamentais para a sobrevivência de Ari. Seu trabalho depende da solidariedade de seus colegas da indústria de laticínios, que lhe fornecem os produtos a preço de custo, sem nada cobrar além do valor da mercadoria, que deve ser pago à vista para que possam efetuar a compra. Da mesma maneira, seu vizinho fornece a ele roupas para revender.

Os laços de amizade e de confiança desenvolvidos entre ele e a presidente do mutirão e entre ele e outros mutirantes também possibilitam a realização de outras tantas atividades remuneradas, como citado acima.

Essa observação nos permite concluir que esses laços tão vitais para sua sobrevivência, esses favores e esses trabalhos que consegue situam-se na história de relação dele com essas pessoas. Não se trata de um favor pontual, mas de uma dádiva dentro de um ciclo em que circulam dádivas e contradádivas.

Ari gosta muito de ajudar os outros e acaba muitas vezes ficando em dificuldades financeiras em razão disso. Conta que na relação com seus amigos a ajuda é recíproca, eles também se desdobram para ajudá-lo, muitas vezes financeiramente, mesmo não tendo muitas condições para isso.

No dia anterior ao da entrevista, Ari precisava pagar a fatura do seu cartão de crédito, mas estava sem dinheiro para a gasolina. Seus amigos se propuseram a ajudá-lo, sugeriram ir todos ao *shopping* e, depois que Ari pagasse a fatura, comer uma pizza. Ari estava sem dinheiro e dois de seus amigos haviam acabado de receber pagamento, então o

ajudaram colocando gasolina no carro e pagando a pizza. Um dos amigos de Ari acabou enfrentando dificuldades financeiras por causa disso e este, então, sentiu-se muito mal e com a obrigação de retribuir na primeira oportunidade em que tivesse dinheiro. A respeito das relações de dádiva, Nicolas afirma que “a obrigação de retribuir poderá obrigar um parceiro a endividar-se, a renunciar as despesas úteis” (NICOLAS, 2002, p. 51).

A maneira como a relação de Ari com sua clientela aparece no relato permite-nos afirmar que, em certa medida, a dádiva também está aí presente. Sua freguesia foi construída por uma divulgação “boca-a-boca”, a qual difundiu o seu produto consolidando uma clientela. Começou mostrando seus produtos para suas vizinhas, que gostaram e divulgaram para parentes, que, por sua vez, indicaram para vizinhos, expandindo, assim, a clientela de Ari para outros bairros. Hoje ele tem entre quarenta e cinquenta clientes.

Ari não buscou vender seus produtos de porta em porta para pessoas desconhecidas. Preferiu divulgá-los por meio de uma rede de conhecidos, o que certamente garante mais adesão, já que a confiança sustentada entre os conhecidos é aproveitada por Ari. Como vimos anteriormente (no item 6.2, *A dádiva*), a confiança é fundamental nas relações sustentadas pela dádiva, pois faz com que, em uma situação em que não há nenhuma obrigação explícita de retribuir e em que há risco de não haver retorno, as pessoas se ajudem, prestem serviços, se presenteiem, etc. É preciso haver confiança de que o outro não interromperá o ciclo.

Ari gosta de se comunicar, de conversar com as pessoas. Quando chega na casa dos clientes, estes o convidam para entrar, tomar um café, conversam e brincam. As relações são perpassadas pela pessoalidade e por um clima alegre, revelando que o contato com seus fregueses não se desenrola apenas dentro da esfera mercantil. Para Ari, essa maneira de relacionar-se com seus clientes é muito prazerosa e gratificante.

O caráter festivo da comunicação mantida revela o aspecto libertador do rito evocado [da dádiva] em relação com a alienação imposta pelo mercado [...], os parceiros recriam as condições de uma existência “digna de ser vivida” para eles. (NICOLAS, 2002, p.60.)

Nessas vendas, Ari experimenta uma pessoalidade nas relações de trabalho que não encontrava nos seus empregos no ramo de segurança. Lá não havia espaço para nada além de um sério cumprimento aos seus colegas de trabalho, permanecendo na rígida postura exigida para esse tipo de atividade.

A fidelidade dos clientes para com Ari estende no tempo as relações entre eles, permitindo o desenrolar do ciclo da dádiva, em que são trocados não apenas produtos (por meio de uma troca mercantil), mas também palavras, favores, indicações, reconhecimento. Isso aponta que, além do produto vendido, circula algo mais qual indica a presença de reconhecimento e consideração das pessoas envolvidas e também da confiança, não só para a realização da venda, mas também para a manutenção do ciclo da dádiva.

Porque fica ali aquela amizade, acima de tudo, e elas ficam clientes fiéis. Tanto é que passam pessoas lá na rua: “Ó, você não quer iogurte? Você não vai comprar iogurte?” “Não, não, eu tenho um rapaz que fornece para mim”. E elas não compram de ninguém. Elas mesmas falam. Elas não compram, compram de você ali. “Porque há tantos anos a gente trabalha junto, compra os seus produtos. Então a gente prefere, mesmo no dia que a gente não tem o dinheiro, você espera”. Quer dizer, você espera, acho que é isso aí que cativa as pessoas. Isso aí é que deixa a clientela satisfeita. (Ari)

Podemos afirmar que as relações de Ari com muitos de seus clientes são perpassadas pela dádiva porque há emergência da pessoa como valor, há confiança recíproca – o

vendedor confia que o cliente vai pagar e este confia na qualidade do produto oferecido – e também reconhecimento de que o outro é um parceiro digno da transação (BEVILAQUA, 2001).

As relações regidas pela dádiva mesclam-se com estratégias de venda de si e de seu produto. Sistema misto em que convivem as trocas mercantis e um sincero interesse por seus clientes, pelo vínculo verdadeiro com eles. São clientes, e o vendedor depende deles para sobreviver, mas são também amigos.

Algumas maneiras encontradas por Ari para cativar suas clientes são: vender mais barato que o preço de mercado, parcelar (para o que é necessário ter confiança de que o cliente vai pagar), facilitar o pagamento, ter a mesma clientela para os iogurtes e para as roupas, buscar as roupas conforme o gosto do freguês, efetuar trocas de roupas, montar *kits* de iogurtes de acordo com as necessidades de cada comprador.

Tem que ser um vendedor, por mais que você não seja, não que seja o meu caso. Você tem que mostrar que você é legal, tem que mostrar que você é uma pessoa comunicativa, que você é uma pessoa bacana. Você tem que mostrar. Ela tem que sentir isso em você. Tanto é que eu tenho um monte de clientes que compravam produtos de outras pessoas e compram de mim. Falam: “Ah, você é um cara legal, a gente não tem o dinheiro no dia, você espera, muitas vezes a gente paga quando pode.” E tem que ser assim. Não é verdade? Aí as pessoas acham legal o jeito de eu trabalhar e falam: “Não, eu compro de você. Eu prefiro comprar de você.” E compram. (Ari)

Ari acha que a pessoa, para trabalhar com vendas, tem que ter um dom, um carisma que ele mesmo considera ter porque as pessoas o conhecem, gostam dele. Isso parece ser o resultado de um sistema misto em que vigoram tanto valores mercantis quanto a dádiva. De fato, ele comercializa produtos para garantir sua sobrevivência e emprega algumas práticas com o intuito explícito de cativar sua freguesia e vender mais. Entretanto, no

contato de Ari com sua clientela também fica evidente a presença de relações cimentadas pela dádiva expressas em um verdadeiro interesse pela vinculação com a clientela e a construção de laços de amizade.

Com efeito, a ordem mercantil é percebida como geradora de antagonismos, de anomia, de violência, de miséria psíquica suicidária. Simultaneamente, o consumidor experimenta o sentimento confuso de que suas motivações são amplamente induzidas, de que suas escolhas não correspondem às suas pulsões profundas, nem às suas necessidades [...]. Nesta conjuntura, o cerimonial simbólico do dom ritual [dádiva] vem conjurar os perigos anônimos, restituir os “verdadeiros valores”, vivenciados como a expressão de uma “verdadeira vida”. (NICOLAS, 2002, p.59)

No entanto, Ari também relata situações em que a relação com alguns clientes se desenvolve fora do sistema da dádiva: clientes que não pagam ou que o tratam de maneira objetivante. Essa é uma desvantagem percebida por Ari no trabalho com vendas. No entanto, como desenvolve com a maioria uma boa relação, não se preocupa muito com isso.

Porque às vezes, infelizmente, você tem alguns aborrecimentos, só que eu não levo em conta, pelo fato de as pessoas, de os outros clientes serem bacanas, conversarem comigo. Acima de tudo, antes de ser cliente é amigo. Então essas coisas eu tiro de letra. Isso eu acho legal. Como tudo, tem seu lado bom e seu lado ruim. (Ari)

A vida de trabalho de Ari se resume a duas atividades de trabalho: o serviço de segurança e a atividade de vendas. Sua avaliação sobre os empregos que teve como segurança são marcados, como pudemos perceber, pela impessoalidade, pela exploração e

pela humilhação. Em contraste, aparecem os trabalhos com vendas²⁸, em que são percebidas muitas vantagens.

A primeira vantagem é o fato de ele trabalhar para si mesmo, sem pressões externas de um chefe, por exemplo.

Hoje eu estou tão bem do jeito que eu estou. Eu não sei amanhã o que eu vou pensar. Mas hoje, não. Porque eu acho que eu me encontrei. Acho que não tem nada melhor que você trabalhar pra você mesmo. Onde você faz o que você gosta, e hoje eu me encontrei onde eu estou, como estou. Porque quando eu estava de segurança eu estava preso, mas precisava trabalhar. Mas hoje não. Hoje é gratificante, porque hoje eu trabalho para mim. Se eu trabalhar, eu ganho. Se eu não trabalhar, eu não ganho. Se eu trabalhar mais, eu ganho, se eu trabalhar menos, eu ganho menos. Tudo depende de mim. (Ari)

No trabalho com vendas, Ari fica livre para organizar seus horários da maneira como quiser, pode fazer suas entregas às dez, onze horas da manhã, por exemplo. Também pode trabalhar de acordo com suas necessidades, se estiver precisando de dinheiro trabalha mais, senão tem a oportunidade de descansar, tirar férias, o que considera ser bem mais difícil quando se trabalha em empresas.

Por exemplo, que nem agora em janeiro, em janeiro eu vou viajar de férias. Sendo que se eu estivesse numa empresa não daria. Se quiser hoje falar “Não, hoje eu vou viajar!”, eu já posso, porque eu, trabalhando pra mim, eu falo: “Hoje eu vou viajar, vou fazer isso, vou fazer aquilo.” Por quê? Porque eu mesmo faço meu horário. Eu mesmo faço os dias que eu quero. Em firma você tem que trabalhar um ano, um ano e meio, quase dois anos para poder pegar as primeiras férias. Para depois poder tirar férias, descansar. Você tem que esperar por eles. (Ari)

²⁸ Importante destacar que o referido trabalho com vendas não diz respeito ao trabalho com vendas “em geral”, mas sim a uma maneira específica de realizá-lo. Parece que o importante não é apenas a atividade de trabalho em si, mas também o fato de o trabalho ser “autônomo”, de não haver hierarquia e humilhação e de ele poder experimentar relações de trabalho mais pessoais e respeitadas.

Outra vantagem é que a remuneração no trabalho com vendas é bem maior do que nos serviços que teve como segurança. Nesse ramo, chegou a trabalhar quase catorze horas por dia para receber quatrocentos reais. Hoje ele trabalha dez, doze dias por mês e ganha entre oitocentos e mil e quinhentos reais. Segundo ele, isso não é possível em firma nenhuma hoje em dia. Foi graças aos trabalhos no mercado informal, aliás, que Ari conseguiu comprar seu carro, tão importante para efetuar suas entregas.

Como eu te falei no início da conversa, hoje eu tenho meu carro, graças a essas vendas, que eu jamais pensei em ter porque assim... eu não posso dizer para você que eu sou assalariado, mas antigamente eu era, e as condições não davam, porque eu fazia doze, treze, até mesmo catorze horas. Na própria [diz o nome da loja de roupas de alto padrão em que trabalhou], eu cheguei a fazer catorze horas para ganhar quatrocentos reais. E hoje eu ganho o quê? Quatrocentos reais eu ganho por quinzena. Ou mais. [a entrevistadora pergunta: Você ganha bem mais do que ganhava?] Bem mais! Dobro, triplo. Que nem eu te falei. Se eu trabalhar mais, eu ganho mais. Se eu trabalhar menos, eu ganho menos. (Ari)

A maior vantagem nos trabalhos com vendas refere-se à personalidade encontrada nas relações com seus clientes, como abordado anteriormente. São essas relações que permitem que Ari enfatize, em muitos momentos da entrevista, ter se “encontrado” nesses trabalhos, realizar atividades de que gosta e estar muito satisfeito.

Tem dia que eu chego em casa às onze horas da noite, meia-noite. Chego em casa e minha mãe fala: “Você não está cansado, não?” Por quê? Porque trabalho, mas é uma coisa que eu gosto de fazer. É uma coisa que me dá prazer, trabalhar. E, acima de tudo, eu sou uma pessoa comunicativa. Como eu te falei, você já percebeu que eu gosto de me comunicar, de conversar com as pessoas, então acho que me encontrei no lugar. (Ari)

Esse trabalho é percebido como tão gratificante e vantajoso que Ari não pretende sair do ramo. Pensa, inclusive, em montar um negócio próprio.

Mas a minha intenção é não sair mais, ou seja, expandir o trabalho. Eu pegar, abrir um comércio pra mim, lojas de roupa, abrir alguma coisa de laticínios. Porque a minha intenção mesmo é isso aí: de não trabalhar mais para ninguém. Porque é muito mais vantagem, é difícil no começo. É difícil porque você está trabalhando para você. No começo, é difícil porque você toma calote, desculpa a expressão. As pessoas não te pagam certinho e você fica no prejuízo. Mas é só no começo. Mas depois que você começa a ter uma estabilidade, você já começa a pensar em abrir loja, que nem o meu caso. A minha intenção é abrir uma loja. Minha intenção é abrir tipo um mercado, uma distribuidora de laticínios, iogurte, polpa de iogurte. Essa é minha intenção. Eu estou batalhando para isso. (Ari)

A cultura do emprego aparece, em sua trajetória, na percepção dos direitos trabalhistas que garantem regularidade na renda e estabilidade e segurança em caso de doença ou na velhice.

No entanto comparando as vantagens e as desvantagens das duas maneiras de trabalhar, Ari não tem dúvidas de que o trabalho com vendas, segundo o modo como o faz, é a melhor opção. Ressalta, contudo, a importância de pagar o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), o que se torna possível devido aos maiores rendimentos no trabalho “por conta”. Nesse caso, o trabalho com vendas conjuga todas as características positivas arroladas anteriormente e uma segurança para o futuro.

É, na verdade, eu não quero [um emprego], só que eu preciso pagar INPS, eu preciso... para que amanhã tenha um futuro, entre aspas. Tenha uma garantia. Por exemplo, se eu tiver um problema de saúde, ter o auxílio-doença. Enfim, um acaso. (Ari)

Ari permanecia nos trabalhos como segurança porque precisava de dinheiro e não percebia nenhuma alternativa de trabalho no momento. Podemos afirmar que o que fazia com que Ari se submetesse às situações mais humilhantes era a ética do provedor, a necessidade de sobrevivência. Foi também a ética do provedor que permitiu que Ari, diante da oportunidade de trabalhar “*por conta*”, abrisse mão de um trabalho com registro em carteira e passasse a se orgulhar do trabalho com vendas, ao perceber uma remuneração duas ou três vezes maior e cumprindo melhor a sua tarefa de prover o próprio sustento.

Ari tem muita vontade de cursar uma faculdade. A esse respeito, Nardi (2006) reitera que, atualmente, o maior sonho dos jovens é possuir uma formação universitária, em busca de uma melhor colocação no mercado de trabalho²⁹. Para Ari, o trabalho ideal seria com psicologia, tem vontade de montar um consultório. Ari avalia que assim poderia ajudar as pessoas, gosta muito de escutar os problemas e tentar ajudar na sua solução. Como conseguiu guardar dinheiro com os trabalhos no mercado informal, pode colocar em prática esses planos; pretende freqüentar um cursinho pré-vestibular.

No entanto, mesmo conseguindo cursar uma faculdade e trabalhando como psicólogo, Ari não pretende abrir mão do seu trabalho com vendas. Talvez não faça mais entregas de porta em porta como atualmente; abrirá, porventura, uma loja ou uma confecção, que é o seu sonho.

²⁹ No entanto, mais qualificação não garante, necessariamente, melhor colocação no mercado de trabalho. Como disposto na introdução deste estudo, com a reestruturação produtiva e com a intensificação liberal, a questão do desemprego caracteriza-se, atualmente, por um déficit estrutural de lugares ocupáveis no mercado formal de trabalho. Dessa forma, não há, como aborda Castel (1998), correlação direta e necessária entre a qualificação e o emprego. Esse autor alerta que “corre-se, então, o risco de desembocar, mais do que numa redução do desemprego, numa elevação do nível de qualificação dos desempregados” (CASTEL, 1998, p. 521).

Com base na análise do percurso de trabalho de Ari, podemos afirmar que se trata de uma trajetória orientada por estratégias, na medida em que percebemos a constituição de um lugar próprio. Ari parece capaz de capitalizar as vantagens conquistadas, preparar expansões futuras (abrir uma loja) e permanecer em uma posição de independência diante da variabilidade das circunstâncias.

Talvez em alguns momentos de seu percurso Ari tenha utilizado táticas de sobrevivência, como no início das atividades de vendas (iogurtes e roupas). Foram oportunidades que apareceram e ele soube aproveitar, mas hoje a orientação de sua trajetória é estratégica, já que ele não permanece preso às circunstâncias, buscando transformá-las em oportunidades de geração de renda (CERTEAU, 1994).

7.2 Sônia

Sônia nasceu em Santo André, tem quarenta anos, é casada e tem quatro filhos: um rapaz de vinte anos, outro de dezesseis, uma menina de treze e outra de nove.

Seu ingresso no mercado de trabalho aconteceu entre os treze e os catorze anos de idade, quando entrou em uma firma como auxiliar de tecelagem. Nesse período, na sua numerosa família, composta pelos pais e mais sete irmãos, Sônia era a única, aos treze anos, a trabalhar na casa; seus pais e seus irmãos mais velhos encontravam-se desempregados. A necessidade de trabalhar tão cedo fez com que Sônia parasse de estudar, o que, na época, foi muito difícil para ela. Hoje, acha que isso foi a pior coisa que fez em sua vida.

Ficou nessa primeira tecelagem durante um ano e meio e considera que o trabalho era bom. Foi lá que aprendeu, na linha de produção, a “*ficar ligeira com as mãos*”.

Depois, Sônia trabalhou em outra tecelagem fazendo um trabalho bastante semelhante ao anterior. Lá permaneceu por apenas dois meses. Entre os quinze e os dezesseis anos, parou de trabalhar. Ficou dois anos “*parada*”, durante os quais fez cursos de crochê, tricô e corte e costura.

Após esse período sem trabalhar, entrou em outra indústria de tecelagem, onde conheceu seu marido. Trabalhou por dois anos, casou-se e permaneceu por aproximadamente mais um ano.

Foi então, quando teve seu primeiro filho, que decidiu parar de trabalhar em firmas e buscar trabalhos que pudesse realizar em casa, já que essa seria a única maneira de conciliar as atividades domésticas, o cuidado dos filhos e o trabalho remunerado.

Em firmas, não teria possibilidade de se ausentar do emprego em caso de doença dos filhos e/ ou necessidade de levá-los ao médico. Ao passo que, trabalhando em casa, “*por conta*”, estaria sempre por perto e com um horário mais flexível para poder ampará-los quando necessário.

A condição de mãe e de provedora do lar fez com que essas mulheres fossem expulsas do mercado formal por não conseguir conjugar a disciplina da fábrica à necessidade do cuidado dos filhos. Aqui, novamente, a propriedade social faz falta. O Estado se fez ausente na trajetória de vida destas mulheres. A inexistência de creches para cuidado das crianças e o desrespeito à legislação trabalhista as obrigou a escolher entre a trajetória profissional e a obrigação moral (hierarquicamente superior) do cuidado dos filhos e das famílias. (NARDI, 2006, p. 137.)

Naquela época, muitas firmas pequenas ofereciam trabalhos que poderiam ser feitos em casa. Sônia pegou serviço de uma dessas firmas e passou a montar a parte elétrica, o interruptor, de abajures. Como nesse trabalho era ela quem organizava seus horários de

trabalho, se precisasse levar seu filho ao posto de saúde poderia compensar fazendo o trabalho em outros momentos.

Na época, tinha apenas um filho e, como a casa era pequena, tinha tempo de cuidar do bebê, limpar a casa e ainda trabalhar. Como recebia bastante trabalho, conseguia obter uma renda que considerava satisfatória.

Permaneceu nessa firma por quase dois anos, até que esta se mudou do bairro em que Sônia morava, o Tatuapé. Foi então, que Sônia passou a trabalhar com vendas, o que faz até hoje.

Começou a fazer e a vender “gelinho”³⁰ na porta de uma escola perto da sua casa. Nos horários de entrada e saída das crianças, Sônia saía de casa com uma caixa de isopor cheia de “gelinhos”, levando seu filho no carrinho. Exerceu essa atividade durante bastante tempo e conseguiu até mesmo construir uma boa clientela. Só parou quando se mudou do Tatuapé e foi morar com sua sogra no bairro da Penha³¹.

Aí, o pessoal já começa a pegar amizade com a gente, então o pessoal já espera. No dia que você não vai, no dia seguinte o pessoal: “Ah, eu trouxe dinheiro para comprar”. Então você cria um vínculo, vendas é bom porque você cria um vínculo, tanto de amizade, como de... E eu gosto dessa área de vendas, porque você vai na casa de um, aí “Ah, vem tomar café”... Eu gosto muito de criar um vínculo com as pessoas, não sei se é meu modo de ser, sei lá, é que eu sou muito aberta, sabe? Eu sou assim. (Sônia)

Assim como no caso de Ari, também é possível observar a presença da dádiva na relação de Sônia com seus clientes. A dádiva se expressa no prazer dessa vinculação e na possibilidade, criada por cafés, conversas e brincadeiras com os clientes, de desvelamento

³⁰ Tipo de sorvete vendido em um saquinho plástico.

³¹ Os bairros do Tatuapé e da Penha localizam-se na Zona Leste da cidade de São Paulo. A Penha é um bairro popular e o Tatuapé também era, até que recentemente se transformou em um bairro de classe média.

das pessoas envolvidas, de um reconhecimento mútuo para além da transação comercial efetuada.

Durante o período em que morou na casa de sua sogra, Sônia trabalhou como overloquista na oficina de costura de sua cunhada por cerca de dois anos. Era uma pequena firma no fundo do quintal da casa da sua cunhada. Como não havia muitas creches naquela época, trazia seu filho para o trabalho e, nos dias em que ele não estava bem e precisava levá-lo ao médico, não ia trabalhar.

Quando sua sogra se mudou para outro bairro, Sônia e sua família a acompanharam e a casa de sua cunhada ficou muito longe. Nessa mesma época, sua sogra passou a implicar com todos os trabalhos que ela pensava em fazer. Uma vez que a família dependia daquela pela moradia e gastava menos dinheiro por não precisar pagar aluguel, Sônia resolveu parar de trabalhar. Durante três anos não trabalhou, voltando apenas a fazê-lo quando sua sogra saiu da casa e eles tiveram novamente que arcar com o aluguel. O maior empenho de Sônia no trabalho nos momentos em que há necessidade de aumentar a renda da familiar revela a presença da ética do provedor.

Passou, então, a vender uma série de itens, como vassouras, rodos, sacos de lixo, cabides, bambolês. Vendia de tudo. Toda novidade que surgia ela passava a vender.

Eu já tinha pegado amizade mais ou menos por causa da escolinha do meu filho. Aí era só xavecando o pessoal [risos]. Essa parte a gente que trabalha com vendas tem que aprender. (Sônia)

Essa fala revela que, para Sônia, os conhecidos têm um papel importante na constituição de sua clientela no trabalho com vendas. Também começa a nos sinalizar a presença de estratégias de venda.

Sônia estava sempre bastante atenta às novidades e às oportunidades de revenda de produtos.

Então, quando saía novidade, eu já ia vender e já tinha os clientes que eu sabia que compravam. E quem não comprava também depois começava a comprar, aí tudo que aparecia lá comprava. (Sônia)

Esse comportamento, de comercializar todos os novos produtos que apareciam pode ser considerada uma tática de Sônia, que assim sempre tinha algo novo para oferecer e cativar sua clientela.

Seus amigos também a ajudam nessa tarefa ao dar idéias de novos produtos a serem vendidos, o que sinaliza a presença de relações pessoais sustentadas pela dádiva – já que se trata de trocas de favores entre amigos sem o interesse de obter lucro situadas em um ciclo, no qual já ocorreram muitas outras trocas.

Foi dessa maneira que ela passou, em determinado momento, a vender cabides. Uma amiga que trabalhava ao lado de uma fábrica de cabides e que os vendia a ótimos preços sugeriu a Sônia incorporar esse item ao seu arsenal de produtos. Sônia gostou da idéia e sua amiga passou a trazê-los para que Sônia os revendesse. Trabalhou com esse produto por um bom tempo e conseguiu ganhar um dinheiro razoável.

Depois, começou a vender um tipo de rodo diferente, que era uma novidade na época. A idéia surgiu quando um rapaz passou vendendo na porta de sua casa. Ela achou interessante e comprou um. Conversando com o vendedor, soube que esse rodo era muito vendido e pediu a ele o endereço da fábrica para vendê-los também. A solidariedade para com seus “colegas” de trabalho aparece na preocupação de Sônia em não “roubar” sua clientela. Ela tomou o cuidado de certificar-se do local em que ele vendia os rodos, para só

então, sabendo que sua vizinhança não era seu ponto habitual de venda, passar a vendê-los na região. Por se tratar de uma novidade, eles tinham boa aceitação da freguesia.

Outro item que comercializou e que estava bastante “na moda” na época foram os bambolês. Mas não vendia os bambolês como os comprava, ela os enfeitava com belas fitas brilhantes, deixando-os mais atraentes às crianças. Ela conta que as meninas ficavam “*doidas*” por eles. Seu ponto de venda era uma movimentada rua da Penha, onde também fornecia os bambolês enfeitados para algumas barraquinhas que vendiam diversos itens. Mais uma vez, seu produto tinha boa aceitação da clientela e ela chegou a vender cem itens por dia.

Podemos dizer que o cuidado para que seus produtos sejam bonitos e diferenciados, como colocar fitas nos bambolês, é também uma tática de venda adotada por Sônia para conquistar os compradores.

Nessa época, já com três filhos e o marido ganhando muito pouco, a difícil condição financeira da família e a impossibilidade de continuar pagando aluguel resultou na mudança de todos para a casa da mãe de Sônia no bairro de São Mateus³². Já faz quinze anos que moram lá, de onde pretendem sair quando sua casa no mutirão ficar pronta.

Atualmente, vende uma série de produtos alimentícios, como pão de queijo, trufas, pão de mel, esfiha congelada, broa de milho, cavaca³³, e eventualmente faz bolos e salgados para festas.

A diversidade de itens vendidos por Sônia revela sua grande versatilidade e criatividade na “invenção” de novos produtos, transformando qualquer chance em oportunidades de venda e geração de renda.

³² O bairro de São Mateus localiza-se na Zona Leste da cidade de São Paulo e é habitado por uma população de baixa renda. O mutirão onde foram realizadas as entrevistas também se situa nesse bairro.

³³ Sônia explicou que se trata de uma bolacha nordestina recheada de doce de leite.

Seu empenho em oferecer produtos diversificados e de qualidade aos seus clientes é evidenciado quando Sônia revela freqüentar cursos de culinária oferecidos por lojas de artigos para festas. Geralmente são cursos gratuitos ou muito baratos, com duração de duas ou três horas. Foram eles que ensinaram a Sônia muitas dicas e muitas das coisas que hoje ela faz para vender, como pão de mel, cavaca, bolo prestígio, bolo trufado, ovos de páscoa, dentre outros. Nesses cursos são também oferecidas aos participantes apostilas com uma série de receitas e dicas.

Esse investimento amplia o leque de produtos que ela pode oferecer aos clientes, possibilitando mais flexibilidade e manejo no trabalho. Assim, ela tem sempre “uma carta na manga” e pode tirar proveito de mais situações, como fazer salgados e bolos para festas, ovos de páscoa, itens alimentícios que substituam as trufas, que não têm muita saída no verão, etc.

Somadas à versatilidade de Sônia relacionada aos diversos produtos que pode oferecer, as relações pessoais contribuem para ampliar as oportunidades de conseguir trabalhos. Um exemplo dessa associação foi a venda de ovos de páscoa no ano passado. Naquela ocasião, uma amiga, proprietária de uma *bombonière*, pediu a Sônia que fizesse alguns ovos de páscoa para serem vendidos no seu estabelecimento comercial. Sônia havia aprendido a fazê-los nos cursos de culinária que freqüentava e só então os fez pela primeira vez. Inicialmente, fez alguns para sua amiga ver como ficavam. Embalou os ovos com belos papéis e fitas e o produto foi muito bem avaliado.

Aí eu fiz, ela pesou tudo direitinho, deu o peso certo. Aí ela falou: “Nossa, mas ficou muito lindo!” Porque eu coloco papel brilhante, coloco laço. Nossa! A criançada só quer ovo de páscoa pelo... Porque eu colocava o papel mais brilhante, o papel mais bonito, mais cheio de

coisinha, era listadinha. Eu sabia que as meninas gostavam de rosa, pegava o rosa mais bonito que tinha a bonequinha. (Sônia)

Para as meninas, comprava papéis cor-de-rosa com a estampa de uma boneca parecida com a Barbie; para os meninos, papéis azuis com desenhos de carrinhos. Sônia demonstrou bom conhecimento sobre o que poderia seduzir seu público-alvo. As crianças gostaram muitos dos ovos de páscoa e estes tiveram grande aceitação da clientela na *bombonière* de sua amiga.

Seus ovos de páscoa ficaram tão bonitos e chamativos que o primo de sua amiga, o qual tem um mercadinho na região, gostou dos que viu expostos na *bombonière* e encomendou-os para vender no seu próprio estabelecimento. O dono de um mercadinho concorrente viu os ovos no outro mercado, gostou e também os encomendou. O resultado é que Sônia vendeu, naquela ocasião, mais de oitocentos ovos de páscoa. E só não vendeu mais porque estava tão cansada que passou a recusar encomendas.

Aí, eu falei assim: “Eu não vendo mais”. Não dá. Aí, menina, eram dez horas da noite, a mulher me ligando que queira mais cinqüenta ovos de páscoa. Falei: “Não! Não tem condições.” (Sônia)

O sucesso de vendas nessa situação ocorreu pela conjunção de alguns fatores: seu conhecimento de culinária, que disponibiliza para as vendas uma série de produtos que podem ser acionados nas várias épocas do ano; a ajuda de uma conhecida que requisitou seu trabalho; a criatividade de Sônia na apresentação do produto, que o tornou tão bonito e chamativo que cativou também outros distribuidores.

Quanto à embalagem de seus produtos, Sônia costuma ser bastante rigorosa. Gosta de deixá-los bonitos e atrativos: embalagem bonita, etiqueta com a data de vencimento e o

dia de produção. Essa é uma das maneiras de Sônia agradar seus clientes e conquistar sua confiança.

Aí, então quando eu vou comprar... Eu faço as coisas, eu estou fazendo como se fosse pra mim, como se eu fosse comprar. Eu gosto de colocar coisa bonita. Colocar papel de trufa, ou do ovo de páscoa, do pão de mel, da cavaca, eu gosto de colocar bem bonitinho. (Sônia)

Atualmente, sua rotina de trabalho corresponde a ficar em casa até a uma e meia da tarde cuidando das crianças, da casa e do almoço. Quando as crianças vão para a escola, ela limpa a casa e sai para vender os pães de queijo pela vizinhança, nos postos de saúde, nas creches, nos arredores de sua casa.

Apesar da diversidade de itens comercializados por ela atualmente, o produto que tem mais aceitação da freguesia e ao qual ela tem mais se dedicado nas vendas é o pão de queijo.

Como a maioria dos produtos vendidos por Sônia, os pães de queijo também têm muita aceitação. Ela lembra que, com os outros produtos, depois de um tempo, a clientela enjoa e pára de comprar, porém os pães de queijo são tão bons que não foi assim. Trabalha com eles há bastante tempo e a procura por parte da clientela continua grande, garantindo um bom retorno financeiro.

Sônia avalia que os produtos alimentícios costumam ter boa aceitação pela clientela. Em se tratando desses itens, ela é rigorosa e cuida para que sejam de boa qualidade. O fato de a embalagem dos pães de queijo vir com um rótulo contendo o telefone e o número do

CNPJ³⁴ da firma é um atestado de qualidade, alimentando ainda mais a confiança que Sônia procura passar para seus clientes.

Para ela, o mais importante no trabalho com vendas é transmitir confiança e vender um produto de boa qualidade.

Então eu acho assim: o negócio de vender é você mostrar qualidade, você saber o que está vendendo e transmitir confiança, porque depois eu volto na casa da pessoa, “e aí, você gostou do pão de queijo?”, “você gostou do bolo?”, “você gostou de não sei-o-quê?”, porque eu volto na pessoa e pergunto se ela gostou. Volto. E às vezes a pessoa nunca comeu pão de queijo, às vezes nunca comprou broinha de milho, então eu volto, “e aí, você gostou da broa de milho? Como é que você fez?” Eu crio aquele vínculo da pessoa poder chegar em mim e falar “não gostei, o pão de queijo estava azedo”. Nunca aconteceu isso, mas eu dou essa liberdade para o meu cliente chegar em mim e falar, porque eu chego no dono lá e falo também. (Sônia)

É dessa maneira que Sônia se aproxima das pessoas, conquista sua clientela e cria vínculos para ela muito gratificantes.

Ah, eu gosto. Sabe que às vezes você está tão entediada, vai pra casa de um, “ah, entra aqui, toma um café”. Nossa, tem dia que eu... tem dia que... Eu falei: “Eu não quero mais tomar café, já comi pão, já comi bolacha.” Aí sentou lá, você toma café, a pessoa te dá um suco, vem com pão, vem com bolacha. “Ah, toma café comigo.” (Sônia)

No seu trabalho cotidiano, Sônia cultiva uma aproximação com as pessoas para quem vende seus produtos, construindo vínculos e revelando também, para além do que é comercializado, as pessoas envolvidas.

Também a comunicação festiva, as brincadeiras tão presentes em sua relação com a clientela apontam a presença da dádiva no trabalho de Sônia.

³⁴ Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica.

Então eu faço esse tipo de brincadeira, às vezes a pessoa compra um pão de queijo, “ai, mas eu estou muito gorda”, eu falo: “Imagina, esse pão de queijo é diet”. Mas as pessoas sabem que é brincadeira. “Então você compra, come um por dia, dá para...”, “ah, mas eu vou esquentar o forno quarenta minutos para um pão de queijo?”, “então, você põe meia dúzia!” [risos] “Mas isso aqui não engorda não”, “claro que engorda, porque você não consegue comer um só, tem que comer uns dez para matar a vontade, porque ele é muito gostoso”. (Sônia)

A dádiva se evidencia na relação de Sônia com seus clientes na medida em que, como aponta Nicolas (2002), muitas vezes as conversas e as brincadeiras não se centram muito nas informações ou idéias a serem passadas, mas evidenciam interesses, respeito, aceitação e alimentam o vínculo.

Uma importante parcela do comércio social baseia-se em trocas de brincadeira, trocas, às vezes, provocadoras, inúteis, impondo respostas do mesmo nível, da mesma entonação. Convém não se vexar, evitar levar a coisa a sério, relançar a disputa: quem “não compreende a brincadeira” é rejeitado pela comunidade. (NICOLAS, 2002, p. 54.)

Não é somente a dádiva que perpassa as relações de Sônia com seus clientes; mescla-se com atitudes marcadas por relações de mercado, devido à necessidade de se proteger contra possíveis prejuízos, evitando levar calotes.

Porque eu tenho medo de chegar e bater palma na casa de uma pessoa e a pessoa me dar calote. Então eu procuro saber o pessoal... “Ah, aquela moça é boa pagadeira”. Então eu vou lá. Porque nas vendas tem uma coisa: você toma muito calote também. (Sônia)

A venda de produtos a desconhecidos aumenta a possibilidade de que a transação ocorra fora do sistema da dádiva. É com as pessoas conhecidas, com a vizinhança e com amigos que se torna mais fácil estender a relação no tempo e iniciar um ciclo de trocas

marcado por valores distintos dos de mercado, com personalidade e reconhecimento do outro enquanto ser humano, não como objeto ou meio para conseguir algo.

Além das vendas de porta em porta pelo bairro, na escola, na creche, ela também divulga seus produtos na *bombonière* da amiga. Coloca uma placa com seu telefone anunciando os pães de queijo, os salgados para festas e as esfihas. Aparece mais uma vez na sua trajetória a importância de alguns vínculos pessoais, indício da presença de relações regidas pela dádiva, que resultam no bom funcionamento de seus “negócios”. O que não quer dizer que a relação seja entendida por Sônia como um meio para conseguir trabalhos, como vimos anteriormente (no item 6.2); é interessando-se verdadeiramente pelas pessoas com as quais se relaciona que a dádiva e a contradádiva podem aparecer.

Também funciona bastante a divulgação “boca-a-boca” dos clientes. Eles provam os produtos, gostam e fazem a propaganda para seus conhecidos, aumentando a clientela de Sônia. Esse processo de divulgação entre conhecidos parece ser bastante eficiente, já que a confiança sustentada entre eles é transmitida para Sônia.

Então eu coloco placa lá na porta e vai no boca-a-boca também. Você vai na escola, você vendeu um pão de queijo que todo mundo gostou, falam e, no dia, todo mundo, curioso, quer comprar. Aí um professor fala para o outro, uma servente fala para a outra e assim vai. Tem mulher que pega os meus pães de queijo e fica rodando a creche inteira: “Aí, esse pão de queijo é bom. Você precisa ver como é.” [risos] (Sônia)

Sônia consegue ganhar um dinheiro razoável com seu trabalho no mercado informal, mas já teve muita vontade de ter um emprego. Emergem, então, alguns valores da cultura do emprego na percepção das vantagens e da estabilidade proporcionada por direitos trabalhistas, salário fixo, fundo de garantia, INSS, seguro-desemprego e outros benefícios, como cesta básica, convênio médico, vale-refeição.

Além da percepção das vantagens de acesso aos direitos trabalhistas, Sônia faz referência também ao valor simbólico de ter o registro na carteira de trabalho. Algumas pesquisas mostram que, para um segmento específico da população, que não possui um trabalho que possibilite reconhecimento social nem uma renda fixa que possa ser comprovada, a carteira de trabalho assinada, mesmo que com baixa remuneração, possibilita uma identificação social de trabalhador e consumidor e oferece reconhecimento social e credibilidade para se inserir no mundo como consumidor, ao possibilitar a abertura de crediários.

Com relação a isso, Anete Farina e Débora Audi, ao relatarem, em comunicação pessoal, um trabalho realizado em 2004 com um grupo de desempregados³⁵, revelam que o que mais incomodava os desempregados ao se referir à ausência do registro na carteira de trabalho era a impossibilidade de abrir crediários em algumas lojas.

E na hora de fazer uma compra você tem carteira registrada, igual a gente fala “eu sou autônoma, “você trabalha de que?”, “ah, eu trabalho com congelados”, “como você faz?” Então na hora de você fazer uma compra nas Casas Bahia, em algum lugar assim, é aquela burocracia. É ruim por isso. (Sônia)

Há algum tempo, Sônia chegou até mesmo a submeter-se a uma entrevista de emprego, por indicação de uma amiga. Mas, já na volta da entrevista, começou a ficar ansiosa e a pensar em seus filhos, principalmente em uma filha que tem problemas de saúde e precisa ir regularmente ao médico.

Porque tem uma filha que faz tratamento pra crescer, ela tem problema de crescimento, então tem dias que eu não posso sair. Tem gente que me

³⁵ Parceria entre o Centro de Psicologia Aplicada ao Trabalho (CPAT) e o Projeto São Paulo Inclui, da prefeitura de São Paulo.

arruma serviço, “vai lá na firma que está pegando”. Mas eu penso nela. Ela tem que fazer exame de sangue, tem que tirar raio x dos ossos, agora ela está com reumatismo nos ossos. Ela tem uma dieta equilibrada. Eu vou deixar essa menina com quem? Ela está com nove anos e mede um metro e vinte, um metro e vinte e dois, pesa dezoito quilos. Todo mundo pensa que ela tem seis anos e ela vai fazer dez. Com quem eu vou deixar ela? Ela entra dez para as sete da manhã na escola, ela [a filha que estava com ela no dia da entrevista] e meu outro filho entram às onze, quem vai buscar ela? Quem vai levar? Então eu penso tudo isso. (Sônia)

A rigidez dos horários e a impossibilidade de ter muitas faltas impossibilitariam Sônia de cuidar de seus filhos como gostaria. Devido a tudo isso, quando ligaram para sua casa informando que havia conseguido a vaga, Sônia a rejeitou. Porque, para ela, a grande prioridade da sua vida são os filhos.

Porque uma coisa que eu tive sempre prioridade foi meus filhos, pode ter o que for, se eu tiver que levar criança em posto, se eu tiver que levar pra tomar vacina, se eu tiver que fazer qualquer coisa, eu largo tudo. (Sônia)

E, nesse sentido, o trabalho “*por conta*” é muito vantajoso para ela. Uma grande vantagem do trabalho com vendas, ressaltada em diversos momentos da entrevista, é a flexibilidade dos horários de trabalho. É assim que ela pode conciliar o trabalho doméstico, o cuidado das crianças, o trabalho e até mesmo a sua disposição para ele. Quando não pode sair para trabalhar, se precisa levar algum filho ao médico, se tem muita roupa pra lavar, se tem algum serviço doméstico atrasado ou quando não está disposta, não vai. Guarda os pães de queijo no *freezer* e no dia seguinte compensa sua “falta”, vendendo os pães de queijo de dois dias em apenas um.

Então, eu estando em casa eu cuido, eu busco, eu levo. O que eu acho bom de trabalhar por conta é isso, eu tenho minha... no dia que eu não estou a fim de trabalhar, que você não está legal... Igual diz o outro, eu

durmo o dia inteiro [risos]. Então o que eu acho bom de trabalhar por conta é isso. (Sônia)

A percepção de todas essas vantagens em contraposição à rigidez do trabalho em firmas deixa a cultura do emprego esmaecida. Sônia avalia que, para ela, o trabalho ideal é o que permite conciliar todas os aspectos de sua vida e ainda ganhar um bom dinheiro.

O marido de Sônia é o provedor principal da casa. Ele está empregado e, apesar de seu salário ser bastante baixo, representa uma quantia mensal fixa que pode ser utilizada para pagar as contas da casa. Já Sônia administra os recursos e, com o dinheiro das suas vendas, consegue garantir o pagamento de contas do cotidiano, com os filhos, com itens que não são de primeira necessidade.

Até hoje é assim, nós conciliamos assim, todo dinheiro que entra em casa ele deixa dentro de casa e eu que administro o dinheiro pra pagar assim, assim, assim. O dinheiro dele, que ele ganha, é pra pagar as contas altas, seria a conta de água, a conta de luz, essas contas mais assim, e o meu é pro dia-a-dia, que seria, vamos supor, uma mistura, um pão, passagem de ônibus que às vezes a firma não dá, tem mês que a firma não dá. Então o meu dinheiro, que eu trabalho por conta é para o dia-a-dia, mesmo. Você entendeu? Pra fazer, assim, uma mistura, para pão, para leite, bolacha para as crianças. Para gastos assim, que não são fixos, do dia-a-dia, para a gente comprar aquelas coisas, igual dizem os outros, que não tem tanta necessidade. (Sônia)

É o que eu faço com o meu dinheiro. Às vezes eu compro uma coisinha para as meninas, uma roupinha íntima, meia, coisas para mim também, para os meninos, eu compro até para o meu marido, porque é difícil deixar só ele levar cinco nas costas, porque eu tenho quatro [...] Aí compro pizza pra eles, essas coisas assim que com o dinheiro do meu marido não daria. (Sônia)

Na família de Sônia, assim como em tantas outras das classes populares, é possível delimitar claramente alguns papéis considerados femininos e outros masculinos

(ZALUAR, 2000). Segundo a autora, ao pai cabe a função de provedor principal, que paga as despesas e contas da casa; a cargo da mulher fica a administração dos recursos da família, assim como as pequenas despesas com ela e com as crianças.

Dessa maneira, podemos afirmar que o grande empenho de Sônia no trabalho tem como motivação a ética do provedor, expressa na constante dedicação de Sônia para aumentar a renda familiar e disponibilizar à família melhores condições de vida. Sônia mostra a todo o momento essa obrigação com os demais membros da família. Ela é a responsável por uma vivência menos pautada pela constante necessidade, possibilitando a compra de itens que não são de primeira necessidade.

Na casa de Sônia, assim como em muitos outros lares das classes populares, também os filhos contribuem para o aumento da renda familiar (ZALUAR, 2000), especialmente sua filha de treze anos. Segundo Sônia, sua filha tem dom para vendas; a mãe pode fazer quantas trufas quiser que a filha consegue vender todas pelo bairro.

Anunciando que, como aponta Zaluar,

São inúmeros os arranjos internos à unidade doméstica para manter o padrão de vida que separa a miséria da pobreza e afasta o espectro da fome, socializando o esforço de gerar renda entre os vários membros da família. (ZALUAR, 2000, p. 93.)

A história de Sônia deixa claro que as táticas e os arranjos para garantir a sobrevivência e o bem-estar da família são coletivos, envolvem todos os membros da família. Dessa forma, em sua trajetória de trabalho a segurança parece estar, por um lado, garantida pelo fato de seu marido encontrar-se empregado, o que proporciona à família a garantia de uma renda fixa que, apesar de pequena, garante a quitação de todas as contas

da casa; por outro lado, essa segurança está garantida pelas relações pessoais que permitem que Sônia tenha muitas indicações e possibilidades para suas vendas.

Como vimos, o fator determinante para a saída de Sônia do mercado formal foi a incompatibilidade dos rígidos horários dos empregos e a obrigação moral maior (NARDI, 2006) do cuidado com os filhos.

Valores da cultura do emprego estão expressos na percepção de direitos e benefícios e de uma renda fixa que permite a assunção de compromissos que exigem certo planejamento, como pagar cursos de computação para os filhos.

No entanto, a impossibilidade de conjugar o emprego e o cuidado dos filhos, somada à necessidade de contribuir para o aumento da renda familiar (ética do provedor), determina o obscurecimento dos valores da cultura do emprego e a inscrição no mercado informal de trabalho.

Contribuem ainda mais para que os valores da cultura do emprego fiquem esmaecidos o fato de Sônia encontrar no trabalho com vendas enorme prazer proporcionado pelas relações de dádiva com seus clientes e o fato de ela ser bem-sucedida nas suas vendas e conseguir um bom complemento para a renda familiar (ética do provedor).

A personalidade das relações com amigos e com a clientela e a versatilidade e as táticas de venda de Sônia fazem com que ela seja bem-sucedida no seu trabalho.

As relações pessoais possibilitam a realização de muitos trabalhos, ao se concretizarem em forma de idéias de produtos para vender, encomendas de produtos para revender, indicações e propagandas de seus produtos.

As relações de dádiva com a sua clientela fazem com que esta passe a ser fiel a Sônia. Segundo Nicolas, nas relações mercantis os consumidores sentem, constantemente, que há ampla indução, e que suas escolhas não correspondem a seus verdadeiros desejos e necessidades. Nesse contexto, a dádiva “vem conjurar os perigos anônimos³⁶, restituir os ‘verdadeiros valores’, vivenciados como a expressão de uma ‘verdadeira vida’” (NICOLAS, 2002, p. 59).

Sônia demonstra grande capacidade de vender seus produtos devido às suas táticas de venda: deixar o produto muito bem apresentável de acordo com o público-alvo, vender novidades e itens úteis e transmitir confiança por meio do cuidado com a embalagem e com a qualidade do produto.

A trajetória de Sônia evidencia versatilidade, criatividade e iniciativa. Em momentos de dificuldade, ela logo cria uma saída, um novo produto que pode ser vendido.

Faço trufa, pão de mel, tudo que você imaginar eu faço. Uma vez eu estava sem dinheiro, para você ter uma idéia, estava sem dinheiro, aí eu fiquei: “O que eu vou fazer?” Eu acredito que você crê em Deus, então Deus te dá aquela luz, Deus te mostra as coisas, eu tinha ovo, tinha farinha, tinha coisas assim, falei: “Vou fazer um bolo.” Fiz quatro bolos. Sabe bolo redondo com aquelas placas no meio? Fiz só bolo normal, peguei tinha coco, joguei em cima assim, molhei com coco, pus no carrinho de feira. Menina, mas eu não cheguei no final lá da rua. Aí foi um tal de gente buscar bolo lá em casa. [risos] Meus vizinhos... às vezes, eu saía até com bolo para vender na rua, batendo de porta em porta, e voltava sem nenhum para casa. Então tudo o que você imaginar de vendas eu já fiz. (Sônia)

Podemos afirmar que a trajetória de Sônia é orientada por táticas, e não por estratégias. Ela aproveita a todo o momento as ocasiões e as transforma em oportunidades. Consegue sobreviver e ganhar dinheiro suficiente. Demonstra uma hábil utilização do

³⁶ Ao utilizar a expressão “perigos anônimos”, Nicolas (2002) refere-se aos riscos que as pessoas correm ao relacionar-se com pessoas desconhecidas, como ser enganado ou não haver reciprocidade.

tempo e das situações, própria da tática, mas continua vulnerável aos acasos do tempo e tem, constantemente, que se adaptar às situações que lhe são apresentadas, sem condições de estocar recursos, aumentar a propriedade e prever saídas (CERTEAU, 1994).

7.3 Eliza

Eliza tem trinta anos. Tem uma filha de sete anos e no momento da entrevista estava grávida de oito meses. Ela mora com a filha, o pai do bebê que espera e o filho dele.

Eliza nasceu em Alagoas e veio para São Paulo no final de 1996 com o objetivo de procurar emprego, já que lá enfrentava muitas dificuldades para conseguir uma vaga no mercado formal de trabalho. Antes de se mudar, trabalhava como agente de saúde para o governo federal, não era registrada e ganhava muito pouco. *“Então, aqui tinha chance de conseguir registrado e ganhar mais. Aí foi o motivo que eu vim para cá.”* (Eliza)

Quando veio para São Paulo, muitos conhecidos seus já estavam na cidade, dentre eles suas duas irmãs gêmeas, muitos colegas da escola onde estudou durante quinze anos e primos distantes. Essas pessoas foram muito importantes para Eliza, foram eles que a ajudaram a se ambientar em um lugar totalmente desconhecido e a encontrar trabalho – no que a ajudam até hoje.

Seria mais difícil se eu tivesse vindo sozinha, porque você tendo conhecidos alguém te indica. Está trabalhando... Aí fica bem mais razoável (Eliza).

As relações pessoais cimentadas pela dádiva são especialmente importantes nas trajetórias de migrantes. Diante da experiência de deixar sua terra natal, abandonando tudo

o que lhe é familiar, e de chegar em lugar completamente desconhecido, são as relações pessoais, especialmente com as pessoas do seu lugar de origem, que permitem não apenas a sobrevivência, mas também a transformação do desconhecido em algo familiar e acolhedor.

Pode-se dizer que as trocas mantidas entre essas pessoas são alimentadas pela dádiva, já que elas parecem ter, acima de tudo, a intenção de vinculação, de aproximação, construindo um lugar de pertencimento no novo ambiente. São importantes, nesse sentido, não apenas as relações pessoais com seus conterrâneos (também migrantes), que criam elos com sua terra distante, mas também com as pessoas do novo mundo.

As indicações desses conhecidos foram indispensáveis para que Eliza conseguisse encontrar trabalhos. Seu primeiro emprego em São Paulo foi em 1997, como auxiliar de escritório em uma academia de ginástica. Uma colega, que na época trabalhava em três empregos, saiu do emprego na academia de ginástica para que Eliza pudesse entrar em seu lugar. Eliza conseguiu essa vaga não apenas pela indicação de sua colega, mas também pelo ato de solidariedade desta de sair de um trabalho para que Eliza pudesse trabalhar.

Avalia que esse foi o melhor serviço que já teve e o que mais gostou. Chegava às sete, oito horas da manhã, limpava a academia, depois recebia e depositava cheques, fazia serviço de *office-boy*. É com pesar que ela fala sobre sua saída do trabalho. Depois de um ano, a academia mudou-se para a Zona Oeste. Para que ela continuasse trabalhando com eles, teriam que pagar a ela duas conduções, então preferiram dispensá-la e pegar alguém que morasse mais perto para economizar nas passagens.

Depois desse trabalho, ficou desempregada durante dois anos. Foi nesse período que ela ficou grávida de sua primeira filha e foi, entre 1999 e 2000, para Alagoas para ter o bebê.

Em 2001, voltou para São Paulo e começou a trabalhar como ajudante geral em metalurgia. Também esse emprego ela conseguiu por meio de um conhecido de Alagoas que trabalhava na firma. Ela contou para ele que estava desempregada, pediu ajuda e ele conseguiu o emprego para ela. A firma pagava razoavelmente bem (setecentos reais) e ela ainda fazia horas extras, o que ajudava bastante a aumentar a renda.

Trabalhou lá até que a firma se mudou para Minas Gerais devido a isenções fiscais – ficaria dez anos sem pagar impostos. A fábrica passou a funcionar com um número restrito de funcionários e os salários foram reduzidos à metade. Eliza ficou ainda quatro meses indo e voltando de Minas Gerais todos os dias para ensinar o serviço para os trabalhadores mineiros. Saía às quatro e meia da manhã para chegar em casa às dez horas da noite.

Esse relato mostra a situação de intensificação liberal vivida no período, a degradação das condições de trabalho e o aumento da instabilidade.

Ficou, então, cinco meses sem trabalhar recebendo seguro-desemprego, até que conseguiu emprego de balconista em uma rede de mercados populares que estava abrindo cerca de quinhentas filiais em São Paulo e no interior e admitindo, na ocasião, muita gente com ensino médio completo. Ela se inscreveu no processo seletivo e foi chamada. Trabalhou registrada durante sete meses, mas as condições de trabalho não eram boas, não pagavam hora extra e não respeitavam os horários.

Trabalhei lá sete meses, registrado e tudo, mas é uma escravidão. A gente está sujeito a eles, não pagam hora extra, tudo... (Eliza)

Eu fui, deram treinamento direitinho, registraram. É bom também, o defeito deles é que não pagam hora extra. Tem banco de horas também, não funciona nunca o banco de hora deles. E também pagavam razoável também. Se não fosse assim... Eles não cumprem o horário. “Olha, deu o seu horário vai embora.” Se não fosse isso era bom, porque depois das

duas, três horas você tem que trabalhar de graça pra eles? Então não dá. Sai. (Eliza)

Depois disso, foi trabalhar como faxineira em prédios. Também conseguiu esse trabalho por meio de uma pessoa conhecida. A vizinha de Eliza era freqüentemente chamada para trabalhar como faxineira por um rapaz que faz serviços de acabamento em prédios em construção, e foi essa vizinha que a indicou para o mesmo trabalho.

[...] um cara que trabalha assim, como gato, faz engenharias. Ele pega todo serviço de gesso, de faxineiros. Trabalha como gato, nunca registra. Sempre está pegando, paga tudo direitinho, dá condução, cesta básica. (Eliza)

O trabalho era bastante pesado. As faxineiras tinham que tirar todo o entulho, limpar azulejos, vidros, tirar pingos de tinta para entregar o apartamento pronto para as clientes. Trabalhou nesse serviço durante uns seis meses. Só aceitou trabalhar assim, sem registro, porque estava morando sozinha e precisava pagar aluguel. Isso sugere a importância do vínculo formal de trabalho para Eliza, que só aceita trabalhos no mercado informal nas situações de necessidade. É a ética do provedor, a necessidade de sustento da família, que faz com que Eliza admita trabalhar no mercado informal.

Saiu desse serviço assim que conseguiu um trabalho registrado como copeira em uma empresa de *telemarketing*. Mais uma vez, uma conhecida a ajudou a conseguir o emprego. A colega, que também trabalhava lá de copeira, falou para ela levar o currículo. Foi chamada depois de uma semana. Ficou na firma durante um ano e dois meses. Foi dispensada porque iam terceirizar o serviço, mais um indício da precarização das condições de trabalho.

Uma empresa boa também, só que terceirizou o serviço. Entraram pessoas que vieram do sul, a maioria deles. Quiseram um serviço terceirizado, que pagava metade do que pagava para nós. Aí dispensaram doze copeiros e vieram outras pessoas. Pagavam para nós setecentos reais, incluindo condução, vale-refeição. Daí eles acharam muito e contrataram uma firma terceirizada, pagando trezentos e oitenta para as pessoas que iam entrar. (Eliza)

Depois, trabalhou, sem registro em carteira, como diarista na casa de uma família. Também arranhou esse trabalho por indicação, por meio da mãe de uma amiga que trabalhava com ela como copeira no emprego anterior. Conseguiu trabalho em dois apartamentos e lá permaneceu por três meses, até que descobriu estar grávida e resolveu parar.

Acho que eu estava com um mês e quinze dias de gravidez e o serviço era muito pesado, e eu pegava ônibus, trem, metrô e ônibus, quatro. Quatro para ir, quatro para voltar. Então eu não agüentava. Era horrível. Então eu tive que abrir mão. (Eliza)

Desde então, não teve mais nenhum trabalho. Mora com o pai do bebê que está esperando e é ele quem tem se responsabilizado integralmente por todas as despesas da casa. Ele é gesseiro e trabalha para o mesmo rapaz para quem ela trabalhou na faxina dos prédios. Segundo Eliza, ele é “quase autônomo”.

Porque quem trabalha de autônomo precisa muito de um carro, de uma coisa assim que... Porque tendo carro ele vai buscar produto mais em conta. Aí acaba sendo mais fácil pra ele. Mas, como ele não tem ainda, então depende de alguém que leve material para ele. (Eliza)

Ele recebe muito trabalho, o que resulta em um rendimento razoável que complementa fazendo “bicos” nos finais de semana. Dessa forma, para conseguir prover a família, ele trabalha um elevado número de horas.

O papel de provedor principal, a que parece ter ficado reduzido o papel masculino na família, obriga o pai, ou marido, a julgar pelas queixas constantes dos trabalhadores, a um número excessivo de horas de trabalho. (ZALUAR, 2000, p. 93)

O trabalho de seu companheiro supre as necessidades mais prementes, mas eles “*vivem no aperto*”, como avalia Eliza. Esperam ansiosamente pelo apartamento do mutirão. Quando isso acontecer, poderão sair do aluguel, investir na compra de um carro e abrir um negócio próprio.

Só que, quando nós sairmos do aluguel, vai ser melhor pra nós, então ele pode comprar um carro, ele pode montar uma banca. Eu posso ajudar ele com uma parte, ficar na banca e ele dar conta do serviço fora. Ele pensa assim. Aí vamos ver. Porque, olha, eu saindo do aluguel hoje, menina, vai ser maravilhoso, porque menos duzentos reais por mês vai ser melhor. Porque esses duzentos reais que eu pago lá vai dar para pagar água, luz, gás e a mensalidade do CDHU. Então vai ser bom para nós. (Eliza)

Podemos perceber o lugar estratégico que a moradia, a casa própria, tem para a sobrevivência dessa família, assim como também para muitos outros trabalhadores urbanos de baixa renda (ZALUAR, 2000).

Desde que descobriu que estava grávida, Eliza não trabalhou mais, e o momento da entrevista caracterizava-se, então, pela espera. Devido à gravidez, não podia trabalhar, restando apenas pensar nos planos para depois do parto³⁷.

Ao todo, teve quatro trabalhos com registro em carteira e dois sem. Avalia que passou pouco tempo registrada. Gostaria de ter mais tempo, porque acha muito bom ter esse registro.

Na trajetória de Eliza, a cultura do emprego aparece de maneira intensa no forte desejo de ter um emprego e na percepção das vantagens deste e dos direitos trabalhistas que oferecem mais segurança.

Os trabalhos que teve no mercado informal não são bem avaliados por ela. O serviço de faxineira em prédios em obras era considerado muito pesado e saiu dele assim que conseguiu encontrar o emprego de balconista, que apesar de também não ser bom, era registrado. E os trabalhos como diarista em casas de família são, para ela, marcados pela humilhação.

Muita humilhação... Claro que tem família boa que entende o seu serviço, você termina e vai embora. Mas não, você tem que terminar o seu serviço e tem que ficar dando cinco horas pra ir embora? Acho assim, muita... Você já pega no serviço cedo, vai tudo em ordem, põe o apartamento todo em ordem, depois ainda... três horas, quatro horas eu tinha terminado, depois ainda ouvir ela falar assim: “Nosso combinado foi até cinco horas”. Eu acho assim, depois que termina... Não fez bem-feito? Não está feito tudo? Sabe, é muita... Essas pessoas... A maioria das pessoas que tem acha que os pobres têm que ficar sujeitos a eles e qualquer coisa que some já põe a culpa na empregada. Eu não acho isso certo. Talvez foi o próprio menininho que fez uma reinação. Sei lá, eles julgam muito. Eles acham que a maioria das pessoas que está lá de

³⁷ O fato de estar grávida imprimiu à entrevista de Eliza características diferentes das dos outros trabalhadores. Diferentemente deles, ela não estava no mercado de trabalho há sete meses, podendo apenas resgatar e refletir sobre suas experiências anteriores de trabalho e tentar planejar um futuro incerto devido aos novos elementos introduzidos em sua vida: um bebê que precisa de atenção, um companheiro que não quer que ela volte para o mercado de trabalho, como analisaremos mais adiante, e a mudança para a casa própria.

diarista, além de ser paupérrima, tem que estar sujeita a eles. Eu não acho isso certo. (Eliza)

Então ela prefere trabalhar em empregos, nos quais ficam mais claras as suas atribuições.

Eu prefiro trabalhar de mercado, que nem eu trabalhei, de operador de loja. Eu prefiro trabalhar de metalúrgica, que é aquela produção e pronto. Ou então, claro, se tivesse, trabalhar em escritório, que sempre foi minha vontade. Mas, quando eu trabalhei, eles não exigiam muita informática, hoje é tudo... Tem que fazer aquele curso. Então fica bem mais difícil. (Eliza)

Na sua avaliação, prefere trabalhar com registro na carteira de trabalho, e sua trajetória, como vimos, evidencia que a sensação de segurança aparece muito associada ao vínculo formal de trabalho, que é aquele capaz de proporcionar todos os direitos e benefícios que permitem uma sensação de proteção diante dos imprevistos e um planejamento da vida.

Porém, como essa última fala começa a mostrar, alguns elementos da atual conjuntura do mercado de trabalho e também de sua vida, como veremos adiante, fazem com que ela comece a reavaliar as condições e os trabalhos possíveis para si.

A primeira questão que se coloca para ela é a rigidez dos horários de trabalho em um emprego. Dessa forma, para trabalhar ela teria que deixar as crianças com alguém e pagar por isso. Então, para que isso pudesse acontecer, ela precisaria ganhar bem.

São duas crianças. Eu só vou poder deixar meu nenê a partir dos seis meses com alguém. Antes disso... Também se for pra ganhar quatrocentos, quinhentos, seiscentos, eu vou pagar pra ficarem com as minhas crianças no mínimo duzentos e cinquenta, então não vejo vantagem, não. Mas, se eu procurar e encontrar um salário de oitocentos, novecentos, eu vou tentar pagar alguém, colocá-los na

escolinha, o que é bem difícil, uma escolinha de tempo integral, a não ser pagando também. Vamos ver. (Eliza)

No entanto, Eliza tem consciência da degradação das condições de trabalho e da crescente dificuldade de encontrar um bom emprego. São muitas as firmas que terceirizam serviços, e os salários estão cada vez mais baixos. Além, disso as exigências para conseguir um emprego são cada vez maiores. Coursou o ensino médio, porém acredita que para ter boas chances hoje em dia só “*batalhando muito*”, “*estudando muito*”, fazendo faculdade.

Se eles dessem chance para as pessoas também, porque tem empresas aí que não dão chance para ninguém. Por exemplo, se eu chego lá e falo: “Tenho o segundo grau”. “Tem informática?”. “Não”. Já não querem. A maioria das empresas não dá chance para as pessoas crescerem lá dentro. Então acho que isso é o problema de muitos desempregados. É esse. Aí tem que procurar o emprego que der. (Eliza)

Só que, quando estiver com seus dois filhos, não acha que vale a pena pegar qualquer trabalho.

Ganhar pouco não dá. Então... Porque, para você pagar uma pessoa que não seja escolinha, para o filho ficar jogado... Depois, trabalhar, ganhar pouco. Então, não vejo vantagem, não. É preferível ficar em casa, cuidar dos dois e o marido que se vire. (Eliza)

E é com pesar que ela afirma que, nessas condições, preferiria trabalhar como diarista. Apesar de não ter tido uma boa experiência trabalhando em casa de família, o relato da experiência de sua amiga dá a ela a esperança de encontrar uma boa patroa:

Hoje ela trabalha em casa de família, ganha setecentos reais, é registrada, a família gosta muito dela. Não é humilhada. Ela trabalha lá no Tatuapé, de segunda a sexta, das oito às cinco. No dia que ela precisa ficar com o filho dela para levar ao médico, a mulher não fala nada. E é muito bom assim. Ela não tem do que reclamar. Ela falou: “Olha, se você tiver criança doente e você precisar, você me fala que eu vejo médico aqui no prédio para você.” E em muitos outros lugares que ela conhece também. E ela falou que está muito melhor do que quando era copeira, muito melhor. Porque copeira era todo sábado. Tinha final de semana que nós íamos até domingo, que tinha. (Eliza)

Uma grande vantagem de trabalhar como diarista é a melhor remuneração. Ela considera que as pessoas que hoje têm maiores rendimentos são as diaristas. Para ela, seria muito vantajoso, se conseguisse uma boa patroa, como a de sua amiga, e conseguisse pagar o INSS.

Porque a diária acaba sendo melhor no sentido de, não é registrado, mas, em compensação, você cobra uma diária cinqüenta reais, setenta reais. Ganha mais ao dia. Se você consegue uma diária, cinco dias da semana, seis dias está bom. Eu acho que se você se preocupar em pagar o INSS, acho que é vantagem. Chegar lá, fazer seu serviço, sem ninguém pegar no pé. É muito bom, você consegue uma casa, um apartamento que você vai, dá conta lá, a pessoa não está em casa, você faz sossegada a faxina. Muito bom. Mas, quando é patroa pegando no pé, acho que não compensa muito, não. Mas é muito bom, eu conheço colegas que trabalham oitenta reais o dia, mas também é assim, chegando às sete, saindo seis da noite, deixando o serviço bonitinho. Compensa. (Eliza)

Além das responsabilidades com o cuidado das crianças e das dificuldades encontradas no mercado de trabalho, Eliza enfrenta outro dilema para a sua volta ao mercado de trabalho: a necessidade de decidir tudo isso junto com seu companheiro, que prefere que ela não trabalhe fora de casa. Ele não julga necessário que Eliza se esforce para conseguir renda e considera que o papel dela na divisão doméstica de papéis seria administrar a casa.

O companheiro de Eliza age de acordo com a tradicional divisão sexual do trabalho. Ele se coloca no lugar do provedor principal, procurando cobrir todas as despesas da casa sozinho. Para tanto, trabalha durante a semana e complementa a renda com “bicos” aos finais de semana, como vimos anteriormente.

Se o dinheiro do chefe não dá para as compras, então a mulher ou algum filho “ajuda” o chefe, sinal de que este não consegue sustentar a família, o que o diminui ante os seus olhos. Bom marido é aquele, portanto, que gosta de trabalhar, isto é, que prolonga suas horas de trabalho de modo a poder arcar sozinho com essa despesa. (ZALUAR, 2000, p. 101)

Com relação à divisão de papéis na família, ter um companheiro é, para Eliza, bastante ambíguo. Por um lado, ter com quem dividir as despesas e preocupações – aluguel, escola, contas, pagar alguém para ficar com os filhos – é confortador e traz mais segurança. Por outro, restringe a liberdade que sempre teve de trabalhar e usar seu dinheiro da maneira como quiser.

Porque eu sempre fui acostumada a ter meu dinheiro. Eu ia lá, comprava, não dava satisfação para ninguém. Hoje, tem que: “Ah, eu vou comprar isso.” “Eu vou sair com a Luiza [sua filha] para comprar isso.” “Aonde?” “Deixa para comprar para todo mundo.” Ele fala: “Comprar só para um assim não. Deixa que eu trabalho um pouquinho mais e compro para todo mundo de uma vez só.” Então, ele é sempre assim, se preocupa com, se comprar para um tem comprar para todos. Agora, quando estava com a minha filha, não, era só eu e ela. “Vamos se embora. Vamos comprar. A mamãe tem.” Agora é ele, sabe? Não me chateia, mas às vezes só o fato de eu não ter o meu é que me chateia um pouco. Ter que esperar. Ele dá, ele nunca negou nada. Mas é o fato de eu ter me acostumado só com o meu trabalho, com o meu dinheiro. Então é bem difícil acostumar com essa idéia. Eu estou dois anos com ele, mas eu não me acostumo, não. (Eliza)

Sempre estive muito acostumada a lidar com todas as responsabilidades. Antes de morar com esse companheiro, era a provedora principal de sua família, e é difícil se acostumar com o papel, comumente destinado às mulheres, que seu companheiro quer atribuir a ela.

Tudo era eu. Eu me sentia o homem da casa. O homem e a mulher. Pai e mãe. Mas é bem difícil, quando você encontra uma pessoa responsável, para você assimilar as coisas. Dizer: “Tudo ele. Tudo ele.” Ele faz tudo. Tem coisas que eu ia fazer, ele falava assim: “Eu que sou o homem da casa, deixa eu cuidar. Você não, você só administra a casa.” Aí era bem difícil. (Eliza)

Até o momento, os ganhos de seu companheiro têm sido suficientes para pagar as contas, no entanto estão previstas situações, como o nascimento do bebê e a mudança de casa, que aumentarão os gastos da família. Portanto, será necessário avaliar se seu companheiro conseguirá pagar todas as despesas ou se será necessário que Eliza contribua para o sustento da família.

Por enquanto está dando para sustentar, para conseguir... Só que assim, por exemplo, eu quero mudar para o apartamento, eu quero as minhas coisinhas todas novas, tudo isso. E já vai ser difícil, porque só ele trabalha. Já fica pesado pra ele. Então eu e ele vamos sentar e conversar se compensa ficar em casa ou se compensa trabalhar para eu ajudar ele. Ele em uma parte e eu em outra. Porque criança vindo você sabe que sempre está precisando. Sempre, sempre, sempre. Já é uma despesa a mais. (Eliza)

Se ela puder, prefere voltar para o mercado de trabalho, conseguir uma escola para os filhos e encontrar um trabalho que conjugue o horário dela e das crianças. Ela não consegue ficar “parada” e gostaria muito de receber uma remuneração, fruto de seu próprio trabalho, para poder usar o dinheiro da maneira como quiser e para poder

contribuir com o pagamento das despesas da casa de modo a possibilitar gastos com itens que não sejam de primeira necessidade.

Assim, podemos afirmar que, para Eliza, o trabalho é visto como positivo pela necessidade de sustentar a família e de proporcionar melhores condições de vida para todos os membros desta; mas é também pela liberdade de controlar sua vida, utilizando os rendimentos oriundos de seu próprio trabalho da maneira que desejar, sem precisar consultar ninguém, nem pedir permissão para fazer o que tem vontade.

A ética do provedor também se evidenciou, na sua trajetória, ao afirmar que sempre lutou muito e sempre “*correu atrás*”, de forma que tempo máximo que ficou sem fazer nenhum trabalho foi um mês. Nos momentos em que não estava empregada, era comum realizar atividades no mercado informal, como fazer faxinas e passar roupas. Isso mostra que, mesmo não sendo um trabalho considerado ideal (emprego), ela os aceitava para que conseguisse sobreviver e sustentar sua filha.

Pessoas indicavam, que sempre moram assim... Pessoas que trabalham fora, aí falam: “Olha, fulana está precisando que passem roupa para ela.” Digo: “Ah, se quiser eu vou.” Aí, já no outro dia, já mandavam me chamar. Sempre foi assim, até eu conseguir registrado, aí quando eu consegui registrado já não ia mais. (Eliza)

Percebemos que na trajetória de Eliza o emprego é sempre mais valorizado que os trabalhos no mercado informal. Ela só recorre ao mercado informal quando não encontra possibilidade de inserção em empregos, percebendo esta atividade como um “passatempo” (MORTADA et al, 1999; DIAS, 2002).

A ética do provedor se evidencia na aceitação de qualquer trabalho em caso de necessidade de sustentar a família. Assim, a trajetória de Eliza é desenhada por um

movimento pendular entre o trabalho no mercado formal e o no informal, movimento que pode ser explicado pela presença concomitante da ética do provedor, que determina a aceitação de qualquer trabalho tendo em vista o sustento da família, e a forte presença da cultura do emprego, que mantém vivos o desejo e a esperança de encontrar um emprego.

Em sua trajetória, a dádiva também aparece como fundamental na busca por trabalhos. A ajuda de conhecidos foi importante para Eliza conseguir todos os trabalhos, registrados ou não, de sua vida, exceto o de balconista. Ajuda que pode ser incluída na perspectiva da dádiva, uma vez que percebemos que esse ato não é isolado, se passa dentro da história de relação entre as pessoas e contém reconhecimento mútuo.

Mas é uma pessoa que é assim, se vê que está precisando... Às vezes ele vai para Alagoas e conversa com a minha mãe. Aí a mamãe fala quem está desempregado, quem está trabalhando. Aí ele pega o telefone e liga aqui em São Paulo e nos encontramos, conversamos. Ele dá a maior força. (Eliza)

Quanto às expectativas de trabalho para depois do nascimento de seu filho, Eliza inclinava-se, no momento da entrevista, a continuar sem trabalhar ou a entrar no mercado informal. Os mecanismos envolvidos na orientação de sua trajetória referem-se à obrigação moral de cuidado com os filhos, a qual recai, geralmente, sobre a mulher. Como salienta Nardi (2006), a incompatibilidade entre trajetória profissional e cuidado dos filhos (tarefa moralmente superior) e a ausência de suportes estatais, como creches, faz com que elas acabem saindo do mercado formal para poder desempenhar o papel feminino na divisão das responsabilidades familiares.

A trajetória de Eliza também parece ser orientada por táticas de sobrevivência. Como pudemos perceber, ela “se vira” diante das situações apresentadas a ela. Ela

responde às ocasiões transformando-as em oportunidades, sem, contudo, conseguir constituir um lugar próprio capitalizando as vantagens conquistadas e preparando uma futura expansão. Eliza precisa estar bastante atenta às circunstâncias para tentar transformá-las em oportunidades.

7.4 Cristiane

Cristiane tem vinte e um anos, é solteira, não tem filhos e nasceu em Santo André.

Começou a trabalhar aos doze anos no sacolão³⁸ de seu primo. Como na época era menor de idade, não poderia trabalhar, por isso entrava à noite, assim que o sacolão fechava, para evitar qualquer complicação legal para o estabelecimento. Arrumava todas as mercadorias nas bancas para que estivesse tudo pronto quando o local iniciasse as atividades no dia seguinte de manhã. Lá também havia uma minilanchonete e, nos finais de semana, quando o movimento era intenso, ela ajudava a fritar pastéis.

Trabalhou com seu primo dos doze aos quinze anos. Até os catorze anos, trabalhava todos os dias no sacolão. Nessa época, começou a trabalhar também como recepcionista no escritório de advocacia de seu pai. Então, passou a trabalhar todas as tardes com seu pai e, em noites alternadas, no sacolão, quando seu primo ia ao Centro Estadual de Abastecimento (Ceasa).

Dessa forma, dos catorze aos quinze anos, sua rotina era bastante intensa: ia para a escola de manhã, saía ao meio-dia e ia para o escritório do pai, onde trabalhava até as dezessete horas. Voltava para casa e, dia sim, dia não, dormia até as onze horas da noite, quando entrava no sacolão do primo.

³⁸ Estabelecimento que comercializa frutas, verduras e legumes.

No escritório de seu pai, sua tarefa era atender o telefone, anotar os recados e arrumar arquivos. Usava muito pouco o computador e o que mais fazia era desenhar, para passar o tempo. Achava o trabalho bastante entediante e considera que com ele aprendeu muito pouca coisa.

Aos quinze anos, após uma briga muito séria com seu pai, saiu da casa deste – onde ela morava com o pai e com a avó – e foi morar com sua prima. Parou de trabalhar com seu pai e ficou mais um tempo só no sacolão de seu primo.

Foi um período muito difícil para Cristiane. Ela saiu de casa levando apenas um cobertor. Precisava pagar aluguel e as contas e não conseguia arrumar um trabalho. Até que um dia, passando em frente a uma banca de jornal, viu uma revista que ensinava a fazer trufas. Ela e sua prima pediram cento e cinquenta reais emprestados, compraram sessenta reais em revistas e o restante em chocolate e começaram a fazer trufas para vender.

No início, até acertar o ponto exato para trabalhar com o chocolate, perderam muitos ingredientes. Mas começaram a vender trufas e, no período da páscoa, também fizeram ovos. Foi um período em que ela e a prima passaram dificuldades financeiras. O único trabalho que tinham era fazer e vender trufas, e ele não proporcionava bons rendimentos.

Foram, então, procurar emprego no centro da cidade de São Paulo e conseguiram trabalho como vendedoras externas em uma gráfica. Pegavam uma pasta contendo amostras de todos os produtos oferecidos pela gráfica – como cartões de visita, panfletos, ímãs de geladeira ou qualquer trabalho com papel gráfico – e saíam para vendê-los na rua. Cristiane não gostou do serviço e não conseguiu permanecer nele por muito tempo.

Só que eu fiquei pouco tempo, eu não gosto de vendas, não gosto de vendas no sentido de eu ter que correr atrás do cliente, estilo Casas Bahia: a pessoa está entrando e você está atrás, a pessoa te dando um quebra e você [imita um sorriso amarelo] sorrindo. Não, eu não consigo. Se me der um quebra eu mando ir para a ponte que te partiu. Nesse ponto, eu sou muito estressada, se me der um quebra... (Cristiane)

Logo depois sua prima também não agüentou e saiu da gráfica. Ficaram, por um tempo, trabalhando só com as trufas. Diferentemente do serviço da gráfica, Cristiane gosta muito de vender trufas.

Com as trufas, graças a Deus, eu me dou muito bem, eu xaveco. Tem gente que leva, tem gente que não leva, compra, tal. Mas, se a pessoa virar pra mim e falar: “Olha, dessa vez eu não vou levar”, “Tudo bem, obrigada.” E eu não vou ficar com raiva. Mas eu ficar: “Não, leva, não sei o quê” e a pessoa te dando quebra, aquelas coisas... Não é comigo, não. (Cristiane)

O apoio de alguns conhecidos foi muito importante para ela nessa época de sua vida. Ela saiu de casa sem nada, não tinha fogão nem geladeira, eletrodomésticos indispensáveis para o preparo das trufas. Foi então que amigos a ajudaram emprestando dinheiro para começar a fazer as trufas, a mãe de um grande amigo trocou de geladeira e deu-lhe a antiga e a avó a auxiliava sempre que podia. Algumas relações sustentadas pela dádiva a ampararam nesse momento tão difícil, não somente oferecendo apoio emocional, mas também ajudando financeiramente ou indicando para trabalhos.

Aí tem um amigo meu que ele me ajudou muito, um senhor – hoje ele tem uns setenta e quatro, setenta e cinco, inclusive ele faz aniversário no mesmo dia que eu – me ajudou bastante. Falou: “Olha, Cristiane, o que você precisar eu te empresto, você só me paga quando estiver trabalhando. O que você precisar mesmo pode contar comigo.” E ele trabalhava na feira. Falei: “Você conhece muitos feirantes, vê com alguém se você tem como

arrumar [um trabalho], ou para mim ou para a Rani, uma das duas entrando eu já fico feliz.” (Cristiane)

Então, foi por intermédio desse amigo que depois de um tempo surgiu uma vaga em uma barraca de pastel na feira. Decidiram que quem pegaria o trabalho seria sua prima, já que Cristiane preferia ficar em casa fazendo as trufas para vender.

Três semanas após sua prima começar a trabalhar na feira, Cristiane foi chamada também. Com as duas trabalhando, foi possível comprar as coisas aos poucos e começar a mobiliar a casa.

Trabalhou na feira dos dezesseis aos dezoito anos de idade.

Trabalhei na feira, é legal trabalhar na feira. É muito bom. Eu era muito tímida, olhava meio assim, sabe? Não sei o quê, tal. Na feira, eu aprendi, hoje eu falo, brinco, zôo. Me soltei bastante com o pessoal, brinco muito, brinco com qualquer pessoa. [...] Na feira é cansativo, de ter que levantar quatro horas da manhã e está chovendo e está frio, você sai na garoa e fica gripado, aquelas coisas todas. E o ruim é que patrão não reconhece, não reconhece você, é raro você encontrar um patrão que te reconheça enquanto funcionária, que dê todos os seus direitos. Não tem registro na carteira. (Cristiane)

Na avaliação do trabalho de feirante, começam a aparecer a forte presença da cultura do emprego e a importância que o registro em carteira assume na sua vida, o que será abordado adiante.

Depois de dois anos trabalhando na feira, o marido de sua patroa começou a assediá-la, e esta não sabia se contava ou não para aquela o que estava acontecendo. Cristiane sugeriu que contasse.

A Rani ficou meio assim. Falei : “Olha, eu, no seu lugar, falaria. Ela vai acreditar? O legal é você estar tranqüila com a sua consciência. Problema dela se ela não acreditar em você. Você vai estar consciente

de que fez a sua parte.” Ela: “Tá bom, mas pode crer que a gente vai perder o serviço.” “Vai lá e faz.” (Cristiane)

O resultado é que sua prima foi realmente dispensada do trabalho e duas semanas depois Cristiane também foi. Depois de um tempo, a patroa voltou atrás e pediu para Rani voltar, mas ela não quis.

Depois, com o dinheiro que conseguiram guardar do trabalho na feira, compraram um carrinho de cachorro-quente e começaram a vendê-los. Não tiveram muito retorno financeiro. Cristiane avalia que essa atividade não “*deu certo*” pois trabalhavam na Zona Leste de São Paulo, onde, segundo ela, as pessoas não costumam comprar coisas desse tipo. Somado a isso, houve o casamento e a mudança de sua prima. E elas resolveram vender o carrinho.

No ano passado, Cristiane arrumou trabalho na barraca de pastel da cunhada de sua antiga patroa. Acha que esta ficou se sentindo mal por despedir as duas por causa do marido e indicou-as para a cunhada. Como não conseguiu localizar a prima na ocasião, somente Cristiane foi trabalhar na feira. Ela ficou apenas três meses nesse trabalho e avalia que foi muito explorada.

No momento em que começou, o acordo era que ela receberia quinze reais por dia para cuidar do balcão. De quinta-feira a sábado, ela chegava às sete horas da manhã, e nas terças e quartas-feiras, às quatro. Na feira, sua obrigação se restringiria a repor *ketchup* e mostarda nos tubos esvaziados pela clientela, arrumar o gaveteiro com os pastéis e atender os clientes. Terminada a feira, voltaria para a casa da patroa, lavaria os recipientes de *ketchup* e mostarda e os completaria novamente.

Esse esquema funcionou por apenas duas semanas. Na terceira semana, quando acabou a feira e Cristiane voltou para a casa da patroa, esta havia comprado escarola e

pediu para que aquela as lavasse. Cristiane o fez, pensando se tratar apenas de um favor pontual. No entanto, nas semanas seguintes, quando Cristiane voltava para a casa da patroa depois do serviço, a escarola estava lá, junto com suas coisas, indicando que aquela tarefa havia entrado no rol de suas obrigações. A mesma coisa aconteceu com os repolhos, que chegavam em outro dia da semana. Depois, a patroa também pediu para que, em outro dia da semana, ela ajudasse a montar pastéis. Dessa forma, Cristiane tinha que ficar, em três dias da semana, até mais tarde do que haviam combinado. A patroa ainda pediu que ela ficasse para triturar tomate em outro dia da semana. No entanto, Cristiane mentiu que não poderia ficar até mais tarde naquele dia da semana porque teria um curso. Ela conta que essa foi a maneira que encontrou para evitar mais exploração. Além disso, também começou a ajudar a fritar pastel e a montar e desmontar a barraca, o que inicialmente era função de um menino que recebia cinco reais só para fazer isso.

Foram atribuídas a ela muitas novas funções, de modo que começou a ficar muito mais tempo no trabalho sem que houvesse um aumento proporcional na sua remuneração.

Ela começou a ficar muito cansada e, por volta de junho, quando fazia bastante frio, ficou doente, acamada, durante quatro dias, e a patroa logo a substituiu. Ficou muito decepcionada por ser substituída com tanta facilidade. Acha que merecia algum tipo de reconhecimento, afinal trabalhou muito para essa patroa e, apesar de ter trabalhado apenas três meses com ela, com a cunhada desta ficou dois anos.

Rapidinho substituiu. Aí, não gostou da menina. Boba que nem eu a menina não era! Acho que não quis fazer o serviço, não sei o que foi. Me ligou. Até agora, o mês passado, ligou, me chamando para trabalhar neste natal. Falei: “Não. Não quero.” (Cristiane)

Foi então que Cristiane começou a trabalhar no mutirão substituindo as famílias que não podem ir trabalhar nos dias designados. Enquanto trabalhava na feira, não podia fazer isso porque trabalhava de terça-feira a sábado e domingo e segunda eram os dias em que podia trabalhar por si mesma. Ao comparar esse serviço e o trabalho na feira, prefere o mutirão, mesmo que ganhe menos.

Para “pagar a falta das pessoas” no mutirão, ela recebe vinte reais para trabalhar o dia inteiro na obra. Gasta quase cinco reais de condução e, se não conseguir trazer marmita, desembolsa mais quatro reais pela refeição. Dessa forma, recebe onze reais para fazer um trabalho pesado o dia inteiro. Mas, na sua avaliação, é muito mais tranquilo trabalhar no mutirão do que na feira.

Só que aqui eu ganho onze o dia, eu trazer trufa eu vendo. Eu canso menos do que na feira, apesar de trabalhar, de ter que levantar às cinco para sair às seis e chegar em casa só às oito. Entro aqui, das oito às cinco. Mas cansa menos. Tem o Airton e o Marcelo³⁹, eles pegam no pé, eles estão vendo quem está trabalhando, tal. Mas, não é puxado, por mais que eu estou cavando buraco ou eu estou carregando bloco, é menos puxado do que a feira. Fora o psicológico, do estresse. Aqui você não estressa. Aqui dentro eu não me estresso com os outros, pelo contrário. Aqui eu me divirto. Eu estou cavando um buraco e a gente está contando piada, dando risada, fazendo piadinha um com o outro, falando palavras de duplo sentido para dar risada. Na feira eu só me estressava. (Cristiane)

Parece que, no trabalho do mutirão, as relações pessoais de amizade impregnam o ambiente de trabalho, tornando o clima mais leve e prazeroso. Lá ela pode participar de uma comunicação festiva, em que, mais do que informações, são trocadas palavras, brincadeiras, simplesmente pelo prazer de estar junto e de se vincular (NICOLAS, 2002). A personalidade encontrada nesse ambiente parece contribuir para transformar um trabalho

³⁹ Os nomes foram alterados.

tão pesado como a obra em uma atividade mais agradável, pela possibilidade de vivenciar relações de respeito e de reconhecimento, ao contrário da exploração do trabalho na feira.

O mutirão é também o lugar em que Cristiane mais vende suas trufas. Não tem muitos clientes perto de onde mora, lá são mais seus amigos que compram uma ou duas. No mutirão, como há bastante gente trabalhando, aos finais de semana vende por volta de quarenta trufas. Nos dias de assembléia, quando se reúnem ainda mais mutirantes, já chegou a vender cem trufas.

Recentemente, buscando ampliar as vendas, conversou com o dono de um mercadinho nas redondezas do mutirão e ficou de fornecer trufas a ele. Na época da entrevista, havia dois meses que vendia para ele e estavam em período de experiência, para ver se suas trufas tinham saída.

No verão (momento da entrevista), as vendas no mutirão caíram muito, segundo ela porque as pessoas preferem comprar sorvete. No horário de almoço, um sorveteiro tem ficado na frente do mutirão e, para piorar, o sorvete é mais barato do que a trufa. Apesar de ter vendido menos trufas, conseguiu, em compensação, mais trabalhos no mutirão.

Na semana de nossa entrevista, Cristiane havia entregado trinta trufas para uma senhora revender, mas esta resolveu devolvê-las, por não conseguir vender muito naquela época do ano. Cristiane estava preocupada em perder a produção, porque já estavam em meados de dezembro e até o final do ano o movimento no mutirão é muito baixo, o que dificultaria a venda de todas as trufas devolvidas.

Também nesse momento Cristiane recorreu aos amigos. Para as pessoas mais próximas, explicava a situação e elas acabavam comprando. Se não podiam pagar no momento, Cristiane aceitava que acertassem depois.

Além dos trabalhos na feira, no mutirão e a venda das trufas, Cristiane, para complementar a renda, “pega o que aparecer”. Isso evidencia a presença da ética do provedor, ou seja, é a necessidade de sobrevivência que faz com que ela se desdobre e aceite qualquer trabalho que aparecer. Recentemente, uma pessoa procurou-a com a intenção de mandar fazer ímãs de geladeira⁴⁰, item que Cristiane vendia quando trabalhava na gráfica. Não trabalha com isso há dois anos, mas disse que “*correrá atrás*”, irá ao lugar onde costumava comprá-los e fará novamente uma pesquisa de preço.

Nesse sentido, a relação de amizade com um rapaz que trabalhou com ela na gráfica e lá permaneceu depois que ela e a prima saíram possibilita a realização de algumas atividades remuneradas.

Então ele faz de tudo. Ele vende de veneno pra matar barata [risos] até minhas trufas, que às vezes ele põe uma plaquinha lá e vende. Ele vende plano de saúde, vende convênio funerário, tudo, tudo o que aparece ele vende. Aí ele estava sem tempo. Para dar uma mão para ele, levava os panfletos na casa da minha avó: “Carimba pra mim?” E eu ficava carimbando os panfletos dele para pegar um trocado também.
(Cristiane)

Certa vez, uma mulher no mutirão comentou que estava à procura de um plano de saúde. Como Cristiane não os vende mais e não pode “*correr atrás*” porque ela precisaria estar cadastrada, encaminhou a mulher para esse amigo, que ainda trabalha com isso. Ele ficou com 70% do dinheiro da venda e ela com o restante, por ter indicado a cliente.

Também em conjunto com esse amigo, Cristiane faz, de vez em quando, serviços de venda de cartões de visita por intermédio da gráfica para a qual ele presta serviços (a mesma em que ela já trabalhou). O trabalho consiste em fazer o contato com o cliente,

⁴⁰ A gráfica em que Cristiane trabalhava oferecia um serviço de elaboração de ímãs de geladeira com propaganda de estabelecimentos comerciais.

elaborar com ele a configuração do cartão, levar para a gráfica e fazer uma amostra, mostrá-la para o cliente e, se este autorizar, voltar à gráfica e mandar imprimi-los. Antes seu amigo fazia todo o serviço sozinho. Como ele deu, em certa ocasião, um cheque sem fundos para a gráfica, esta não aceita mais fazer serviços encomendados por ele, a não ser que o pagamento seja feito à vista. Dessa forma, mediante a divisão do dinheiro pago pelo cliente, ele faz o contato com este e chama Cristiane para levar o trabalho à gráfica, mandar fazê-lo e depois retirar os cartões.

No entanto, segundo Cristiane, “*ele tem problemas com bebidas*”; consegue muitos trabalhos quando está bem (sóbrio), mas muito poucos quando não está. No momento da entrevista, fazia tempo que Cristiane não carimbava nada para ele. Ela procura ajudá-lo a parar de beber, conversa muito com o amigo – algumas vezes, até a pedido da mãe dele.

Ele me procura para eu carimbar. Só que, de vez em quando, ele apronta: “Carimba aí não sei o quê, semana que vem eu te acerto.” E são dois, três meses para eu vir ver a cor do dinheiro. Mas eu dou uma força porque ele é meu amigo. Gosto bastante dele, tenho o maior carinho. (Cristiane)

Fica evidente a presença da dádiva na relação entre eles. São amigos e trocam favores que possibilitam geração de renda, mesmo que não seja isso que motive a relação. Ele vende as trufas que ela faz, ela o ajuda quando ele tem muito trabalho. Ele divide o dinheiro com ela, ela leva os cartões de visita para a gráfica. Além desses favores, há muitos outros que não incluem a geração de renda, como conversas, ajuda para parar de beber, etc.

Só que, ultimamente, ele está me pilantrando. Eu vou lá, faço e aí, por exemplo, é cinquenta reais o cartão de visita. Ele fala para mim que é

amigo dele e ele vai fazer mais barato, por trinta. E vem me dar quinze e na verdade fez por cinqüenta e fica com o restante. Então eu estou dando uma evitada de ajudá-lo dessa forma. Mas, com relação aos panfletos, eu sempre carimbo para ele. Às vezes entrego. Antigamente, quando tinha mais tempo, entregava. Agora não compensa para mim, não está compensando. No caso dele, misturei bastante amizade, aí, às vezes, para não brigar com ele, uma coisa do tipo, eu evito estar ajudando dessa forma. Mas que eu pego no pé dele por causa da cachaça dele, eu pego. (Cristiane)

Por causa desses conflitos entre Cristiane e seu amigo, ela ignorou, recentemente, um pedido dele para levar três cartões de visita para a gráfica.

Inclusive, esses dias ele foi atrás de mim na minha avó, eu não tinha saído ainda da minha avó. Aí eu vi um recado, “Paulinho, ir na gráfica tal”, com um número de telefone, para eu ir na gráfica levar pra fazer uma amostra do cartão de visitas. Falei: “Vou nada. Eu não vou. Vai ficar aí. Eu não vou.” Minha avó: “Então liga para ele.” Falei: “Vó, liga nada. Quer saber, daqui a uns quatro meses ele liga perguntando se eu fui.” Até agora ele não ligou ainda. (Cristiane)

Podemos perceber que o comportamento de seu amigo, de tentar enganá-la e lucrar em cima da amizade deles, determinou o rompimento do ciclo da dádiva, o qual só retornará nessa relação quando uma nova dádiva iniciar outro ciclo.

Recentemente, o marido de sua primeira patroa na feira faleceu, e esta tem insistido para que Cristiane volte a trabalhar lá. Em dezembro, época da entrevista, Cristiane ainda não havia tido tempo de conversar com a ex-patroa, mas tem vontade de voltar a trabalhar na feira com ela. Se ela chamar, Cristiane vai.

Eu vou. Se ela chamar para trabalhar... É gostoso, mas é muito cansativo. Se eu pudesse arrumar uma firma, eu pegaria a firma. Uma que eu preciso de um trabalho registrado, eu não tenho carteira assinada. Você trabalha... juntando, ao todo, eu trabalhei dos doze, tem quase dez anos. Bom, faz dois que eu estou parada. Vamos dizer, tem uns sete anos que eu trabalho assim, consecutivo, sem férias, se

trabalhar ganha, se faltar não ganha o dia. Já cheguei a ficar doente.
(Cristiane)

Cristiane nunca teve um trabalho registrado em carteira. A necessidade de sobrevivência e as dificuldades encontradas para conseguir um emprego fazem com que ela aceite trabalhar na informalidade. No entanto, ficam claros em seu depoimento a forte presença da cultura do emprego e o seu desejo de trabalhar no mercado formal.

Há clara percepção das vantagens do emprego em comparação com o mercado informal. Nos empregos, há décimo terceiro salário e possibilidade de tirar férias remuneradamente. Isso não é possível quando se trabalha no mercado informal, em que só há pagamento mediante trabalho. Cristiane trabalha há sete anos e nunca teve a oportunidade de tirar férias, de descansar.

Ela acredita que, nos empregos, assim como na feira, é necessário “aturar” o chefe. No entanto, ao ser despedida de um emprego, ainda há o seguro-desemprego, que oferece, mesmo que por um período de tempo bastante curto, uma sensação de amparo diante dessa situação.

A única desvantagem percebida nos empregos é a fofoca e a competição dentro das empresas. Acredita que há sempre muita gente tentando derrubar os outros, o que não acontece tanto nos trabalhos no mercado informal.

As vantagens? Eu não vejo muitas [no trabalho no mercado informal]. No sentido para que você tenha um progresso mais rápido para desenvolver uma vida. Eu não vejo muitas vantagens nos bicos. Acho que é por isso que é o nome “bico”. É só enquanto você arruma algo que te dê um alicerce, que seria a carteira. Essa é a vantagem que a maioria dos empregados precisa, porque acha a prova para que você tenha um direito, para que você consiga uma aposentadoria futuramente, para que você tenha uma garantia de quando você ficar doente seu salário ainda vai estar ali, você tem umas férias para descansar. Essa é a vantagem. No bico você não consegue isso. Eu tenho

sete anos, aí, você pode considerar um nada. Eu tenho a experiência? Tenho. Eu sei que eu tenho a experiência. Mas para eu provar? Para muita gente, só você saber não basta, precisa provar. (Cristiane)

A cultura do emprego aparece na percepção de que o registro em carteira permite acesso aos tão aspirados direitos trabalhistas, a uma certa garantia para o futuro, a uma sensação de segurança diante dos acasos da existência. Enfim, diz respeito ao alicerce com base no qual é possível começar a construir uma vida digna.

A impossibilidade de provar suas experiências de trabalho é uma questão crucial para Cristiane. Refere-se tanto à falta de reconhecimento social das suas habilidades como trabalhadora quanto a um maior obstáculo para conseguir um emprego.

Com relação à importância do registro na carteira assinada, Seligmann-Silva ressalta que ele está enraizado na cultura dos trabalhadores, o que não se refere apenas à garantia de acesso aos direitos trabalhistas, mas, mais especificamente, ao fato de a figura contratual do “emprego” ter grande importância simbólica, ou seja,

um profundo valor para a identidade social; constituindo uma espécie de prova do reconhecimento social conquistado; e papel importante na preservação da esperança de sair da situação de desemprego. (SELIGMANN-SILVA, 1997, p. 56.)

Na feira... Tem sete anos que eu trabalho. Vale alguma coisa? Não. Eu faço um currículo e coloco lá quatro anos de balcão, feira... não sei o quê, não sei o quê. Você vai fazer entrevista, comprova? Não. Então não tenho nada. (Cristiane)

Para tentar comprovar suas experiências de trabalho, já pediu declarações para suas patroas na feira. No entanto, esse tipo de comprovante não é aceito em muitas ocasiões.

Eu tenho anos e anos aí de experiência de balcão, de atendimento, e para mim não vale nada. Eu vou no sindicato ver [procurar emprego]... Ainda escuto algumas piadinhas, dependendo do atendimento de pessoas mal-educadas. Falam: “Ah, você tem vinte anos, vinte e um anos e cadê a experiência? Não tem nada? Nunca trabalhou? É filhinha de papai?” Tipo, jogar umas piadas assim. Eu trabalho desde os doze. Aí a desvantagem é essa. Tanto que eu falei, agora eu só quero trabalho se for registrado, se for... faço bico aqui para não ficar sem dinheiro, agora a situação apertou... (Cristiane)

Cristiane costuma procurar emprego por meio de um sindicato dos trabalhadores que oferece serviço de recolocação profissional. Devido a suas características e a sua experiência com atendimento ao público, é encaminhada para o comércio. Contudo, encontra dificuldade para conseguir emprego. São muitas as pessoas encaminhadas para uma mesma vaga e ela fica em desvantagem porque aqueles que têm como comprovar sua experiência de trabalho têm preferência na contratação.

Na trajetória de Cristiane, assim como na de muitos outros trabalhadores, o engajamento em um emprego não exclui a execução de atividades no mercado informal. A percepção de que os salários pagos no mercado formal são muito baixos leva Cristiane a afirmar que, mesmo se conseguir um emprego, continuará fazendo “bicos”. O emprego estaria relacionado a mais segurança e estabilidade, a relações de trabalho menos arbitrárias e a benefícios sociais. Os “bicos” aparecem como possibilidade de obter uma renda maior, de complementar a renda e de possibilitar certos “luxos”, como se divertir ou comprar um sapato.

Durante a entrevista, Cristiane utilizou as palavras “bico” e “autônomo” para designar os trabalhos no mercado informal.

Bico é um quebra-galho para pouco tempo. Você está sem fazer nada, aí eu falo assim para você: “Olha, Katia, eu vou precisar de você durante dois meses para você me ajudar aqui a vender pastel.” Isso é um bico. O autônomo é você ficar naquela profissão por bastante tempo sem o registro. Isso é o autônomo. Eu trabalhei dois anos na feira, isso não é um bico, eu trabalhei de autônomo numa feira. Bico é isso que eu faço no mutirão, eu venho para o pessoal aqui. Quando aparece, eu venho, quando não aparece, eu não venho. Mas não é um compromisso. Com a feira eu tinha um compromisso. Por mais que eu não tivesse os direitos de uma carteira assinada, eu tinha o compromisso, eu tinha que levantar todo dia, eu tinha que ir para a feira, eu tinha as minhas obrigações. E o bico não. O bico é: quando apareceu, apareceu, quando não tem, não tem. Você sabe de hoje, de amanhã não. (Cristiane)

O trabalho como autônomo designa, assim, uma atividade que fornece mais segurança do que os “bicos”. Apesar de não garantir o acesso aos direitos trabalhistas, o trabalho como autônomo garante a sobrevivência e provê as condições necessárias para, no mínimo, sustentar a atividade de trabalho, provendo o dinheiro para as conduções e para a compra do material necessário para a realização do trabalho.

Nesse sentido, a venda das trufas não é considerada um trabalho autônomo. Apesar de ser um trabalho que realiza há bastante tempo, a insuficiência dos rendimentos caracteriza, para ela, essa atividade como um “bico”.

Você pode considerar autônomo pelo tempo. Não pode-se considerar autônomo pelo fato de eu não ter a condição de manter isso. Tem dias que eu ganho um real aqui, para gastar oitenta ali de mercadoria. Ou, às vezes, não tenho condição de manter. No caso, sou eu que faço, eu que trabalho na área, mas fala para mim: “Aluga um comodozinho ali e monta uma lanchonete.” Eu não tenho essa condição. (Cristiane)

A difícil situação enfrentada por Cristiane ao sair da casa de seu pai e ter que se virar sozinha aos quinze anos de idade foi muito penosa, mas ela também favoreceu, segundo ela, um bom aprendizado.

Ah, uma coisa boa, legal, é que a gente aprende com tudo isso. Traz uma coisa boa para poder mostrar futuramente para os meus filhos. Eu até sei o que eu vou poder dizer para eles. [...] Do trabalho. É ruim trabalhar? É ruim trabalhar, se eu pudesse ficar em casa vendo televisão e dinheiro na conta rodando, que nem acontece com os ricos, eu estava feliz da vida. Só ia me divertir, lazer para cá, lazer para lá. Mas já que não foi assim, não nasci assim, por um lado você aprende a dar valor. Quantas meninas da minha idade não têm o que fazer, arrumam um maconheiro, arrumam uma barriga, arrumam o que não presta para fazer. E você, se ocupando assim, você evita de entrar para esse meio. Aí você vai aprendendo e vai vendo que você não quer fazer isso mesmo. (Cristiane)

Para Cristiane, a necessidade de trabalhar tão cedo significou sofrimento e privações. Na fala acima, aparece um sentimento de injustiça pela associação entre pobreza e trabalho: os pobres são obrigados a trabalhar duro para sobreviver, enquanto os ricos não precisam trabalhar para viver (ZALUAR, 2000).

No entanto, o conteúdo moralizante do trabalho aparece no seu orgulho de ter conseguido sobreviver com os frutos de seu próprio trabalho e de não ter seguido um “caminho errado”, mas sim o da disciplina do trabalho. Assim, percebemos a presença da ética do provedor na valorização da disciplina associada ao trabalho e do dinheiro enquanto recompensa do trabalho duro (NARDI, 2006). E é também com base nesses valores que ela pretende educar seus filhos.

Ah, meus filhos não vou querer nenhum preguiçoso, não. Esse negócio de videogame o dia inteiro e mamãe põe o pratinho e leva na sala para ele comer. Não. Vai aprender desde cedo. Não vou explorar nem nada, lógico, o que eu puder dar de melhor para eles, eu vou dar. (Cristiane)

Na trajetória de Cristiane, podemos perceber uma forte adesão aos valores da cultura do emprego. Cristiane tem muita vontade de cursar uma faculdade. Para ela, o trabalho ideal seria na área das ciências exatas e com certeza seria registrado em carteira, para que

ela tivesse acesso a todos os seus direitos: férias, carga horária adequada, folga semanal, férias, décimo terceiro salário.

Todavia, nunca teve um emprego e encontra dificuldades para conseguir uma vaga no mercado formal – entre elas, a comprovação de experiências de trabalho e as altas exigências para as vagas.

Segundo Nardi (2006), os jovens entram em um mercado de trabalho marcado pela reestruturação produtiva e vivem em um mundo de incertezas. Apesar de, em comparação com os trabalhadores mais velhos, terem um nível mais alto de escolaridade (Cristiane completou o ensino médio), não conseguem preencher todas as exigências para assumir uma vaga no mercado formal.

Assim, é a ética do provedor, a necessidade de sobrevivência que a leva a aceitar trabalhos no mercado informal, e, apesar das dificuldades encontradas, orgulha-se de nunca ter desistido e de sempre “*correr atrás*”, anunciando o valor moral do trabalho associado à capacidade deste de suprir as necessidades de sobrevivência.

Eu penso o seguinte: é ruim sofrer? É, mas você aprende com o sofrimento e você tira algum proveito. Tem pessoas que caem em depressão, eu fiquei em depressão uma época, fiquei mal, mas foi por causa das brigas com o meu pai. De serviço eu nunca fiquei em depressão, pelo contrário, sempre corri atrás. Quantas portas na cara a gente não tomou, de vai em serviço aqui, em serviço ali. Uma porque você é de menor, a outra porque você não tem experiência, a outra... Eles sempre arranjam um motivo para não te contratar. E a gente em cima. Não dá para entrar em firma, se vira em bico. Quanta gente hoje, muita gente é autônoma, porque não está conseguindo um registrado. Mas não fica parado, você precisa se sustentar. Então, nesse lado, o serviço, pelo contrário, você toma “não”, você chora, você fica triste, você se decepciona, mas você não pode desistir. Você tem que viver. Para sua sobrevivência você precisa do serviço, precisa do dinheiro. Dinheiro é uma coisa que não presta, mas é um mal necessário, sem ele você não vive. Então tem que ir atrás mesmo. (Cristiane)

São os valores da cultura do emprego e da ética do provedor, mesclados com as condições experimentadas por ela no mercado de trabalho, que orientam sua trajetória. A dificuldade de conseguir emprego determina sua adesão a atividades no mercado informal, em que mostra grande capacidade para transformar situações em oportunidades de gerar renda. Ela tem habilidades e flexibilidade para “fazer tudo o que aparecer”⁴¹. No entanto, essas atividades são percebidas como temporárias, serão exercidas até que ela consiga um emprego que lhe ofereça um alicerce para construir uma vida digna.

A dádiva também está bastante presente na trajetória de Cristiane. Os amigos e conhecidos a amparam nos momentos difíceis e possibilitam a realização de atividades remuneradas. No entanto, diferentemente dos trabalhos com vendas desempenhados por Ari e Sônia, Cristiane faz questão de lembrar que procura não misturar o lado pessoal com o profissional, havendo, portanto, menos abertura para a dádiva na relação com seus clientes.

7.5 Chico

Chico nasceu em São Paulo, tem quarenta e seis anos, é casado e tem três filhos – uma filha de vinte e três anos, um filho de dezoito e outro de nove.

Chico começou a trabalhar aos nove anos de idade, ajudando seu pai com serviços de pintura na construção civil. O pai de Chico trabalhava em uma fábrica e, nas folgas, fazia “bicos” com pintura para complementar a renda. Chico dividiu-se entre o estudo e o trabalho com o pai até os dezesseis anos, quando começou a trabalhar em uma fábrica.

⁴¹ A trajetória de Cristiane é orientada por táticas de sobrevivência.

Esse primeiro trabalho registrado foi seu pai quem conseguiu, na fábrica em que trabalhava. Trabalhou dois anos e meio no estoque. Com dezoito anos, preferiu procurar um trabalho melhor.

Entrou em outra firma, uma estamperia, trabalhando na operação de máquinas. Passou por volta de oito anos trabalhando nessa mesma qualificação em muitas firmas diferentes. Costumava entrar como ajudante, mas depressa o passavam para o cargo de operador de máquinas ou algo melhor, já que tinha um pouco mais de estudo do que os outros funcionários.

Chico não agüentava ficar muito tempo em uma mesma empresa, logo achava que não estava ganhando o suficiente, que não era aquilo que queria, e procurava outro emprego. Acabava sempre encontrando outra vaga, mas hoje, avaliando esses comportamentos, considera que ainda não tinha “*mentalidade*”.

Não tinha, sinceridade. Eu não valorizava tanto aquilo. Sabe aquele negócio de você “não é aquilo”? Você está à procura. Então não era aquilo. Mas era solteiro, rapaz solteiro, então não me preocupava muito com aquilo, apesar das necessidades que a gente tem com o pai e com a mãe. Então sempre me propus a trabalhar direitinho, tal, mas via que a turma começava pisando na bola, atrasar pagamento, então ia depressinha lá e pedia a minha conta. (Chico)

Naquela época, apesar de ajudar bastante seus pais com o seu salário, não era casado, não tinha filhos e, portanto, não tinha uma obrigação moral mais forte de ser o provedor principal da família, diferentemente de hoje. Assim, não se preocupava tanto com os seus direitos enquanto trabalhador ou em construir uma carreira em uma empresa. Atualmente, pensa que se tivesse ficado em alguma das empresas estaria ganhando um bom salário e já estaria se aposentando.

Orgulha-se de sempre ter sido um bom funcionário, esforçado e com poucas faltas. Trabalhou em muitas firmas, mas considera que não teve oportunidade de entrar em uma boa firma. Sempre faltava alguma coisa e ele acabava voltando a trabalhar em alguma firma de pequeno ou médio porte.

Arrepende-se muito de ter saído de uma boa empresa de tubos flexíveis. Entrou como ajudante por intermédio de um tio que trabalhava lá. Depois de um mês trabalhando como ajudante, perceberam que ele era dedicado, tinha um nível de escolarização um pouco mais alto, e o passaram para um cargo de inspetor de qualidade. Ele estava se preparando para substituir um senhor que se aposentaria. Passou por um treinamento e começou a trabalhar. Já estava lá havia quase um ano quando começou a querer sair. Esse senhor que seria substituído por Chico o aconselhou:

Até hoje eu lembro desse encarregado, inspetor, eu ia ficar no lugar dele, ele me aconselhou muito: “Não faz isso! Você é um rapaz novo ainda, você tem chance. Você vai ficar no meu lugar, o salário é ótimo. Essa empresa não vai ficar aqui, vai mudar, vai ter muitos benefícios.” Eu falei: “Não estou reclamando disso. Não é isso que eu quero.” Eu ainda não entendia o porquê e ficava. Continuei por ele, mas eu não tinha vontade mais de ficar naquele cargo. (Chico)

Pouco tempo depois, Chico foi ao departamento pessoal pedir demissão. Lá também o funcionário tentou dissuadi-lo, mostrando todos os benefícios que teria e afirmando que, se saísse, não poderia voltar mais. No entanto, Chico estava decidido e saiu. Hoje acha que se tivesse continuado lá estaria em um ótimo cargo recebendo um bom salário.

Estava com vinte anos, e logo entrou em uma pequena firma de autopeças, onde permaneceu por volta de cinco anos e trabalhava como ajudante. Esse foi o único trabalho

de sua vida que conseguiu sem a ajuda de conhecidos. Ele saiu caminhando pelas ruas à procura de anúncios de empresas que precisassem contratar novos funcionários.

Percebe-se, assim, a importância que as relações pessoais assumem na trajetória de Chico. É por meio delas que ele conseguiu quase todos os empregos que teve.

Ou o próprio pai, a primeira recomendação minha foi meu próprio pai. Através dele, o meu tio, que eu tive uma chance grande de ser inspetor e eu não soube aproveitar. As outras não, as outras foram através de amigos: “Chico, estão precisando de uma pessoa assim, assim, lá na minha firma. Vamos lá?” “Vamos.” Uma só que eu tentei me aventurar e dei sorte. (Chico)

Nessa firma, Chico chegou até a ser encarregado da noite. Quando surgiu essa vaga, ele foi indicado, no entanto ficou bastante constrangido, achava que as pessoas que estavam ali há mais tempo que ele é que deveriam ter essa oportunidade. É o comprometimento com a justiça e a solidariedade que faz com que Chico não admita entrar depois de todos e “roubar” o cargo deles. No entanto, os outros funcionários não queriam trabalhar à noite e Chico ficou com o cargo.

Apesar de nunca ter gostado de trabalhar com máquinas – não agüentava o trabalho repetitivo, vivido como extremamente entediante –, nesse emprego estava satisfeito, porque não ficava o tempo todo na mesma tarefa, também ajudava os ferramenteiros, e isso era considerado prazeroso. Foi essa variedade que fez com que Chico permanecesse nesse emprego por mais tempo que em todos os demais⁴². Saiu de lá apenas porque a firma foi transferida para outra região e ficou difícil para Chico acompanhá-la, uma vez que, nessa mesma época, se casou.

⁴² Mais adiante, veremos que ele ficou onze anos em uma empresa de segurança. No entanto, ele considera que essa firma foi a que mais o segurou em um emprego porque, em sua opinião, trabalhar como segurança terceirizado é totalmente diferente de trabalhar em uma “*firma comum*”, que não terceiriza seus serviços.

Ficou, então, um ano desempregado, fazendo muitos “bicos” na área de pintura. Começou também a trabalhar com alvenaria e a aprender elétrica. Gostava muito da área de construção civil e sentia-se muito bem trabalhando nesse ramo.

No entanto, nessa época já tinha mulher e filha, e achava importante ter registro em carteira de trabalho. Nas palavras de Chico: “*Lógico, registrado. Aí não tinha como entrar sem registro, você tem filhos, tem tudo.*” Isso evidencia que a necessidade de sustentar a família exige uma segurança e uma estabilidade que o trabalho no mercado informal é incapaz de fornecer.

Ficou cerca de um ano fazendo esses serviços no mercado informal, até que conseguiu um emprego em uma firma de segurança indicado por um colega. Mais uma vez na sua trajetória, as relações pessoais possibilitaram a entrada no mercado formal.

Passou, então, a trabalhar como segurança terceirizado. Primeiro trabalhou em uma academia. Depois foi prestar serviço em uma grande empresa, onde ficou quase dois anos. Gostou muito do trabalho. Recebia um bom salário⁴³ e ainda havia a possibilidade de ganhar hora extra.

Contudo, ele começou a ficar estafado. A empresa para a qual prestava serviço ficava longe de sua casa e, além disso, ele trabalhava à noite, entrava às dezoito horas e saía às seis horas da manhã.

Só que eu estava com estafa, comecei a ter esse problema com estafa, porque à noite não tinha esse negócio que tem hoje em dia de ficar cochilando não, porque tinha inspetor, todas essas coisas. Então você trabalha muito com a mente, mas você trabalhava armado. Só que era uma empresa que ficava vinte e quatro horas trabalhando. Só que aquilo lá foi me desgastando. (Chico)

⁴³ Diferentemente de Ari, que, como vimos, experimentou péssimas condições de trabalho nesse ramo de atividades.

Foi, então, conversar com o inspetor da empresa de segurança. Tentou conseguir uma vaga no período diurno, porém, como não havia possibilidade no momento, Chico pediu demissão.

Ficou mais um ano desempregado fazendo, novamente, “bicos” na área de construção civil. Depois disso, surgiu uma nova oportunidade de trabalho em outra empresa de segurança, onde trabalhou durante onze anos. Prestou serviço em diversos postos e saiu da empresa há quatro anos.

As condições de trabalho nessa segunda empresa de segurança eram diferentes da anterior. O trabalho noturno consistia em doze horas de trabalho e trinta e seis de descanso, trabalhava um dia e descansava no outro. Também não havia mais a possibilidade de receber horas extras. O piso salarial era o mesmo, no entanto trabalhava apenas quinze dias no mês e não podia mais complementar o salário com as horas extras.

O que sustentava muito a gente era muito a hora extra. No tempo da outra empresa de segurança, você tinha um salário xis, que era o piso do vigilante, mais aquelas horas extras, você somava quase o dobro, sobrava. De repente você deixa tudo aquilo, mas não porque eu queria, porque eu não tinha condições de saúde. Saí daquilo e entrei numa empresa de segurança. Entrei com o mesmo piso, só que o seguinte, tinha acabado essa lei de horas extras. O sindicato resolveu dar serviço para mais gente, então diminuiu, tirou as extras. Então ficou doze por trinta e seis, um dia sim, um dia não, um dia sim, um não, durante trinta dias. Então aqueles quinze dias, por exemplo, que eu trabalhava, eu recebia normal, quinze. E eu tinha, então, que pegar aquele piso e transformar ele dobradamente, porque o sustento não dava mais. Então eu tinha que trabalhar como? Então um dia eu trabalhava na empresa, outro dia eu trabalhava por conta, ou seja, com alvenaria, com isso, com aquilo. (Chico)

As novas condições de trabalho resultaram em uma remuneração que não dava conta das despesas familiares. Tinha três filhos para sustentar, além de precisar pagar aluguel. A necessidade de uma maior remuneração para suprir as necessidades da família

fez com que Chico trabalhasse um dia como segurança e no outro “*por conta*”, fazendo serviços de alvenaria, pintura, elétrica.

Os finais de semana, as folgas e as férias do serviço de segurança eram os períodos em que mais fazia seus “bicos”. Trabalhou assim por onze anos e nesse longo período não teve oportunidade de descansar.

Segundo Zaluar (2000), o papel do provedor principal da família, assumido geralmente pelo homem, o obriga a trabalhar um número excessivo de horas, sem descanso. Percebemos que a motivação de Chico para o trabalho árduo, sem descanso nem lazer, é o sustento de sua família. É a possibilidade de “*dar conta*” das despesas familiares que permite que ele fale do trabalho com orgulho e satisfação.

Chego, graças a Deus, minha esposa, meus filhos estão bem, que a minha alegria é ver isso. A alegria de um pai, a alegria de uma mãe é ver isso, chegar em casa e ter o que dar para os filhos comerem. “Está tudo bem?” “Tudo bem.” Então é uma alegria. Então você dorme, toma banho e esquece a cansaça. Tomou seu banho, vai dormir. Acordou de manhã, tudo bem. Agora você ver uma coisa que dói é você ver um filho doente, você não ter como socorrer ou como acolher, como muitas vezes acontece por aqui [no mutirão]. (Chico)

Depois de onze anos, Chico não agüentou mais, fez um acordo com a empresa e saiu. Foi nessa época que decidiu trabalhar como autônomo e assumir seu trabalho com obras. Passou a trabalhar como mestre-de-obras no bairro em que morava, e a atividade durou quatro anos.

Chico tinha muitos clientes e até chamou alguns colegas para montar uma equipe de trabalho. Chamou aproximadamente dez amigos, profissionais autônomos ou desempregados que trabalhavam em diferentes ramos, para ajudá-lo a realizar grandes obras.

Tinha muitos clientes inclusive no bairro do Morumbi⁴⁴. Segundo Chico, essa é uma região muito restrita e só são aceitos trabalhadores com diplomas ou indicados. Um amigo o indicou para uma senhora e, depois disso, um cliente o indicou para outro, até que chegou a fazer trabalhos para uma rua quase inteira. Formou, naquela região, uma boa clientela.

Esse foi o período de sua vida em que mais ganhou dinheiro. Cobrava preços muito acima do que costumava pedir em outros lugares e as pessoas pagavam. Disse: “*Ganhei mais de 100% e para trabalhar só de final de semana.*” Chegou até a ganhar quinze mil reais em um único mês.

Considera que durante esses quatro anos deveria ter feito um registro de autônomo e começado a pagar uma previdência privada. Essa fala revela a busca de garantia para seu futuro. Quando estava prestes a fazer um registro de autônomo, a presidente da associação do mutirão o chamou para trabalhar no almoxarifado deste.

Chico gosta muito de trabalhar como autônomo em obras. Só aceitou deixar seus clientes e trabalhar no almoxarifado porque também é mutirante, e, assim também estaria trabalhando para si. Além disso, a presidente da associação insistiu bastante, pois confiava nele, e Chico tinha certa experiência com obras.

No começo do seu trabalho no almoxarifado, Chico não era registrado e teve que fazer um registro de autônomo, o que considerou muito positivo, porque poderá usufruir disso quando as obras terminarem e ele voltar a trabalhar como autônomo. Depois de aproximadamente cinco meses, esse trabalho foi registrado na sua carteira de trabalho.

⁴⁴ Bairro residencial da Zona Sul da cidade de São Paulo, onde moram pessoas com alto poder aquisitivo.

Então eu já entrei, já tinha essa idéia, achei ótimo. No autônomo aqui eu fiquei até o mês de agosto, depois veio o registro, depois de cinco meses, seis meses que eu estava pagando essa autonomia, veio o registro. Aí fui registrado e estou registrado até hoje. Pra mim foi até bom, porque já dei entrada no autônomo. Está em aberto, quer dizer, no dia que encerrar as atividades aqui eu volto lá e reabro essa autonomia, porque para mim é interessante. (Chico)

Chico tem trabalhado muito no mutirão. Como almoxarife, ele recebe todo o material da obra, o que significa que sua responsabilidade é grande. Além disso, como tinha conhecimentos em eletricidade, se propôs a ajudar a cuidar das instalações elétricas, para que a associação não precisasse pagar um eletricitista e pudesse economizar dinheiro.

No começo da obra, seu almoxarifado, além de servir aos mutirantes (para o que foi contratado) que vinham retirar o material para o trabalho na obra aos finais de semana, também servia aos empreiteiros, durante a semana. Portanto, tinha que trabalhar dobrado.

Você fica superatarefado. O tempo que você tinha para cuidar só de uma coisa, você tem que cuidar de duas, três. Então todas as pessoas “o Chico aqui”, “o Chico ali”, “o Chico aqui” e “o Chico ali”. Eu comecei a ficar superatarefado mesmo. Eu não tinha mais tempo para mim mesmo e as minhas folgas iam para os meus bicos. (Chico)

Chico trabalha no mutirão de quinta a segunda-feira. Às terças e quartas, faz seus trabalhos no mercado informal. Seus únicos momentos de descanso são as noites.

Ao começar a trabalhar no almoxarifado do mutirão, perdeu muitos clientes que conquistara antes, pois, pela falta de tempo, não podia aceitar fazer grandes obras e os clientes passaram a procurar outras pessoas para fazer os serviços que ele recusava.

Hoje, continua fazendo trabalhos no mercado informal, mas são serviços mais rápidos e pontuais. Algumas vezes, quando não tem condições de fazer algum trabalho

para o qual foi chamado, indica um dos colegas da sua antiga equipe, o que evidencia mais uma vez a dádiva na trajetória de Chico.

Depois que eu entrei aqui, eu tive que deixar essa equipe, desmontar ela provisoriamente. Falei: “Até terminar a obra, eu vou ter que desmontar ela.” Então eles voltaram para as atividades deles. De vez em quando, eu chamo um ou outro, porque às vezes eu não posso ir. Quando é uma coisa fácil, eu vou lá, indico o rapaz, às vezes não ganho nada com aquilo, mas só para ele não viver parado, porque eu tenho dó. “Não, vai lá, faz aquele servicinho para você. Fala que fui eu que falei.” (Chico)

Podemos perceber que a dádiva se expressa na relação de Chico com seus colegas por meio das mútuas indicações para os trabalhos.

A trajetória de Chico mostra que a categoria emprego e a categoria trabalho sem registro em carteira coexistem. O emprego oferece baixos rendimentos, que são compensados com esses trabalhos: seu pai trabalhava em uma fábrica, mas fazia “bicos” com pintura para conseguir sustentar sua família; também Chico, quando esteve empregado na empresa de segurança e no mutirão, precisou fazer outros trabalhos nas horas vagas para conseguir uma remuneração mais razoável.

Recentemente, Chico pediu para a presidente da associação contratar outro almoxarife para ajudá-lo, já que, apesar de muito tentar, não conseguia desempenhar todo o trabalho. Quando isso aconteceu, sentiu-se bastante aliviado.

Nesse momento, as obras no mutirão estão sendo encerradas, portanto o trabalho de Chico diminuiu bastante. Recentemente, tiveram um problema com a empreiteira que estava com eles desde o início da obra e chamaram outra. A nova empreiteira tem um almoxarifado próprio, então Chico tem bem menos trabalho agora e, durante a semana,

fica quase “parado”. O maior movimento ocorre aos sábados e domingos, quando os mutirantes vão trabalhar.

Há algum tempo, Chico sugere à presidente da associação que dispense seus serviços de almoxarife, que não são mais tão necessários.

[...] então a menina me segurou, quando foi semana falou: “Olha, Chico, o aviso, a gente agora vai diminuir muita coisa.” Falei: “É até bom. É até bom, porque eu não vou ficar aqui parado sem fazer nada.” Eu fico doente, quando é sábado e domingo aqui dá vontade de xingar, já estou brigando com todo o mundo. Mas, de dia de semana, aqui, eu não fazia nada disso, ficava parado aí até. Eu acho injusto ganhar sem trabalhar, eu nunca gostei disso, não. “Então, filha, eu estou parado aqui e você está gastando dinheiro. O dinheiro que você está gastando aqui pode estar guardando para outra coisa. Eu tenho como me virar, isso aí é o de menos, porque quando você me pegou, quando você me fez a entrevista, eu estava trabalhando, ganhando bem mais do que aqui.”
(Chico)

Ele sente-se mal por receber sem trabalhar, o que aponta a presença da ética do provedor; só há orgulho em receber dinheiro quando este é honesto, fruto de seu árduo trabalho.

As relações pessoais alimentadas por Chico não se desenvolvem apenas dentro do sistema da dádiva, são também mantidos contatos com o interesse explícito de conseguir trabalhos. Chico consegue trabalhos por meio de relações cimentadas pela dádiva sem haver esse interesse a priori, mas também arranja muitas atividades de trabalho graças a contatos estabelecidos com esse intuito.

Claro [...], se você não tiver comunicação, te garanto, você pára, você trava. Tem que ter, tem que ter diálogo, comunicação, você tem que ter amizades, sejam elas assim ou assado, independente dela. Aí você falaria pra mim: “Mas por interesse”. Não, pela sobrevivência. Entendeu? (Chico)

Como o trabalho no mutirão está chegando ao fim, ele tem restabelecido contato com antigos clientes e pretende retomar o trabalho na área de construção civil e voltar a fazer grandes obras.

Também no mutirão, o contato com os engenheiros e empreiteiros têm rendido algumas ofertas de trabalho a respeito das quais Chico não fala muito, apenas considera que precisa estudá-las.

No mutirão, Chico aparece envolvido em relações de dádiva. Conhece muitas pessoas e relata muitas conversas mantidas com os mutirantes e com os engenheiros que lá trabalham, e isso evidencia a proximidade e a construção de vínculos de amizade. Nos diálogos reproduzidos por Chico, as pessoas trocam experiências, conselhos, e tentam se ajudar mutuamente. Como ele aponta, em face da dificuldade do outro, e não podendo ajudar financeiramente, é com palavras e apoio que busca ampará-lo.

Tem pessoas que passaram por coisas piores. A gente tenta mais é conversar com eles. Tem muitos aí que entram e querem desabafar, não têm com quem, aí confiam na gente, a gente brinca, a gente leva, releva. A gente se ajuda mutuamente. (Chico)

São muitas as relações mantidas pela dádiva, mas Chico também revela situações em que o ciclo da dádiva é interrompido. Conta uma situação vivida por uma mutirante que mora perto do mutirão. Certa vez, uma mulher pediu a ela para dormir uma noite em sua casa, já que morava muito longe, sairia tarde do mutirão e trabalharia no dia seguinte de manhã. A dona da casa aceitou, mas sua “hóspede” ficou a semana toda, ainda levou parentes para dormir lá e sequer se propôs a ajudar a dona da casa.

Chico se revolta com essa situação. Acha que se a “hóspede” se propusesse a ajudar a dona da casa, oferecendo uma contradádiva, a situação seria diferente. Nesse caso, o

ciclo da dádiva não seria interrompido. No entanto, não foi isso que aconteceu, e a situação foi percebida como um completo abuso.

Devido ao acontecimento desse tipo de situação no mutirão, ele optou por morar em um bairro não tão perto dessa obra, a fim de evitar que isso se repita com ele.

Quanto a ter um emprego, Chico considera a possibilidade interessante. Ele acha que toda pessoa com mais de quarenta anos gostaria de estar empregada por causa da aposentadoria. No caso de Chico, que já esteve empregado por um bom tempo, entrar em uma firma agora garantiria sua aposentadoria.

Dessa forma, a cultura do emprego também aparece nessa trajetória. Entretanto, ele reconhece que, para quem tem a idade dele, a inserção no mercado formal de trabalho é muito difícil.

E no atual momento do trabalho, que eu vejo, eles preferem as pessoas mais jovens. Não tenha dúvida. Porque para eles é fácil ensinar. Para eles também o salário, eles não podem exigir muito, porque são novos. Não vai pegar uma pessoa, como eu, por exemplo, que trabalhou com injetoras plásticas, se eu fosse pegar hoje o salário seria de mil e quinhentos, dois mil e quinhentos reais, depende da empresa. Logicamente é interessante... Aí chega um jovem: “Você sabe trabalhar em máquina?” “Não sei.” “A gente ensina. Você quer aprender? Aprende.” Para ele, vai pagar quinhentos. Acha que vai preferir o de mil e quinhentos? Não interessa. (Chico)

Reconhece algumas mudanças no mercado de trabalho que fizeram com que este se tornasse ainda mais fechado. Na época em que tinha vinte anos, havia em São Paulo muitas firmas boas. Hoje elas não estão mais na cidade, foram para o interior por causa de uma série de isenções fiscais. Além disso, percebe que algumas profissões também desapareceram.

Porque a maioria... por causa de quê? Por causa de imposto. Muitas foram para o interior. Eram poucos os que iam, os que ficavam tentavam alguma outra coisa. E teve o quê? Uma mudança de hábito, porque a pessoa tinha, às vezes, um ferramenteiro. Um serviço, hoje, de mecânica dentro de uma firma já não é tão usado. A ferramentaria, hoje em dia, é muito difícil. Por quê? Porque colocaram máquinas, máquinas automáticas que fazem o serviço sozinhas. (Chico)

Também considera que há alguns anos, quando começou a trabalhar em empregos, havia a possibilidade de ganhar mais.

Dentro de uma firma, você fica estacionado, sempre naquilo, sempre aquele aumento. Agora é a cada um ano que aumenta. Antigamente não, às vezes tinha um aumento... se você fizesse certa quantidade, se você passasse daquilo, você ia ter um abono. Então tinha um incentivo dentro de uma firma. Isso segurava muita gente, me segurava também. Mais trabalhava, mais ganhava. Então eu esquecia aquela rotina. Depois morreu isso, acabou. Aí colocaram isso como um aumento de cada ano, um salário mínimo. Não mexeu mais naquilo. Quer dizer, se você está com trezentos reais, trezentos reais ali até vir outro aumento. (Chico)

Portanto, Chico acredita que na atual configuração do mercado de trabalho não seria muito interessante para ele trabalhar em um emprego. Há pouco tempo fez alguns testes em empresas, mas não conseguiu nada. Acha que só conseguiria emprego no ramo de vigilância, no qual não pretende mais trabalhar. Nessa área foi muito fácil entrar, em um momento de necessidade, no entanto acredita se tratar de uma profissão muito arriscada.

Além de vigilante, acha que só conseguiria emprego em pequenas firmas, onde o salário seria muito baixo. Não acha vantajoso entrar em uma firma e receber trezentos ou quatrocentos reais por mês. Ele paga aluguel, tem um filho de nove anos para sustentar e quer ajudar seu filho de dezoito anos a entrar na faculdade. Precisaria trabalhar o mês inteiro no emprego e, nos finais de semana, fazer “bicos” para complementar a renda. Assim, continuaria trabalhando muito e sem descanso nenhum.

Já no trabalho como autônomo, ele ganharia bem mais. Nesse contexto, é ele quem estipula o preço dos seus serviços e ganha, por mês, no mínimo mil reais.

No mínimo, no mínimo. Você vê que mil reais ainda é pouco dentro da sociedade que a gente vive, nas condições que a gente vive. Mas ajuda bastante, é melhor do que você entrar numa firma e ganhar trezentos e cinquenta, quatrocentos reais. Isso é coisa que ... Eu pago um aluguel, só o aluguel que eu pago aqui é duzentos e cinquenta, ainda vou criar meu filho, que está pretendendo entrar na faculdade e eu quero dar essa força para ele. (Chico)

Chico, como provedor principal da família, empenhou-se arduamente nessa tarefa por muitos anos e o resultado é que nunca teve muito tempo para ficar com os filhos. A busca por uma remuneração razoável para o sustento de sua família fez com que ele trabalhasse sem descanso. Hoje, considera muito importante, além do sustento da família, ter mais tempo com seus filhos.

Dessa forma, parece que a decisão de trabalhar como autônomo também teve como fator determinante a possibilidade de trabalhar menos horas e de estar mais presente em sua casa. Segundo ele, seu salário de um mês de trabalho no mutirão equivale a uma semana de trabalho como autônomo.

Uma delícia isso, você poder conviver. Eu não tive muito tempo pra isso também, nessa vida ativa minha às vezes colocava a mão... “Puxa vida, sábado, domingo, nunca parei. Então preciso ter um dia para eles.” Aí comecei a ter. (Chico)

Tendo mais tempo para os filhos, é possível haver mais diálogo do que há atualmente.

[Na infância de Chico] *Tinha terra para brincar, tinha campo. Hoje em dia não, eu vejo, as crianças não têm onde brincar, não têm onde se soltar, gastar energia. Coitadinhas, Muitas vão para uma vida que é fácil hoje em dia para uma criança que não é desejada. Com eles eu estou tendo mais tempo, sim, agora. Estou tendo mais. Diálogo eu sempre tive, eu acho isso essencial. Uma família tem que ter isso, porque daí é que o filho tira a base. Mesmo que ele erre aos dezoito, dezenove anos pra cima. Ele errou e vai ver que não foi culpa do pai ou da mãe. Ele vai bater na cachola dele uma vez: “Meu pai nunca me ensinou essas coisas. Eu vou por esse lado.”* (Chico)

Além do prazer proporcionado pelo contato com os filhos, Chico também fica preocupado em passar seus valores morais para que eles possam escolher os melhores caminhos em suas vidas.

Segundo Zaluar (2000), a imagem do trabalhador respeitável não é a única visão possível do trabalho; este pode ser compreendido também pelos aspectos negativos associados à escravidão, à imagem do trabalhador enquanto “otário” que trabalha muito para ganhar muito pouco, juntamente com uma série de representações positivas da malandragem.

Dessa forma, os pais, sabendo disso, ficam com medo que, longe de sua vista, seus filhos sejam influenciados por valores distintos dos deles, reproduzam atitudes negativas diante do trabalho e sigam “caminhos errados”, longe da disciplina do trabalho (ZALUAR, 2000).

Chico teme que os filhos escolham o “caminho mais fácil”, o “caminho errado”. E o seu empenho em passar mais tempo com eles é impulsionado não apenas pelo prazer de conviver, mas pela intenção de transmitir-lhes os valores mais nobres de uma vida levada com esforço pelo caminho do trabalho.

Chico considera que a vida é um jogo em que há duas opções: enfrentar bravamente as dificuldades, ou baixar a cabeça e desistir de lutar.

Ele é do tipo que sempre luta e que mesmo diante das maiores adversidades não desiste. Há algum tempo, Chico teve um problema com alcoolismo. Na época, surgiu uma ótima oportunidade de emprego em uma grande firma. Chico foi à entrevista, mas o avaliador sentiu seu hálito e falou que ele precisava parar de beber e que ali não aceitavam pessoas com problema de alcoolismo. Chico ficou arrasado.

Eu vejo por esse exemplo que eu tinha uma opção ali de cair de vez, porque eu estava numa situação ruim, estava numa situação sem dinheiro, estava numa situação difícil, tive aquela chance e perdi, perdi por um defeito meu. Eu podia: “Nossa, agora eu vou chegar em casa, meu Deus, eu não vou ter nada.” Não. Eu vim de lá para cá, eu senti ódio de mim. Eu me odiei naquela hora. Falei: “Não, vou levantar a cabeça. Vou. Eu posso.” Levantei. De lá para cá, graças a Deus, tenho sobrevivido e bem, graças a Deus. (Chico)

Depois disso, Chico teve força para parar de beber e continuar lutando. Outros, que conhece, não tiveram essa força, continuaram bebendo e alguns até morreram por causa desse vício.

É esse exemplo, essa imagem de lutador que Chico quer passar para seus filhos.

Creio que o pai passa uma imagem ou muito negativa para o filho ou muito positiva. Não quero que meus filhos peguem uma imagem negativa de nós. Jamais. Eu quero que tenha essa fibra, sabe. Guerra, guerra com ele mesmo. “Eu posso?” “Você pode, rapaz. Vai!” (Chico)

É esse empenho feroz na mudança de vida, na luta por melhores condições de vida por meio do trabalho duro, que Chico quer passar para seus filhos.

Nesse sentido, a educação dos filhos é um importante tema para Chico. Com relação à educação de sua filha mais velha, de vinte e três anos, considera que errou. Ela teve

muito mimo e acabou “entrando no erro”, mas isso não foi detalhado. No entanto, hoje está tudo bem e ela está casada e com três filhos.

Já seu filho de dezoito anos teve uma criação bem diferente. Não teve tanto mimo, recebeu boa instrução do pai e da mãe e, o que parece ser mais importante, uma educação cristã dos seis anos de idade até os dias de hoje. Ele cresceu dentro da igreja e Chico considera que ele teve lá bons relacionamentos e uma ótima educação⁴⁵.

O resultado é que seu filho sempre foi ótimo aluno, dá aula de informática e de bateria e agora quer prestar vestibular para entrar em uma faculdade. Chico tem muito orgulho dele e quer ajudá-lo a conseguir cursar uma faculdade.

Uma grande motivação de Chico para o trabalho é o desejo de fornecer a esse filho as oportunidades que não teve quando jovem. Seu pai ganhava muito pouco e ele, o mais velho de quatro filhos, precisava contribuir para o aumento da renda familiar e dar exemplo para os irmãos mais novos. Até fazer dezoito anos, dava todo o dinheiro do seu trabalho para sua mãe, e, por isso, teve pouca oportunidade de estudar.

Empenha-se em dar todas as condições para que seu filho estude os assuntos de que gosta e que trabalhe na área em que estudou. Não quer que seu filho estude para que no fim acabe trabalhando como ajudante e precise abrir mão dos seus sonhos.

Um futuro melhor, no caso dos mais velhos, principalmente, mas também no caso de alguns jovens, não está mais no espectro de suas próprias vidas. Ele é jogado para a geração futura, tentando manter, dessa forma, a expectativa de uma trajetória ascendente. (NARDI, 2006, 135)

⁴⁵ Afirmação que anuncia a importância da igreja cristã (não menciona em nenhum momento qual igreja) na vida de Chico. Esse tema será aprofundado mais adiante.

Hoje, refletindo sobre a sua rotatividade nos empregos, acha que não teve maturidade, percebia tudo como desvantagem e vivia apenas o momento. Como ainda não havia constituído família, não se preocupava em construir um futuro para dar segurança a ela e prover seu sustento. Pensa que se tivesse continuado poderia estar muito bem como chefe dentro de algum almoxarifado ou como inspetor de qualidade naquela firma de que se arrepende de ter saído.

Acredita que teria sido vantajoso continuar naquele emprego. No entanto, ansiava por melhores oportunidades, não via futuro para ele naqueles serviços e não gostava de ficar fazendo sempre a mesma coisa. Não conseguia se imaginar trabalhando vinte, trinta anos na mesma máquina. Achava que tinha condições de conseguir algo melhor, como montar sua própria firma e trabalhar como autônomo, mas nunca tinha dinheiro suficiente para isso.

Então, começam a aparecer também com muita força as vantagens de trabalhar como autônomo.

Tem as empresas, é ótimo trabalhar como registrado, todas as garantias do serviço você tem. Ótimo. Tem pessoas que gostam disso? Tem. Tem pessoas que gostam disso. Só que o meu caso é um caso separado. Eu prefiro autônomo. Isso eu acho que vem de mim desde pequeno. Eu não sabia o que era, mas depois com o tempo ele vem crescendo. Então você vai vendo oportunidades, você vai tirando proveito delas. (Chico)

No trabalho como autônomo ele só depende de si. Se fizer algo errado, volta e conserta, sem ter que agüentar um chefe apontando seus erros, “pegando no pé” e sem temer ser demitido por qualquer bobagem.

Também é gratificante para ele perceber que os clientes gostaram do seu trabalho. Fica feliz quando eles elogiam seu serviço. É um trabalho em que ele se sente muito reconhecido, não só financeiramente.

Podendo pagar o INSS trabalhando como autônomo, não vê desvantagem nenhuma em trabalhar dessa maneira, sem registro na carteira de trabalho.

Se eu fizesse um serviço sem pagar o INSS, sem contribuir, seria uma desvantagem. Já aconteceu uma vez comigo, eu me machuquei. É raro, mas eu me machuquei, fiquei parado quase um mês. Pra mim foi uma desvantagem horrorosa. Fiquei um mês parado, sem receber, gastando. Uma grande desvantagem, isso aí pesa muito. Mas, a partir do momento que você paga o autônomo, você está em dia com o INSS, certinho, você sempre vai ter essa vantagem. (Chico)

Outra vantagem é que, ao pagar o INSS como autônomo, há possibilidade de contribuir com uma maior quantia de dinheiro, o que resulta em uma aposentadoria melhor no futuro⁴⁶.

Porque entrando com INSS, você pode pagar de dois, três, ou quatro, cinco salários mínimos. Não é aquela mesma coisa que você estar na empresa. Porque na empresa, se você ganha um salário mínimo, você vai pagar aquele xis no INSS, quando você ficar velhinho, se aposentar, você vai ganhar só aquele piso. E o autônomo não, você tem essa opção de ter de um a dez salários mínimos se quiser pagar. (Chico)

Porque para eu trabalhar anos e anos, trinta, quarenta, cinquenta anos na firma, com aquele salário xis, aquela pessoa acomodada que fica só na firma. Vai chegar lá, vai estar velhinho, vai precisar pegar o negocinho, todo mês trezentos, trezentos e poucos reais, que tem muito

⁴⁶ É possível observar, na trajetória de Chico, a presença de estratégias de sobrevivência. Chico situa-se em um lugar próprio que permite avaliar as situações vividas, prever novas situações e movimentar-se de maneira a capitalizar recursos, planejar e construir condições que o liberem da necessidade de atentar para as circunstâncias buscando incessantemente transformá-las em oportunidades de geração de renda (CERTEAU, 1994).

acontecido hoje em dia. Gente! Você vai fazer o que com isso? Isso é irrisório! Pelo amor de Deus! Nosso Brasil, eu vou te contar. (Chico)

Para Chico, outra vantagem do trabalho como autônomo é que este é bastante diversificado, com novidades todos os dias, e o afasta da rotina entediante que experimentou em seus empregos.

Essa variedade se deve, em primeiro lugar, à diversidade de trabalhos que oferece à sua clientela. Por necessidade, aprendeu a trabalhar com todos os ramos da construção civil (pintura, alvenaria, hidráulica, elétrica, etc.). Acredita que, hoje, existe a necessidade de ser um profissional completo, não é possível depender de um único serviço. Já passou por situações, quando jovem, de só saber trabalhar com pintura e ficar desempregado nas épocas em que chovia muito. Dessa forma, ampliou o leque de trabalhos que pode oferecer, a fim de encontrar trabalhos com mais facilidade.

Às vezes, as pessoas o chamavam para realizar um tipo de trabalho de eletricitista, por exemplo. Gostavam do serviço e perguntavam se ele sabia fazer alguma outra tarefa de que precisavam. Assim, acabava realizando vários trabalhos em uma mesma casa.

Como Chico nunca gostou de ficar na “*mesmice*”, essa diversificação do trabalho une o útil ao agradável. Útil porque essa variedade faz com que ele consiga mais trabalhos e agradável porque é assim que prefere trabalhar, sempre com novidades.

Às vezes, eu pego uma casa pra fazer, então tem uma variedade de coisas. Você pensa mais, você usa mais um pouquinho do seu cérebro para fazer isso e aquilo. Sabe, você desenvolve a memória, a mente. Então, nesse tipo de trabalho, eu, graças a Deus, não me enrolei, não. Eu nunca me enrolei e gosto. Negócio que se você perguntar se eu vou continuar nessa atividade, eu pretendo. Se Deus quiser, eu pretendo. (Chico)

Sabe, sua cabeça erguia. Você conhecia mais pessoas. Você tinha como conversar. Você tinha como sair. Você tinha outros ares. Porque é

aquele tipo de coisa, você terminou aquela casa, você sai daquele tempo, você está em outra, está começando outra vez. Mesmo que seja a mesma casa, as mesmas coisas, só pelo fato de você sair da sua região e ir para aquela região, você vai fazer a mesma coisa, mas você saiu, são outras pessoas, é outro mundo. É o mesmo serviço, só que você teve um deslocamento de lugar. Eu não suporto ficar muito tempo num lugar, preso, parado. (Chico)

As relações com seus clientes também representam, nesses trabalhos, importante fonte de prazer.

Eu gosto de estar com o público. Gosto de gente nova. Gosto de estar conversando com clientes novos, que é um meio também de distração, é um meio também de se conhecer. Olha, a partir desse ramo, eu pude conhecer tanta gente, eu conheci tantas pessoas. Comecei a mexer com esse ramo, conheci variedades de pessoas, entrei em comunicação, como eu te falei, com promotores, com capitães. Nossa, com gente importante, com vereadores, com diretores de clube, jogador de futebol que, às vezes, estava lá no clube. Então é gostoso. Então um indicando o outro. É gostoso que você não ficava naquela mesma coisa. Não ficava naquela coisinha parada. Você virava... Sabe, sua cabeça erguia. Você conhecia mais pessoas. Você tinha como conversar. Você tinha como sair. Você tinha outros ares. (Chico)

E o contato com muitos clientes ultrapassa o encontro fugaz de pura prestação de serviço. Chico conversa muito com seus clientes, de modo que passa a considerar muitos deles amigos.

Porque você acaba se afinando, depende do cliente seu, trabalha tanto tempo, ele acaba pegando tanta confiança em você que ele conta as coisas dele. Para o marido, para a esposa ele não conta, ele vem contar para você. Se torna um amigo. Eu sou amigo de um capitão, que é chamado capitão, mas é general do exército aposentado. Ele me contou coisas que... Confiança. (Chico)

Essa personalidade encontrada no trabalho como autônomo e, principalmente, a dádiva que sustenta muitas das relações com seus clientes, são também, em grande

medida, responsáveis pelo prazer que Chico sente trabalhando como autônomo. Essas trocas de conselhos, de experiências, de conhecimentos e valores permitem um reconhecimento mútuo dos envolvidos e a construção de um ciclo em que não circulam apenas prestações de serviços.

Nessa conjuntura, o cerimonial simbólico do dom ritual [da dádiva] vem conjurar os perigos anônimos, restituir os “verdadeiros valores”, vivenciados como a expressão de uma “verdadeira vida”. O tempo da troca reversiva já não é uma mônada isolada em um mundo sem compaixão, prisioneiro do jogo das demandas e respostas imediatas, mas uma pessoa, definida por relações duradouras, festivas, com parceiros que têm rostos e se submetem como ele à mesma lei “inútil”, embora fundadora e eficiente. (NICOLAS, 2002, p.59-60)

Assim, Chico acha que no trabalho autônomo ele trabalha muito mais alegre e fica com a saúde melhor. Acha que trabalhando como autônomo consegue pensar melhor porque faz uma coisa de que gosta e tem muito prazer no que faz.

No entanto, a ética do provedor aparece mais uma vez quando Chico afirma não poder garantir a permanência nesses trabalhos com os quais sente tanto prazer. Se não conseguir se sustentar por meio destes ou se não tiver mais condições para fazê-los, terá que viver daqueles serviços de que não gosta.

A ética do provedor também aparece quando pergunto a ele se tem vontade de continuar trabalhando como autônomo depois que sair do almoxarifado do mutirão. Ele responde que “*a vontade é a necessidade*”. Isso indica que, quando se vive no âmbito da necessidade, não se inclui o desejo; quem tem que sobreviver não pode se dar ao luxo de desejar nada.

Outros valores marcadamente presentes na trajetória de Chico estão ligados à religião. Não explícita, em momento algum, qual igreja frequenta, mas, em muitos momentos, parece comprometido com valores de uma ética protestante.

Algumas falas de Chico indicam a presença da ética protestante do trabalho, expressa na valorização do trabalho enquanto atividade em si:

Por exemplo, se eu fosse rico, não precisasse de nada disso – eu, estou falando eu, como pessoa –, vou dizer que eu seria o cara mais infeliz do mundo. Por quê? Porque não ia ter trabalho. Por isso que eu te falo, Deus sabe fazer as coisas certinho: dá dinheiro para quem... [risos] Porque se depender de mim... Nossa! (Chico)

A ética do trabalhador, associada à ética protestante, também aparece quando lhe perguntamos qual seria para ele o trabalho ideal:

Olha, sendo trabalho, para mim é ideal. Para mim... depende do ramo. O trabalho ideal, acho que teria que ser... Olha, o idealismo é o trabalho. Independente, sendo o nome trabalho já é idealíssimo esse nome, para mim. Trabalho, para mim, já representa uma certa alegria, uma certa... é uma coisa que desperta. É o que desperta na gente, o trabalho. (Chico)

Depois fala que o trabalho ideal é aquele que se faz com prazer – que seria, para ele, o trabalho como autônomo –, mas, primeiramente, enaltece a atividade do trabalho em si.

Em seu discurso, assim como no de Cristiane, há associação entre pobreza e trabalho: os pobres têm que trabalhar para sobreviver, já os ricos não precisam fazer nada para ganhar dinheiro. No entanto, diferentemente do que ocorre com Cristiane, o sentimento despertado não é de injustiça, e sim de orgulho por viver de acordo com a disciplina do trabalho. A pobreza é valorizada; é com as pessoas mais pobres, obrigadas a trabalhar e “corrigidas” pela disciplina do trabalho, que estão os valores mais nobres.

Muito feliz são aqueles que não têm nada, mas são felizes. Que têm pouco, que lutam por aquilo. Porque tem gente que tem muito e que não tem nada. Não tem nada. Você viu o pouco tempo que você está em casa [na casa do cliente], você viu a discórdia que é, brigar por causa disso, daquilo, por causa de extravagância. (Chico)

O prazer e o sentido do trabalho, principalmente dos trabalhos como autônomo, em que ele tem muito contato com pessoas, estão associados também a valores proferidos pela igreja cristã. É na interação com as pessoas decorrente do trabalho que ele tem a oportunidade de ajudá-las, de “salvá-las”.

Então eu acho que a gente tem uma finalidade nesse mundo, cada um tem um particular nesse mundo com alguém. Sabe, a gente não vem à toa. A gente não está aqui a deus-dará. Eu creio muito em Deus e sei muito bem que Deus tem um plano na vida de cada um. Ele está em todos os lugares e aí Ele te tira de um fim de mundo e te coloca ali. E você fica: “Mas por que eu vim parar aqui?” Às vezes, por causa de uma pessoa, por causa de uma palavra sua, você pode salvar a vida daquela pessoa, direta ou indiretamente, com condições ou não. Então... Eu sou muito assim. Eu gosto, eu creio em Deus. Isso aí ninguém me tira. (Chico)

Portanto, na trajetória de Chico, a sobrevivência aparece em primeiro plano, mas a dignidade e o valor do trabalho enquanto atividade em si também aparecem; sobrevivem os valores tanto de uma ética protestante do trabalho como da ética do provedor.

7.6 João ⁴⁷

João tem 45 anos, é casado e tem duas filhas. Veio de Minas Gerais em 1977. Logo que chegou a São Paulo, teve alguns empregos, mas também fazia “bicos” para ajudar a pagar as despesas da casa, porque recebia apenas um salário mínimo (cuidava do prédio em que morava para não pagar aluguel, trabalhou como vendedor ambulante na rua Vinte e Cinco de Março). Depois comprou um bar, onde trabalhou durante oito anos. Quando deixou de ter retorno financeiro, vendeu o bar, comprou uma chácara em Atibaia e mudou-se para lá. Na época, devido ao Plano Collor, perdeu todo o dinheiro que havia guardado e teve que “*recomeçar a vida do zero*”, como conta. Começou a fazer pulsos para fossas (buracos de aproximadamente trinta metros de profundidade), mas também em Atibaia começou a ter dificuldade para encontrar trabalho. Vendeu tudo o que tinha e voltou para São Paulo, onde comprou o terreno em que mora até hoje.

Desde então, passou a realizar uma série de atividades no mercado informal. Do rol de atividades realizadas por João, fazem parte serviços de pintura, de pedreiro, de segurança e muitos outros.

Consegue os diversos trabalhos que realiza por meio de indicação de colegas. São pessoas que se conhecem há bastante tempo e há confiança entre eles no que diz respeito ao trabalho que fazem e à responsabilidade que têm. Por ter muito “*conhecimento*” ⁴⁸ e pelas indicações feitas a terceiros por pessoas para as quais já fez algum trabalho,

⁴⁷ João e Evaldo (cuja trajetória será analisada a seguir) foram entrevistados ao mesmo tempo, durante uma entrevista piloto feita durante a aproximação inicial. Apesar de a entrevista ter sido mais breve do que as demais e de as trajetórias de trabalho terem sido reveladas de maneira menos detalhada, acreditamos que os elementos fornecidos são suficientes para procedermos à análise destas.

⁴⁸ Como se refere ao fato de conhecer grande quantidade de colegas que podem indicá-lo para serviços.

consegue muitos trabalhos. Parece que há relações pessoais de solidariedade entre os amigos que se ajudam mutuamente, chamando para trabalhos, são sustentadas pela dádiva.

Porque por conta a gente vai atrás das pessoas que a gente conhece, pessoa que a gente sabe que vai trabalhar. Ele [Evaldo], por exemplo, que me conhece, ele sabe que eu estou mexendo com um serviço, ele fala: “Eu estou precisando de um bico.” Eu vou pegar ele, porque eu já conheço ele, eu sei que ele vai trabalhar. Então, outra pessoa tem um serviço pra fazer me chama, porque sabe que eu dou conta do serviço. Sabe que eu vou fazer aquele serviço. (João)

Considera que, na época em que chegou em São Paulo, era muito mais fácil encontrar emprego.

Sim, porque, naquela época, era bom de emprego. Naquela época, não sabia nada e pegava a gente. Porque eu, por exemplo, naquele tempo [em 77] que eu vim de Minas, não sabia nada, nada, nada e fui chegando, pegaram eu para trabalhar na loja que precisavam. Hoje já tem muita gente, já não pegam mais. Mas, naquela época, você podia, vinha de Minas ou da Bahia, seja de onde a pessoa viesse, chegava, tinha bastante emprego. Hoje não. Tem emprego, não vou dizer que não tem, mas é escolhido. Tem menos e é escolhido, escolhe. (João)

João percebe as mudanças no mercado de trabalho e a crescente dificuldade de conseguir um emprego, devida ao alto grau de exigências, como necessidade de ter concluído o ensino médio, faixa etária restrita (ele tem mais de quarenta anos e com isso fica ainda mais difícil conseguir emprego) e necessidade de ter registro em carteira para comprovar experiência (ele já trabalha durante muito tempo como “autônomo”⁴⁹, não tem carteira assinada há vinte anos). Por isso, avalia que não adianta procurar emprego em firmas, onde há muitas exigências e desconfiança.

⁴⁹ É o termo que o próprio João utiliza para se referir à posição que ocupa no mercado de trabalho. No entanto, ele não tem registro de trabalhador autônomo.

A respeito das atuais dificuldades de encontrar um lugar no mercado formal de trabalho, Nardi (2006), lembra que muitos dos trabalhadores mais velhos tiveram inserções, mesmo que momentâneas, nesse mercado. No entanto, aos poucos, foram expulsos deste, devido à conjunção de fatores como a idade avançada, a baixa escolaridade e o agravamento das condições do mercado de trabalho. O autor ressalta que, no caso dos homens mais velhos, o principal fator de afastamento do mercado formal é a ausência de estudo formal ou a baixa escolaridade.

João contrapõe o universo das empresas ao do trabalho “*por conta*”, dizendo que neste é mais fácil conseguir trabalhos, porque as pessoas o conhecem e confiam na sua capacidade de fazer o serviço, e que há uma pessoalidade nas relações de trabalho inexistente nas empresas.

Evidencia-se uma importante distinção entre esses dois universos. Nas empresas, a impessoalidade e a racionalização imprimem características diferentes de relação interpessoal e de seleção de candidatos para uma vaga. João conta que, ao procurar emprego numa firma, muitas são as exigências (escolaridade, tempo de registro em carteira naquele ramo de atividade, idade) para provar que aquele sujeito desconhecido sabe fazer o trabalho para o qual será contratado, que tem experiência na área. Em contraste, aparece a procura de trabalho por meio de relações pessoais: quando alguém sabe de algum trabalho, alguma vaga, indica pessoas conhecidas. O clima é de confiança, não há necessidade de comprovar experiência. Geralmente, o “empregador” já conhece alguém dessa rede e este faz a indicação. Assim, o “contratante” conhece, mesmo que indiretamente, o trabalhador, pois este foi indicado por uma pessoa de sua confiança. Tal confiança é, de certa forma, “transferida” para as outras pessoas da rede.

O trabalho no mercado informal é muito cansativo, pois exige que se trabalhe trinta, trinta e um dias por mês, senão o dinheiro não é suficiente. Na empresa, não se trabalham tantas horas, mas os salários são muito baixos e não é possível trabalhar mais dias e ganhar mais, o que é considerado uma desvantagem dos empregos. Portanto, quem está empregado tem necessidade de trabalhar também em “bicos” nos finais de semana, porque o que ganha na firma não é suficiente para pagar todas as despesas.

João reconhece a importância de ter carteira assinada devido aos direitos sociais a ela associados, principalmente a aposentadoria. Ele teme ficar velho e não poder mais realizar os trabalhos pesados que faz atualmente.

Eu, por exemplo, acho o seguinte: a primeira coisa que a pessoa fala logo é aposentadoria. Aposentadoria é sempre uma coisa que... porque, sabendo que você já está com uma idade avançada e tem carteira assinada, a primeira coisa é a aposentadoria, que fala: “Ah, vai ficar velho, não vai agüentar mais trabalhar daqui a pouco, estando com a carteira assinada, vai aposentar.” E quem já faz esse tipo de bico não; ficou velho, não agüentou mais trabalhar, tem os filhos que tem que cuidar. Sempre vai ter um problema. Já a carteira assinada não, porque, vamos supor, machucou uma perna, que seja, um braço no serviço, é coisa que o INPS⁵⁰ já aposenta, a pessoa aposenta. (João)

Percebe perdas na não inserção em empregos, e a maior preocupação refere-se ao envelhecimento e à incapacidade de, no futuro, realizar os trabalhos pesados que faz atualmente. Assim, são pontuados aspectos que indicam a presença da cultura do emprego, como certa insegurança inerente a esses trabalhos, em contraste com a segurança das proteções trabalhistas, principalmente com relação à aposentadoria.

Na comparação entre as relações de trabalho no mercado formal e a situação de trabalho em que está inserido, tais perdas são superadas pela percepção de vantagens na

⁵⁰ Atual INSS.

forma de organizar a vida de trabalho em torno das atividades no mercado informal. São percebidas mais desvantagens no emprego – baixa remuneração, subordinação hierárquica, impossibilidade de trabalhar mais horas e ganhar mais, altas exigências para conquistar uma vaga, impessoalidade e desconfiança – e mais vantagens no trabalho informal – possibilidade de ganhar mais se trabalhar mais, maior remuneração, pessoalidade, confiança e liberdade de se organizar segundo suas próprias necessidades e possibilidades.

Dessa forma, João considera melhor trabalhar “*por conta*”, por causa das relações pessoais que se estabelecem e da confiança presente nesse universo; a confiança entre as pessoas da rede é transmitida para as pessoas que não o conhecem diretamente mas conhecem e confiam no seu colega. A pessoalidade e as relações de solidariedade presentes nos trabalhos no mercado informal se contrapõem à impessoalidade e à rigidez encontradas no formal.

João diz que, quando se trabalha com “bicos”, não é certo que aparecerão mais trabalhos, muitos não conseguem porque não têm tantos conhecidos (não têm uma boa rede de relações), mas ele mesmo sempre arruma outro trabalho. Portanto, parece que, no caso de João, as numerosas indicações de conhecidos e as relações mantidas pela dívida resultam em uma constância dos trabalhos, o que proporciona a ele uma sensação de segurança, uma certeza de que, de alguma maneira, sempre conseguirá encontrar um meio para sobreviver.

Apesar dessa sensação de segurança, devida à forte inserção em redes de sociabilidade, a trajetória de João parece ser orientada por táticas e não por estratégias de sobrevivência. Não podemos observar a presença de um lugar próprio; João continua dependendo das circunstâncias para gerar renda, não consegue criar condições de capitalizar vantagens, prever, planejar e construir uma condição de trabalho que lhe

forneça autonomia (CERTEAU, 1994), como no caso de Ari e Chico, que retiram do trabalho no mercado informal recursos suficientes para pagar INSS como autônomos e conseguem planejar suas ações e expansões futuras.

A ética do provedor também aparece fortemente na trajetória de João. Ele não se arrepende da vida de trabalho que teve e tem, pois conseguiu sobreviver e sustentar sua família. Orgulha-se de afirmar que, graças a esses trabalhos, conseguiu criar suas filhas e hoje elas já trabalham.

A ética do provedor também é revelada nos momentos em que João afirma aceitar qualquer trabalho que aparecer e que, exatamente por essa razão, sempre conseguiu sobreviver. Diz que sobrevive porque faz qualquer trabalho que aparecer, inclusive aqueles serviços “*brutos*” e braçais que não é qualquer um que faz.

E tem que, como se diz, ir levando a vida do jeito que vai indo, na base do esforço, na base da raça. No tipo de serviço que não é qualquer um que pega para fazer, que jogar uma terra dessa, fazer... é serviço bruto, é serviço braçal. Serviço bruto, então, é difícil de trabalhar. É difícil de fazer. (João)

Como vimos, é a ética do provedor, a necessidade de sobrevivência e de sustento da família, que faz com que ele aceite qualquer trabalho.

Ao avaliar sua situação de trabalho, diz que “*está ruim, mas está bom!*”, revelando reconhecer as dificuldades existentes no trabalho no mercado informal e as vantagens do emprego a que não tem acesso mas estar satisfeito com o que essa posição lhe tem proporcionado.

7.7 Evaldo

Evaldo tem quarenta e um anos, é separado e tem duas filhas, uma de dez anos e outra de nove.

Teve seu primeiro emprego em São Paulo logo que chegou de Alagoas, em 1983, na construção civil, onde trabalhou por dois anos. Depois, trabalhou em uma fábrica de tecelagem como tintureiro durante sete anos. Em seguida, foi ajudante em uma empresa de móveis. Mais tarde, voltou para a construção civil por dois anos. Foi, depois, segurança por dois anos em uma firma e por três anos em outra. Esse foi seu último emprego, saiu devido a problemas em sua vida pessoal, na ocasião em que se separou de sua mulher. Até o momento, todos os seus trabalhos haviam sido registrados e não tinha feito nenhuma atividade no mercado informal. Ao sair da última firma de segurança em que trabalhou, ficou aproximadamente quatro anos desempregado.

Nesse período, fez alguns trabalhos no mercado informal; dentre eles, trabalhou como vendedor ambulante. Vendia CDs, cartões telefônicos, comprava e vendia vale-transporte, entre outras coisas. Conseguiu ganhar e poupar um bom dinheiro nesse serviço.

Nessa época, conheceu um cantor e, como havia conseguido guardar dinheiro, resolveu ser “empresário” desse cantor, arcando com as despesas deste. Gravaram um CD e foram para Minas Gerais fazer *shows*. A experiência não deu certo, Evaldo gastou todo o dinheiro que tinha e não recebeu o retorno financeiro esperado. Voltou para São Paulo e começou a fazer muitos “bicos”, aceitava tudo o que aparecesse e já trabalhou, por exemplo, como guarda e servente.

No momento da entrevista, trabalhava havia cinco meses “*fichado*” em uma firma de construção civil. Busca um emprego melhor, pois não vê futuro nessa empresa, a qual

terceiriza seus serviços, não oferece boas condições de trabalho e não paga o salário em dia.

Evaldo, no período de quatro anos em que estava desempregado, fez alguns trabalhos no mercado informal. Com relação a esse período, analisa:

Agora, depois de quatro anos, foi que eu consegui arrumar um serviço na obra com carteira assinada. Mas o resto era só parado, fazendo bico. Depois do negócio do artista fiquei parado. [...] Aí trabalhava um dia, só em bico, trabalhava dois dias da semana, três, quatro, aí fiquei naquela pior mesmo. Aí, agora que eu comecei a trabalhar nessa firma, mas a firma também não presta. Passa quarenta dias pra pagar, mas eu estou sobrevivendo, aí, aos trancos e barrancos. (Evaldo)

Para Evaldo, os trabalhos no mercado informal não aparecem como um trabalho. Fez “bicos” nesse período e até ganhou bastante dinheiro trabalhando como vendedor ambulante, mas a avaliação que faz é que ficou parado durante esses quatro anos. Isso evidencia que o trabalho “de verdade” é aquele registrado em carteira, mesmo que também seja precário.

Devido aos baixos salários oferecidos pelos empregos, continua fazendo “bicos” para suprir suas necessidades materiais, o que evidencia, mais uma vez, que as categorias trabalho no mercado informal e emprego não são mutuamente excludentes e que frequentemente coexistem na trajetória dos trabalhadores.

Como trabalha durante a semana, é nos finais de semana que arranja alguns “bicos” por intermédio de João e Wilson⁵¹. Quando eles sabem de algum serviço, chamam Evaldo, não só pelo fato de este precisar de trabalho, mas também por confiarem nele. Assim, parece que Evaldo consegue a grande maioria dos “bicos” por meio de relações em que a

⁵¹ Foi Wilson que sugeriu à pesquisadora o contato com João e Evaldo, como revelado no item 2.3, *Incursão ao campo: a plasticidade e vivacidade das formas de sobrevivência criadas pelos trabalhadores*.

dáviva está presente. São as relações de amizade, nas quais há solidariedade e “obrigação” de ajuda mútua, que auxiliam Evaldo a conseguir esses trabalhos.

Na trajetória de Evaldo, os valores da cultura do emprego aparecem fortemente. O emprego parece estar relacionado a segurança e estabilidade, a relações de trabalho menos arbitrárias e a benefícios sociais. Representa segurança, não só para o presente, em caso de acidente ou doença, mas principalmente em relação ao futuro. Portanto, para Evaldo, mesmo que as condições de trabalho em um emprego não seja muito boas, é importante ter a carteira de trabalho assinada.

As vantagens percebidas na realização de atividades informais dizem respeito à possibilidade de obter uma renda maior – ao poder trabalhar mais dias na semana e aumentar os ganhos, enquanto na empresa o salário é fixo – e à pessoalidade encontrada nas relações de trabalho – em contraposição à impessoalidade encontrada no mercado formal.

Para Evaldo, no confronto entre esses dois universos, as vantagens percebidas no trabalho formal superam aquelas atribuídas às atividades informais. Na sua avaliação, a segurança proporcionada pelos direitos do trabalho é mais importante do que a possibilidade de receber maior remuneração inserindo-se apenas em atividades informais. Ele acha muito importante ter carteira assinada e está sempre à procura de empregos. Os “bicos” aparecem na sua trajetória como atividades marginais, esporádicas, para aumentar a renda, já que os salários são muito baixos e, às vezes, nem mesmo dão conta das necessidades básicas.

Ah, é [importante ter carteira de trabalho assinada]. Para mim, é, porque se você tem qualquer problema você já está garantido ali, o INPS, quando você sai tem alguma coisa para receber. Melhor carteira assinada, eu acho. (Evaldo)

É, porque muita gente vai atrás do dinheiro, não da carteira assinada. Você vai ganhar mais. Se eu arrumasse um serviço direto pra ganhar bastante, qualquer um vai. Mas a carteira assinada é importante. (Evaldo)

Dessa forma, parece que, para Evaldo, a sensação de segurança diante dos acasos da existência está bastante associada ao vínculo formal de trabalho.

Com relação à procura por emprego, reconhece as dificuldades de acesso ao mercado formal devido às elevadas exigências para as vagas de trabalho (idade, estudo, aparência física, cursos, experiência em carteira). Por isso, ao procurar emprego, costuma recorrer a amigos empregados, ou seja, também consegue os empregos por redes de sociabilidade. Eles podem indicá-lo para alguma vaga, o que torna mais fácil consegui-la, já que há intermediação de um funcionário no qual o empregador confia. Novamente, é possível notar a importância das relações pessoais em sua trajetória de trabalho. A dívida presente nas relações de amizade estabelece um ciclo em que muitos favores são trocados. Não somente os amigos de Evaldo o indicam para empregos, mas também ele, quando empregado, se empenha, nesse sentido.

Evaldo revela que, às vezes, as pessoas referem-se de maneira preconceituosa aos que apenas fazem “bicos”.

É porque a gente, quem não tem carteira assinada, os vizinhos falam: “O fulano não trabalha?” “Faz bico, faz bico, vive de bico.” Não tem aquela discriminação, mas, no fundo, acho que tem, né, seu João? Porque fala assim: “Ah, vive de bico.” [João: Exatamente! De quê?] “Trabalha?” “Vive só de bico.” Mas bico, quem entende sabe que os

bicos, às vezes, são até melhores do que a carteira assinada. Outras pessoas, não: “Ah, o cara só vive de bico, não quer trabalhar.” (Evaldo)

Nesse momento da entrevista, Evaldo critica essa visão que não considera os “bicos” como trabalho. Mas, como vimos anteriormente, em alguns momentos da entrevista ele parece concordar com essa concepção. Acreditamos que a contradição se deva ao fato de, na sua trajetória, coexistirem os valores da cultura do emprego e os valores da ética do provedor. Assim, ele afirma, logo em seguida, não se importar com tais comentários porque o que importa mesmo é ganhar dinheiro. Ganhar dinheiro para conseguir sobreviver. É essa a fonte de orgulho e aceitação do trabalho como algo moralmente superior, seja lá como ele for, seja emprego, seja trabalho no mercado informal.

8 Considerações finais

As trajetórias analisadas nesta pesquisa demonstram a complexidade e a diversidade da questão do trabalho no mercado informal. São muitos os arranjos encontrados pelos trabalhadores para gerar renda para a sua sobrevivência e a de suas famílias. Pudemos, neste estudo, testemunhar a grande flexibilidade e a inventividade com que as pessoas de classes pobres conseguem transformar as mais diversas situações em oportunidade de geração de renda, o que revela que os trabalhadores “se viram” nas situações de dificuldade que experimentam.

Nas análises das entrevistas, pudemos perceber que esses trabalhadores transitam a todo o momento pelas esferas do emprego e do trabalho no mercado informal. Os valores de uma cultura do emprego estão presentes em todas as trajetórias, ainda que em diferentes intensidades, mesmo que essas pessoas não estejam ou nunca tenham estado empregadas. Por outro lado, os trabalhos no mercado informal também são muito significativos”, pois estão concretamente presentes e são o principal meio de sobrevivência delas. Como pudemos observar nas análises, alguns trabalhadores – Ari, Chico, Sônia e João – percebem grandes vantagens na realização de atividades no mercado informal.

Essas análises revelam que as categorias trabalho no mercado informal e emprego não são mutuamente excludentes, elas coexistem nas trajetórias de trabalho das pessoas.

Em quase todos os depoimentos, a adesão às atividades no mercado informal aparece como indispensável para aumentar a renda familiar dos trabalhadores empregados. Os baixos salários no mercado formal não são, muitas vezes, capazes de suprir as necessidades básicas dos trabalhadores. São freqüentes os relatos que mostram os trabalhadores do mercado formal realizando, aos finais de semana e feriados, atividades no

mercado informal para incrementar o orçamento familiar. Se não são os próprios entrevistados que enfrentam essa dupla jornada, os relatos referem-se também a cônjuges, pais ou amigos.

Como os rendimentos obtidos do mercado informal são, por vezes, maiores do que os do mercado formal, parece que, ao contrário do que se pensa, são os salários do emprego que complementam a renda obtida no mercado informal.

As categorias trabalho no mercado informal, emprego e desemprego não são estanques, e os indivíduos podem mesclá-las ou transitar por elas nos diferentes momentos de suas vidas. Assim, os indivíduos podem, no decorrer de suas trajetórias, localizar-se em diferentes categorias propostas pelas Pesquisas de Emprego e Desemprego (Seade/Dieese), e isso relaciona-se, como evidenciam nossas análises, às avaliações das pessoas sobre o mercado de trabalho e à percepção de sua inserção nele.

No momento da entrevista, Eliza estava desempregada, mas já esteve empregada e também incluída na categoria desemprego oculto por trabalho precário.

No período da entrevista, Cristiane estava na categoria desemprego oculto por trabalho precário, também já esteve desempregada e, na época em que trabalhava na feira, ocupada.

Ari estava ocupado, fazendo suas atividades com vendas no mercado informal – no momento não quer e não está procurando emprego –, mas já esteve empregado.

Na época da entrevista, Chico estava empregado no mutirão, mas já esteve em situação de desemprego oculto por trabalho precário quando fazia trabalhos no mercado informal. Queria mesmo conseguir um emprego, e, quando fazia trabalhos na área de construção civil no mercado informal e não tinha a intenção de conseguir um emprego, estava ocupado.

Sônia estava ocupada nos seus trabalhos com vendas no mercado informal – não procurava nem desejava um emprego –, já esteve na categoria desemprego oculto por trabalho precário, quando fazia atividades no mercado informal e desejava um emprego, e também já foi empregada.

Evaldo estava empregado no momento da entrevista, mas já esteve desempregado e também, quando ambulante, em situação de desemprego oculto por trabalho precário.

João estava ocupado no momento da entrevista, porém também já esteve empregado.

Assim, a análise individual das trajetórias de trabalho revelou que, apesar de todos os trabalhadores entrevistados⁵² realizarem atividades no mercado informal no momento da entrevista, seus percursos foram muito diferentes e as maneiras de estar nesse mercado de trabalho e de avaliá-lo também são variadas.

A diversidade dos arranjos entre o emprego e o trabalho no mercado informal, assim como das maneiras de estar e avaliar essas modalidades de inserção no mercado de trabalho, tem início nas peculiares situações de vida experimentadas por cada um nos distintos momentos de sua trajetória: se é provedor principal da família, se é mulher e assume o papel de cuidado dos filhos, se é mais jovem e já entra em um mercado de trabalho saturado, se é mais velho e já experimentou um mercado de trabalho em que o emprego era mais abundante e encontra hoje mais dificuldade de inserção no mercado formal devido à idade, se é solteiro e o dinheiro do seu trabalho só precisa prover a ele mesmo e não à família inteira, se precisa ou não pagar aluguel, dentre muitas outras possíveis.

⁵² Com exceção de Eliza que, por causa da gravidez, não estava trabalhando no momento da entrevista.

As situações vividas se combinam com as variadas maneiras de adesão aos valores da cultura do emprego e da ética do trabalho e às diferentes intensidades das relações pessoais e da dívida na vida do trabalhador, e isso resulta em variados arranjos entre o emprego e o trabalho no mercado informal e em diferentes avaliações das posições de trabalho ocupadas.

Podemos até mesmo afirmar, com base nas trajetórias de trabalho analisadas, que a adesão a esses valores se modifica de acordo com as experiências vividas por cada um nos distintos momentos de suas trajetórias. A trajetória de Chico, por exemplo, nos mostrou que, quando ele era mais jovem, acabara de se casar e tinha filhos pequenos para sustentar⁵³, não aceitava a possibilidade de trabalhar sem registro em carteira de trabalho, pois era isso que permitia, na sua concepção, a estabilidade e a segurança necessárias para cuidar de uma família. Pudemos perceber que nesse momento os valores da cultura do emprego estavam muito presentes. No entanto, com as mudanças no mercado de trabalho, ficou cada vez mais difícil encontrar um bom emprego⁵⁴ em que o salário fosse suficiente para o sustento da família. Dessa maneira, devido à adesão aos valores da ética do provedor, à necessidade de prover o sustento de sua família, Chico passa a valorizar mais as atividades no mercado informal, em que os rendimentos são bem maiores do que nos empregos. Fica claro também que essa valorização só é possível devido à forte inserção relacional e da dívida na sua trajetória, o que faz com que consiga muitos trabalhos e experimente uma proximidade com seus clientes. Assim, ele percebe esses trabalhos como muito mais gratificantes e prazerosos do que os empregos.

⁵³ Ele era, e ainda é, o provedor principal. Naquela época, o mercado de trabalho era bastante diferente do de hoje, não era tão difícil encontrar um emprego e as remunerações eram maiores.

⁵⁴ Na idade de Chico, que tem mais de quarenta anos, é ainda mais difícil encontrar um posto de trabalho no mercado formal.

As avaliações de nossos entrevistados a respeito do emprego e do trabalho informal e suas mudanças de acordo com as experiências vividas evidenciam a presença de certa racionalidade na estruturação das trajetórias de trabalho.

Diante das atuais configurações do mercado de trabalho e das dificuldades de conseguir emprego, os trabalhadores não se posicionam de forma ingênua; têm conhecimento do que os mercados formal e informal são capazes de oferecer-lhes, sabem o que perdem e o que ganham em cada um deles. E é com base nesses conhecimentos, mesclados com os valores da cultura do emprego, da ética do trabalho e da dádiva, que são traçadas suas trajetórias de trabalho.

Assim, a conjunção de todos esses fatores (a maneira de aderir à cultura do emprego e à ética do trabalho e a maior ou menor presença de redes de sociabilidade e da dádiva nas suas atividades de trabalho no mercado informal) produz diferentes avaliações a respeito dessas atividades, que são, então, vividas como mais ou menos precárias.

Dessa maneira, há não apenas diversas formas possíveis de inserção no mercado de trabalho, mas também uma ampla gama de significações a respeito das posições ocupadas. As pessoas que estão fora do mercado formal de trabalho e realizam atividades de trabalho no mercado informal podem, por exemplo, se considerar desempregadas, excluídas do direito ao trabalho e dos direitos acessados por meio do emprego. Outras podem não se ver como desempregadas por considerar, por exemplo, os trabalhos no mercado informal como uma modalidade de inserção no mercado de trabalho. Isso evidencia diferentes compreensões a respeito das categorias trabalho, emprego e desemprego.

Assim, evidentemente, também há variações na maneira como as pessoas vêem o trabalho no mercado formal em suas vidas e também os direitos sociais a ele associados. O emprego pode ser mais ou menos desejado, mais ou menos acessível, pode haver maior ou

menor seletividade com relação aos trabalhos no mercado formal que realizaria e os informais em que atua, maior ou menor desejo de emprego, dentre outros. E, como as análises individuais das trajetórias mostraram, essas distinções estão intimamente relacionadas à adesão aos valores da cultura do emprego e da ética do trabalho e à presença das relações pessoais e da dádiva, pois disso resultam diferentes avaliações do que é “certo” e “errado”, do que é trabalho de verdade e do que é precário.

A maneira como entendiam e denominavam sua situação de trabalho não foi uma questão diretamente abordada nas conversas e entrevistas com os trabalhadores, como pôde ser observado no roteiro da entrevista apresentado no capítulo 4. Mesmo assim, as pessoas acabaram expressando sua compreensão das categorias trabalho, emprego e desemprego por meio dos termos utilizados ao falar sobre suas atividades de trabalho.

Para Eliza, Cristiane e Evaldo⁵⁵, a concepção das categorias trabalho, emprego e desemprego parece estar mais próxima da compreensão corriqueira delas: o trabalho de verdade é o emprego, e o desemprego é a ausência desse vínculo. Suas atividades no mercado informal de trabalho são designadas como “bicos”.

Como pudemos perceber em suas trajetórias, há forte presença da cultura do emprego, o que determina que, para eles, o emprego seja o trabalho de verdade. Há desejo de conseguir emprego, e as pessoas costumam relatar procura ativa por ele. No caso de o emprego não ser possível no momento, seja pela gravidez (Eliza), seja pelas muitas exigências para se conseguir uma vaga no mercado formal (Cristiane), há o desejo de encontrar emprego, assim que for possível.

⁵⁵ Não pretendemos afirmar que as compreensões dessas categorias são as mesmas para cada um desses trabalhadores. No entanto, encontramos certa similaridade no que tange à percepção das atividades no mercado informal como mais ou menos precárias.

As demais atividades no mercado informal são, então, consideradas como um “passatempo” para suprir as necessidades financeiras até que encontrem uma vaga no mercado formal que lhes assegure segurança e estabilidade. Dessa maneira, as atividades no mercado informal são vividas por esses trabalhadores como precariedade.

Geralmente, quando a pessoa não está empregada mas realiza trabalhos no mercado informal, é comum a avaliação de que “está parada”, “está na pior”.

Cristiane vende suas trufas e faz bicos no mutirão, mas, em certo momento da entrevista, disse estar parada há dois anos. Cristiane também revela, como vimos na análise de sua entrevista, uma distinção entre os “bicos” e o trabalho autônomo. Para ela, o trabalho autônomo é aquele com o qual se mantém um compromisso, uma constância do trabalho e da renda, como seu trabalho na feira livre. É um trabalho que provê mais segurança do que os “bicos”, que são “*um quebra galho por pouco tempo*”, na maneira como ela se expressa.

Evaldo, no período de quatro anos em que esteve desempregado, fez alguns trabalhos no mercado informal. Com relação a esse período, analisa: “*Mas o resto era só parado, fazendo bico.*”

Já Ari, João, Chico e Sônia parecem compreender essas categorias de forma bastante diferente⁵⁶. João⁵⁷ e Chico, que fazem vários trabalhos na construção civil por intermédio das relações pessoais, muitas vezes pautadas na dádiva, reconhecem-se como *autônomos*

⁵⁶ Assim como também na pesquisa *O desemprego do tempo: narrativas de trabalhadores desempregados* os entrevistados do bar trouxeram uma concepção diferente daquela do desempregado como a pessoa que “largou mão da vida”; dessa forma, não se consideravam desempregados, pois continuavam “correndo atrás” e fazendo qualquer “bico” que aparecesse (ACKERMANN et al, 2005).

⁵⁷ João também faz muitos outros serviços que aparecerem no mercado informal para aumentar a renda familiar. No entanto, parece que os trabalhos na área de construção civil são os mais importantes e freqüentes.

ao desempenhar essas atividades, evidenciando que essas atividades apresentam um *status* diferente do de “bicos”, mais próximo, talvez, de uma noção de profissão.

Ari e Sônia referem-se às suas atividades de vendas no mercado informal como “*trabalho por conta*”. Eles também parecem conferir aos seus trabalhos no mercado informal um caráter de profissão. Consideram-se vendedores, aperfeiçoam-se fazendo cursos (Sônia), investem na profissão aumentando os produtos que podem ser vendidos e acreditam ter o dom para as vendas, expresso em seu carisma e na clientela fiel.

Portanto, parece que o fato de se fixarem em uma atividade específica no mercado informal, em torno da qual se aperfeiçoam, também constitui um diferencial com relação a Eliza, Cristiane e Evaldo, que costumam realizar uma variedade de trabalhos no mercado informal nos momentos de necessidade. Evaldo também faz trabalho na área de construção civil, mas não tem tanto conhecimento sobre essa atividade como João e Chico, se dedica menos a ela e já experimentou muitas outras, como ser ambulante ou empresário. Cristiane, como vimos, faz qualquer trabalho que aparecer e sua versatilidade faz com que transforme as mais diversas situações em forma de geração de renda, o que evidencia a utilização de táticas de sobrevivência.

Quanto à adoção de táticas ou estratégias de sobrevivência, pudemos perceber, nas entrevistas analisadas, que quanto maior a estabilidade conquistada pelo trabalhador, maior a possibilidade de recorrer a estratégias de sobrevivência. Aqueles que obtêm rendimentos mais altos e conquistam maior estabilidade (pagando o INSS, poupando dinheiro, etc.) conseguem posicionar-se de maneira diferente diante do mercado de trabalho. Estes trabalhadores conseguem construir um lugar próprio, poupar recursos e planejar suas ações e futuras expansões.

Como vimos, apenas Chico e Ari se valiam de estratégias de sobrevivência no momento da entrevista. Sônia, apesar de ter certa constância na renda (vende bem seus produtos) e de conseguir recursos que considera satisfatórios, não tem assegurada uma condição de conforto diante das incertezas da vida. Ela precisa, a todo o momento, buscar novos itens comercializáveis para evitar que seus clientes enjoem dos seus produtos e parem de comprá-los. Ela consegue garantir seu sustento e o de sua família por meio de táticas. Ela aproveita as ocasiões e depende delas, sem conseguir estocar recursos, aumentar a propriedade e prever saídas (CERTEAU, 1994).

Com exceção de Chico e Ari, os trabalhadores entrevistados encontram-se constantemente em situação de necessidade. Eles conseguem sobreviver e demonstram grande capacidade criativa na transformação de situações em oportunidades de geração de renda por meio de táticas de sobrevivência, no entanto vêm-se a todo o momento presos às circunstâncias, sem conseguir lançar um olhar distanciado para enxergar novas soluções.

Apesar de se diferenciarem quanto ao recurso a táticas e estratégias, todos os nossos entrevistados conseguem, de uma maneira ou de outra, sobreviver por meio das atividades realizadas no mercado informal, e as relações pessoais e a dádiva desempenham um importante papel, nesse sentido, em todas as trajetórias analisadas.

Contudo, alguns trabalhadores, como Ari, Chico, João e Sônia, conseguem muitos e constantes trabalhos no mercado informal. Há certa regularidade na realização desses trabalhos, o que parece prover a eles uma certeza de que não estão desamparados e de que conseguem sobreviver no mercado informal.

No caso dos referidos trabalhadores, a abundância dos trabalhos conseguidos no mercado informal e a marcante presença da dádiva, não somente na obtenção dos

trabalhos, mas também nas relações de trabalho com seus clientes, implicam uma distinta avaliação do mercado informal. Este é percebido como possibilidade de experimentar uma maior pessoalidade nas relações de trabalho, as quais são, então, vividas como muito mais gratificantes, prazerosas e dotadas de significado.

Segundo Nicolas, as trocas por meio da dádiva comportam um aspecto libertador, em oposição à alienação imposta pelo mercado. Ele reforça que é pela dádiva que os parceiros da troca “recriam as condições de uma existência ‘digna de ser vivida’ para eles” (NICOLAS, 2002, p. 60).

Sua autoridade mantém-se unicamente pelo apego garantido ao rito da troca reversiva pelos parceiros comprometidos com a regulação que o rege, sancionados pela festa e pelos efeitos afetivos de um clima de participação que, para eles, ‘não tem preço’. (NICOLAS, 2002, p. 62.)

Durante as análises, enfatizamos a presença de relações interpessoais cimentadas pela dádiva. No entanto, nem só de vinculações desse tipo nossos trabalhadores dependem para sobreviver. São também estabelecidos contatos com a intenção explícita de obter trabalhos e de conseguir clientes. Chico, por exemplo, mostra a necessidade de manter contato com outras pessoas, outros trabalhadores para facilitar que surjam novas oportunidades de trabalho.

Claro, [...] se você não tiver comunicação, te garanto, você pára, você trava. Tem que ter, tem que ter diálogo, comunicação, você tem que ter amizades, sejam elas assim ou assado, independente dela. Aí você falaria para mim, “mas por interesse”. Não, pela sobrevivência. Entendeu? (Chico)

Portanto, contatos pessoais explicitamente interessados na obtenção de trabalho para geração de renda também são importantes para esses trabalhadores, apesar da ênfase dada

à dádiva em nossas análises. Buscamos destacar a dádiva neste estudo para chamar a atenção para a possibilidade de construção de relações mais humanizadas, solidárias e gratificantes no mercado informal, em contraposição à impessoalidade e às relações de exploração e humilhação comumente encontradas no mercado formal.

A cultura do emprego, por sua vez, está presente, em todas as narrativas, na percepção de garantia diante dos acasos da existência, principalmente com relação ao futuro. Seus valores orientam as trajetórias na busca do emprego. Todavia, diante das dificuldades de conseguir uma vaga no mercado formal, a ética do provedor leva os trabalhadores a realizar outras atividades para conseguir renda.

No que diz respeito à ética do trabalho, nossas análises ratificaram a constatação de Zaluar (2000) e Nardi (2006) de que, no Brasil, sua introdução ocorreu sob a forma da ética do provedor. Chico foi o único entrevistado a revelar adesão aos valores da ética do trabalho, além daqueles da ética do provedor. As narrativas dos trabalhadores mostraram a preponderância dos valores da ética do provedor em relação à valorização do trabalho em si, própria da ética protestante do trabalho. Portanto, o respeito pela figura do trabalhador advém, fundamentalmente, do empenho em aumentar a renda familiar e sustentar sua família.

Movidos pela necessidade de sobrevivência, os trabalhadores são levados ao mercado informal e, nesse contexto, alguns trabalhadores, como João, Chico, Ari e Sônia, encontram condições de trabalho favoráveis – como boa remuneração, possibilidade de controle do próprio trabalho, relações mais humanizadas, experiências diversificadas (Chico), ausência de relações hierarquizadas e de humilhação – e constante demanda por seus serviços. A possibilidade de receber mais nos trabalhos no mercado informal, percebida por todos os entrevistados, permite que alguns trabalhadores (Ari e Chico)

vislumbrem a possibilidade de contribuir para o INSS, mediante a realização do registro de autônomo, consolidando uma situação de maior segurança diante dos acasos da existência, principalmente com relação à aposentadoria.

Dessa forma, os valores da cultura do emprego ficam esmaecidos nas trajetórias desses trabalhadores, não há tanto desejo de aderir ao mercado formal e suas estratégias (ou táticas) de sobrevivência não passam pela busca do emprego. Assim, para eles, não há vivência do mercado informal como precariedade.

Outros trabalhadores (Eliza, Evaldo e Cristiane), mesmo ante as dificuldades de adesão ao mercado formal e a crescente precarização do emprego, continuam muito influenciados pela cultura do emprego. É devido à ética do provedor que eles recorrem às atividades no mercado informal, as quais significam precariedade, isolamento e perda das proteções.

Assim, o trabalho inicialmente denominado precário e o emprego ganharam outras dimensões além daquelas que usualmente os acompanham. As vantagens e desvantagens percebidas em cada uma dessas modalidades de inserção no mercado denotaram que nem o trabalho no mercado informal é percebido e vivido apenas como precariedade (trabalho precário), nem o emprego aparece apenas como vínculo seguro e desejável.

Em muitos casos, a precariedade aparece, de fato, bastante associada aos trabalhos no mercado informal. Mesmo percebendo a crescente precarização das condições de trabalho no mercado formal, há forte percepção das vantagens de ter carteira de trabalho assinada, a qual propicia segurança devido ao acesso aos direitos do trabalho. E os trabalhos no mercado informal aparecem relacionados à incerteza e à insegurança.

No entanto, para outras pessoas, aparecem algumas desvantagens do emprego – terceirização dos serviços, baixos salários, exploração, longas jornadas de trabalho,

humilhação, atrasos no pagamento – e algumas vantagens dos trabalhos no mercado informal. Isso sinaliza certa precariedade nos vínculos formais de trabalho e certa positividade nas atividades realizadas no mercado informal.

Como pudemos perceber, é para pessoas como Chico, Ari e Sônia que as noções de emprego e de trabalho no mercado informal ganham novos coloridos. Nesse caso, o desejo de inserção em um emprego fica esmaecido e suas trajetórias de trabalho são estruturadas com base nessas atividades no mercado informal e no estabelecimento de redes de sociabilidade. Há percepção de muitas desvantagens no emprego e de muitas vantagens nos trabalhos no mercado informal – possibilidade de ganhar mais se trabalhar mais, remuneração mais alta em relação aos empregos, pessoalidade e confiança nas relações pessoais, ausência de um chefe e liberdade de se organizar segundo suas próprias necessidades e possibilidades. É no mercado informal que eles percebem a possibilidade de expressar sua capacidade de trabalho e suas habilidades. O mesmo não ocorre nos empregos, que não permitem a revelação de toda a inteligência e da capacidade criativa desses trabalhadores. Além disso, a presença da dádiva possibilita não somente a obtenção de muitos e constantes trabalhos, oferecendo a certeza de que não lhes faltará trabalho; permite, nas relações com os clientes, a vivência de relações de trabalho mais gratificantes e prazerosas.

Os trabalhos no mercado informal aparecem associados a relações de trabalho mais humanizadas e desejáveis, e a percepção das vantagens da segurança proporcionada pelos direitos do trabalho é, de certa forma, superada pelas vantagens e pela segurança que essa forma de participação do mercado de trabalho também pode proporcionar, principalmente pela constância dos trabalhos conseguidos.

Dessa maneira, além das formas habituais de localizar a segurança e a precariedade no mundo do trabalho, despontam outras dimensões: a das atividades no mercado informal representando uma forma de segurança e a do emprego precário. Portanto, a idéia de emprego enquanto relação de trabalho apenas estável, desejada e “não precária” foi questionada, pois foi anunciado que ele também pode ser precário.

Não há a intenção aqui de idealizar o mercado informal de trabalho, já que ele é, em grande medida, precário e instável para a maioria das pessoas que dele dependem para sobreviver. O “se virar” é uma medida paliativa. Nem mesmo pretendemos idealizar a dádiva enquanto garantia de segurança, já que ela também pode ter efeitos perversos⁵⁸.

O que pudemos perceber, com base nesta pesquisa, é que, em meio a toda a precariedade, algumas pessoas conseguem, por meio das redes de sociabilidade e da dádiva, construir, no mercado informal, um ponto de apoio que provê segurança e relações de trabalho mais humanizadas e desejáveis do que nos empregos.

Nesse mercado de trabalho invisível não há apenas precariedade, como poderíamos supor ou como costumamos perceber. Há também muita vida, capacidade criativa e solidariedade.

Não há apenas múltiplos arranjos criados pelos trabalhadores para geração de renda que vão além das configurações mais reconhecidas e visíveis no mercado informal; há também maneiras de se relacionar bem diferentes das que costumamos observar no mercado formal e que permanecem, em grande medida, desconhecidas para a sociedade em geral. Em outras palavras, estamos diante de pessoas que cotidianamente, no mercado

⁵⁸ Neste trabalho, a dádiva só foi considerada em seu funcionamento adequado. No entanto, há também possibilidade de ela ser usada de maneira perversa, causando relações desiguais e exploração.

invisível, inventam e reinventam modos de sobrevivência com os menores e mais inusitados recursos a seu alcance.

9 Referências Bibliográficas

ACKERMANN, K.; AMARAL, M. A.; GERALDES, A. L.; LIMA, T. N.; LOMBARDI JR., M.; MENDES, A.; SCANDIUCCI, G.; SILVA, J. C. B. O desemprego do tempo: narrativas de trabalhadores desempregados em diferentes ambientes sociais. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 8 , n. 1, p.1-27. 2005.

ANDRÉ, M. E. D. A.; LÜDKE, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. 123 p.

ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1995. 158 p.

ANTUNES, R. Mundo do trabalho, precarização e desemprego. In: Marques, R. M. (Org.) *Mercado de trabalho e estabilização*. São Paulo: Educ. 1997. p. 31-35.

ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2000. 258 p.

ANTUNES, R. Não há vagas: especialistas discutem os rumos do mercado de trabalho num mundo onde o desemprego está em alta e prevalecem as contratações informais: depoimento. [25 de janeiro, 2005]. São Paulo: *Caderno Sinapse da Folha de São Paulo*. Entrevista concedida a Estanislau de Freitas.

BEVILAQUA, C. Notas sobre a forma e a razão dos conflitos no mercado de consumo. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 16 n. 1-2, p. 306-334, jan./dez. 2001.

BOURDIEU, P. Compreender. In: _____. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1993/1999. p. 693-713.

BOSI, E. (Org.); WEIL, S. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. 469 p.

BOSI, E. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, A. (Org.). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 2003. p. 16-41.

CACCIAMALI, M. C. Menos empregos, outros trabalhos... mudanças nas políticas públicas. *Informações FIPE SP*, São Paulo, n. 23, p.17-20, fev. 2000a.

CACCIAMALI, M. C. Globalização e processo de informalidade. *Economia e sociedade*, Campinas, n.14, p.153-171, jun. 2000b.

CACCIAMALI, M. C. Informalidade e desemprego: rumo ao reconhecimento da cidadania. *Informações FIPE SP*, São Paulo, n. 243, p. 14-17, dez. 2000c.

CAILLÉ, A. Dádiva e associação. In: MARTINS, P. H. (org) *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 99-136.

CASTEL, R. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Tradução de Iraci D. Poletti. Petrópolis: Vozes, 1998. 611 p.

CIPRIANI, R. Biografia e cultura: da religião à política. In: VON SIMSON, O. M. *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988. p. 106-175.

CHAUÍ, M. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2001. 103 p.

DIAS, W. C. A. *Vidas construídas na terra: o IR e VIR dos trabalhadores rurais*. 1999. 134 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

DIEESE. Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de São Paulo Disponível em: <<http://www.dieese.org.br>>. Acesso em: 10 de mar. 2005.

GODBOUT, J. T. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1999. 270 p.

GONÇALVES FILHO, J. M. Problemas de método em psicologia social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante. In: BOCK, A. M. B. (Org.). *Psicologia e compromisso social*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 193-239.

GONÇALVES FILHO, J. M. *A observação participante e o diário de campo (experiência e narrativa)*. São Paulo: Instituto de Psicologia, 2004. Mimeografado.

GORZ, A. *Adeus ao proletariado: para além do socialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. 204 p.

GUIMARÃES, N.A. Por uma sociologia do desemprego. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Belo Horizonte, v. 17, n. 50, p. 103-119, out. 2002.

JAHODA, M. Mirando hacia atras y mirando hacia delante. In: _____. *Empleo y desempleo: un análisis sociopsicológico*. Madrid: Morata, 1987. p. 119-141.

JAKOBSEN, K. Apresentação. In: JAKOBSEN, K., MARTINS, R., DOMBROWSKI, O. (Orgs.) *Mapa do trabalho informal: perfil socioeconômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000. p. 5-6.

JARDIM, F. A. A. *Entre o desalento e a invenção: experiências de desemprego em São Paulo*. 2004. 285 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2004.

LANIANO, R. N. Troca e reciprocidade no campo da cultura política. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 16, n. 1-2, p. 222-244, jan./dez. 2001.

LESSA, S. *O mundo dos homens: trabalho e ser social*. São Paulo: Boitempo, 2002. 288 p.

MACIOTI, M. I. Vida cotidiana. In: VON SIMSON, O. M. *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988. p. 177-192.

MATTOSO, J. E. L. Trabalho sob fogo cruzado. *Perspectiva*, São Paulo, v. 8, n. 1, p.13-21, 1994.

MÉDA, D. *Le Travail*. Paris: Universitaires de France, 2004.

MORTADA, S.; SALVITTI, A.; TAVARES, D. S.; VIÉGAS, L. S. O trabalho do camelô: trajetória profissional e cotidiano. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, n. 2 p.1-23, 1999.

MAUSS, M. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: 70, 1988. 209 p.

NARDI, H. C. A propriedade social como suporte da existência: a crise do individualismo moderno e os modos de subjetivação contemporâneos. *Psicologia e Sociedade*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 37-56, jan./jun. 2003.

NARDI, H. C. *Ética, trabalho e subjetividade*, Porto Alegre: UFRGS, 2006. 222 p.

NICOLAS, G. O dom ritual, face velada da modernidade. In: MARTINS, P. H, (org) *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 33-62.

OFFE, C. *Capitalismo desorganizado*. São Paulo, Brasiliense, 1989. 322 p.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, O. M. *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

SEADE. Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de São Paulo Disponível em: <<http://www.seade.gov.br>>. Acesso em: 10 de mar. 2005.

SELIGMANN-SILVA, E. A interface desemprego prolongado e saúde psicossocial. In: FILHO, J. F. S.; JARDIM, S. (Orgs.) *A danação do trabalho: organização do trabalho e sofrimento psíquico*. Rio de Janeiro: Te Corá, 1997. p. 19-64.

SPINK, P. A forma do informal. In: *Psicologia e Sociedade*, São Paulo, ano 5, n. 7, p. 99-107, set. de 1989.

ZALUAR, A. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2000. 265 p.